



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

JUAN MANUEL OTALORA VILLAMIL

O espaço em territórios com plantios de coca na América Latina: o caso
de San Jose do Guaviare – Colômbia.

**FLORIANÓPOLIS
2010**

JUAN MANUEL OTALORA VILLAMIL

O espaço em territórios com plantios de coca na América Latina: o caso de San Jose do Guaviare – Colômbia.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Idaleto Malvezzi Aued

FLORIANÓPOLIS-SC
2010

Ficha catalográfica

Elaborada na Biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina

O87e Otálora Villamil, Juan Manuel

O espaço em territórios com plantios de coca na América latina: o caso de San Jose do Guaviare, Colômbia /

Juan Manuel Otálora Villamil ; orientador, Idaleto Malvezzi Aued. - Florianópolis, 2010.

183 p.: il., graf., tabs.;

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Inclui bibliografia

1. Geografia. 2. Espaços públicos - Colômbia. 3. Tráfico de drogas. 4. Conflito social. I. Aued, Idaleto Malvezzi. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Geografia. III. Título.

CDU: 913

RESUMO

Contrário a observar o tráfico de substâncias entorpecentes (narcotráfico) como um fenômeno isolado ou externo a ordem natural do modo de produção capitalista, nesta dissertação assumimos o papel do narcotráfico como uma eficiente expressão do desenvolvimento atual das forças produtivas e do intercâmbio entre os homens. Assim, a complexa estrutura deste fenômeno, ainda que em condições ilegais, tem ocupado papel fundamental na conformação do espaço geográfico na América Latina e, especialmente, no âmbito da produção da folha de coca, insumo básico para a produção de cocaína nos países produtores da região. Teoricamente partimos da tese de pós-doutorado de Idaletto Malvezzi Aued, que evidencia como a expressão fundamental do modo de produção capitalista no século XXI é a dificuldade/impossibilidade dos homens em se reproduzirem, biológica e socialmente, diante da reafirmação degenerativa do Capital. Tal fato se explicita na dinâmica do narcotráfico, a qual revoluciona e acelera a incorporação de novos territórios em todas as partes da Terra, se apropriando e subjugando as velhas formas nas quais os homens se reproduzem, e colocando sobre o mesmo patamar universal as formas de fazer o espaço geográfico. Desta forma, a universalidade da racionalidade capitalista se explicita singularmente na região de San Jose del Guaviare – Colômbia, importante território produtor de folha de coca e de cocaína desde 1970. Onde o narcotráfico se transforma em um motor fundamental para a conformação do espaço: (1) destruiu as primeiras formas de reprodução dos colonos e os indígenas; (2) por um lado desenvolveu a constituição de uma nova e emergente classe latifundiária e, por outro, um imenso contingente de homens deslocados, expulsos da estrutura do capital; (3) alguns homens organizados permanecem lutando pela efetivação material da vida, apesar do conflito que se manifesta na Colômbia desde 1950.

Palavras-chave: Espaço, Coca, Colômbia

ABSTRACT

Not watching the traffic of dulling substances (drug trafficking) as an isolated phenomena, external to the natural order of the capitalist way of production, in this dissertation we assume the role of drug trafficking as an efficient expression of the actual development of the productive and the exchange forces between men. So, a complex structure of this phenomena, although in illegal conditions, has occupied a fundamental part in the shaping of the geographic space in Latin America, and specially in the field of the production of coca leaves, basic supply for the production of cocaine in the countries of the region. Theoretically we start from the post-doctorate thesis of Idaletto Malvezzi Aued, which shows how the fundamental expression of the capitalist way of production in the XXI century is the difficulty/impossibility for men to reproduce, biologically and socially, facing the degenerative reaffirmation of the Capital. Such a fact explicates itself in the drug trafficking dynamics, which revolutions and accelerates the incorporation of new territories all around the Earth, appropriating and subjugating the old ways men have to reproduce, and putting on the same universal level the ways of making the geographic space. This way, the universality of capitalist rationality is singularly explicited in the region of San José del Guaviare – Colombia, important territory for the production of coca leaves and cocaine since 1970. Here drug trafficking becomes a fundamental engine for the shaping of space: (1) it destroyed the first ways of reproduction of settlers and indigenous people; (2) it developed the constitution of a new and emerging landowner class, and also of a huge contingent of displaced men, expelled from the structure of the capital; (3) some organized men keep on fighting for the material fulfillment of life, despite the conflict manifested in Colombia since 1950.

Keywords: Espace, Coca, Colombia

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Áreas plantadas com coca na América do Sul.....	50
Figura 2: Folha de coca <i>Erythroxylum</i>	51
Figura 3: As forças da política boliviana num programa	53
Figura 4: Histórico das áreas plantadas com coca no território peruano.....	57
Figura 5: Produção de cocaína no Peru (kg/ha)	59
Figura 6: Porcentagem da distribuição da população colombiana	62
Figura 7: Território colombiano e divisão política-administrativa.....	65
Figura 8: Número de hectares plantados com coca na Colômbia (ha)	67
Figura 9: Centros urbanos da região Amazônica colombiana.....	105
Figura 10: Ponte sobre o Rio Guaviare.....	106
Figura 11: Centro urbano de San Jose del Guaviare.....	107
Figura 12: Rua central de San Jose del Guaviare.....	108
Figura 13: Praça central de San Jose del Guaviare.....	109
Figura 14: Monumento aos Colonos.....	109
Figura 15: Danças folclóricas, Joropo	110
Figura 16: Transporte fluvial.....	110
Figura 17: Recepção e expulsão de habitantes (deslocados pela guerra).....	114
Figura 18: Mapa do uso do solo, San Jose del Guaviare;	146
Figura 19: Rodovia San Jose - Calamar.....	148
Figura 20: Casa de Campones.....	149
Figura 21: Danos causados pelas pulverizações com glifosato.....	152
Figura 22: Caminho aos Plantios	153
Figura 23: Plantio de coca.....	154
Figura 24: Barraco para processamento da folha.....	154
Figura 25: Plantios de abacaxi ,como parte dos programas de substituição.....	155
Figura 26: Produção de gado, como parte dos programas de substituição.....	156
Figura 27: Trocha Ganadera.....	156
Figura 28: Indígenas Guayaberos deslocados.....	159
Figura 29: Indígenas dialogando com os funcionários de Acción Social.....	160
Figura 30: Preparação da farinha de mandioca.....	161
Figura 31: Mulher Nukák	163
Figura 32: Maria	164

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Estabelecimentos de San Jose del Guaviare.	111
Quadro 2: Organograma da produção e circulação da base de cocaína.	141

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	37
CAPÍTULO I.....	25
1.1 O ESPAÇO DOS HOMENS.....	25
1.2 O ESPAÇO COMO TOTALIDADE.....	29
1.3 O ESPAÇO DOS HOMENS MEDIADO PELO CAPITAL.....	31
1.4 MOVIMENTAÇÕES DOS HOMENS DIANTE DA REAFIRMAÇÃO DEGENERATIVA DO CAPITAL.....	35
1.5 A UNIVERSALIZAÇÃO DO ESPAÇO DOS HOMENS MEDIADO PELAS RELAÇÕES BURGUESAS.....	39
1.6 A APREENSÃO SINGULAR DO ESPAÇO DA REGIÃO DO GUAVIARE NA COLÔMBIA.....	42
1.7 O NARCOTRÁFICO E SEU PAPEL NA CONSTITUIÇÃO DO ESPAÇO NA AMÉRICA LATINA.....	45
1.7.1 Espaços avançados do narcotráfico.....	46
1.7.1.1 Bolívia e Peru, a constituição do espaço entre o legal e o legítimo.....	50
1.7.1.2 Colômbia: a universalização acabada do capital degenerativo.....	60
CAPÍTULO II.....	76
2.1 A MATRIZ BÁSICA DE REPRODUÇÃO DO CAPITAL E O CAMINHO DE SUA NEGAÇÃO.....	77
2.2 CONFIGURAÇÕES ESPACIAL E TEMPORAL DOS VETORES DO CAPITAL NO SÉCULO XXI.....	79
2.3 A CONSTITUIÇÃO DO SER SOCIAL.....	87
2.4 PRIMEIRO MOMENTO, A MANUFATURA.....	89
2.5 SEGUNDO MOMENTO, A GRANDE INDÚSTRIA.....	93
CAPÍTULO III.....	102
3.1 LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA DE SAN JOSE DO GUAVIARE.....	104

3.2 ANTECEDENTES E INCORPORAÇÃO DA REGIÃO AMAZÔNICA COLOMBIANA PELO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA.....	120
3.3 A GEOGRAFIA DA COCA.....	138
3.4 A GEOGRAFIA DO MEDO.....	147
3.5 A GEOGRAFIA DA TRISTEZA.....	157
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	165
REFERÊNCIAS.....	177

INTRODUÇÃO

Contrariamente aos prenúncios de céus e infernos sociais que marcaram os caminhos da história no século passado, que levaram vários profetas a anunciar com preclaro o fim da história para os homens¹, com a chegada do século XXI como a realização das promessas feitas pelos evangelhos do capital, a realidade desta primeira década parece estar cada vez mais longe da outrora harmônica paisagem desenhada.

As evidências deste século que se inicia parecem contrariar as proclamações do paraíso na terra, pois as contradições das relações sociais mediadas pelo capital são cada vez mais intensas e antagonicas no tempo e no espaço, com custos humanos e ambientais cada vez maiores. O século nos recebe com mais uma crise do capital em sua esfera financeira², com o desemprego em aumento nos países centrais³ e periféricos, com uma crise ambiental e alimentar, apesar da enorme quantidade de comida produzida⁴, e, finalmente, com o desenvolvimento de novos conflitos armados (além da intensificação dos já velhos), que inauguram a crua realidade desta primeira década do século XXI.

Desde que o capital tomou conta do espaço, desde suas primeiras formas no século XVI e XVII, no velho continente, desde sua violenta ascensão nos séculos XVIII e XIX, pelo florescimento da revolução industrial e seu posterior espalhamento pelo mundo, até chegar aos nossos tempos modernos, os conflitos e as crises foram intrínsecos de sua própria estrutura. Porém, na palestra da história, para os ideólogos do capital, estes eventos apareciam como simples desvios ou reacomodações ao caminho de aperfeiçoamento do mundo burguês, e as lutas dos trabalhadores como algumas simples e passageiras consequências, quase anormalidades que seriam solucionadas pelo próprio desenvolvimento do capital. Não obstante, estas “anormalidades

¹ Refirimo-nos, principalmente, ao livro *O fim da história e o último homem* de Francis Fukuyama.

² Derrocada dos principais bancos, a exemplo, nos Estados Unidos de América (EUA), do *Bear Stearns*, *Merrill Lynch* e do *Lehman Brother*, no final do ano 2008.

³ Em junho de 2008, o parlamento Europeu aprovou a lei “diretiva do retorno” para eliminar a pressão pelo emprego. Na Espanha, pretende-se expulsar 1 milhão de trabalhadores, principalmente Latino americanos. Os EUA, por exemplo, atingiram uma cifra histórica, superior a 6%. Segundo o relatório do Departamento de Trabalho, só em novembro do ano passado, foram suprimidos 533.000 empregos.

⁴ A fome, segundo dados da Organização das Nações Unidas Para a Agricultura e Alimentação (FAO), atinge mais de 40 países e 1 bilhão de pessoas. No ano 2008, várias revoltas geradas estritamente pela fome aconteceram no mundo.

do século XX”⁵, separadas e afastadas – e que apenas na aparência são fatos isolados –, passaram e passam a se juntar e a se fundar e, dialeticamente, a se expressar de forma conspícua, na mesma medida em que maior é o grau de desenvolvimento das forças produtivas e o intercâmbio entre os homens.

Assim, o século XXI acorda ante uma inevitável ressaca. O modo burguês de produção se mostra cada vez mais impossibilitado (ou como uma dificuldade) para resolver o problema da existência de um contingente cada vez maior de homens, os quais, por sua vez, iniciam seus êxodos e lutas cotidianas à procura de respostas para sua sobrevivência. Sobre este patamar o leitor não encontrará um discurso baseado na existência de velhas hegemonias contra as novas emancipações, ou o local e o global se confrontando antagonicamente como “duas extremidades de uma nova dialética”; pelo contrário, o que o leitor encontrará é uma proposta de apreensão da materialidade através da observação das formas pelas quais os homens cotidianamente vivem. De uma destas formas específicas, materializada em San Jose del Guaviare – Colômbia, afirmamos que as evidências empíricas de como

⁵ Do século XX, dois fatos marcantes se expressaram como especificidades e legados (AUED, 1996), a criação e desestruturação da União de Republicas Socialistas Soviéticas (URSS) e a reestruturação produtiva da sociedade capitalista na década de 60. O primeiro fato, o processo socialista soviético inspirou e alentou direta ou indiretamente muitos dos processos sociais de resistência, luta e transformação do sistema capitalista, em diferentes regiões e nações do planeta. A luta pela construção de uma nova forma de reprodução social concebeu, pela primeira vez, uma sociedade na qual a apropriação da riqueza era feita pela propriedade social em detrimento da propriedade privada. Na metade do século XX, o controle político e social de um sexto do território e de um terço da humanidade estava sob o poder de partidos ou de organizações denominadas de comunistas ou socialistas – a economia estatal planejada surgia nesse momento como oposição “natural” ao capitalismo. Mas, uma vez terminada a segunda grande guerra, o mundo se ocuparia da devastação gerada, principalmente, nos territórios da Europa e da Ásia, e, nestas condições, o desenvolvimento capitalista entraria numa ascendente fase de recuperação, que foi denominada dos “trinta anos gloriosos”, período de altas taxas de crescimento econômico e que cumpriu várias tarefas históricas como, principalmente, a consolidação dos EUA como a principal potência econômica do mundo, além do deslocamento de vários dos conflitos dos países centrais para os países do terceiro mundo, em uma nova reorganização geográfica. No final da década de 1960, a forma da base produtiva dos países industrializados que daria certa estabilidade ao sistema começou a se esgotar, mostrando os primeiros sinais da crise que afloraria no ano de 1973. Os capitalistas denominaram esta crise como sendo de “esgotamento do modelo de Estado *Keynesiano*” e do padrão de produção, fazendo necessárias mudanças em sua estrutura. Neste sentido, as seguintes décadas serviram para a implementação e desenvolvimento político, econômico e social do modelo chamado de Neoliberal, como segundo legado histórico do século XX. Desta forma, enquanto a URSS terminava seu processo de desmantelamento (1985-1991), as políticas neoliberais encabeçadas principalmente pelos EUA e pela Inglaterra se expandiam geograficamente, no carro da globalização. O século XX despediu-se com os fatos da integração da Europa do Leste, do crescimento econômico da China e da Índia, das guerras no golfo pérsico, dos conflitos internos na África e, finalmente, do crescimento do desemprego como nunca antes visto.

os homens se reproduzem no momento presente estão mediadas universalmente pelas formas burguesas, em um mundo onde singularmente se explicitam e se confrontam a riqueza e a miséria como parte de uma mesma materialidade em qualquer canto e território. Independente das vontades e desejos, os homens intentam produzir e reproduzir sua existência e seu espaço com as condições do presente, revivendo continuamente aquela mesma história que supostamente tinha morrido algumas décadas atrás.

Metodologicamente, o trabalho está dividido em três capítulos, além das considerações finais. O primeiro aborda a formação do espaço humano como nosso alvo de estudo na geografia, sob o pressuposto de observar como os *homens históricos reais*⁶, através das práxis cotidianas, criam as condições básicas para se reproduzir biológica e socialmente. Neste processo, os homens, quando satisfazem suas necessidades primárias, dialeticamente estabelecem um movimento na forma como produzem sua vida, se afastando de sua condição natural e constituindo um espaço cada vez mais social, humano. Neste sentido, o desenvolvimento do espaço social, correspondente ao desenvolvimento das forças produtivas e ao intercâmbio entre os homens no momento presente, universalmente, se encontra mediado pelas relações de tipo burguês.

Assim, procuramos nos apropriar das transformações geográficas feitas pelos homens de uma forma não-categórica, procurando entender as movimentações destes homens diante da reprodução degenerativa do espaço mediado pelas formas burguesas. Portanto, ante a impossibilidade/dificuldade de voltar às velhas formas de produzir a vida e ante a universalidade da propriedade privada que impede o acesso aos meios de produção, os homens se movimentam; ou confrontam a riqueza ou mendigam para viver.

Estes confrontos, experiências, fatos ainda que provisórios e fugazes no tempo, representam o novo? Desta forma, procuramos nas próprias entranhas das relações sociais mediadas pelo capital os elementos que surgem e que possam nos indicar os caminhos e descaminhos para outras possíveis formas de reprodução social, os espaços transitórios.

Sobre este patamar teórico, abordamos o tráfico de substâncias entorpecentes, as “drogas”, como uma expressão viva e universal do

⁶ Para Marx (1976), em sua crítica ao materialismo de Feuerbach, os homens não devem ser compreendidos como “objeto sensível”, mas como “atividade sensível”, como produto histórico de uma série de gerações. Quer dizer, troca-se o “homem” objeto, pelo homem da práxis, pelos homens históricos reais.

modo de produção capitalista. A partir deste ponto, analisamos o papel histórico do narcotráfico, ainda que em condições juridicamente ilegais, na conformação do espaço na América Latina. Sobre esta complexa estrutura que abrange o tráfico de drogas, enfocamos especialmente o âmbito da produção de folha de coca, insumo fundamental para a produção de cocaína nos países produtores da região. Da mesma forma, abordamos – em um primeiro momento – a região de San Jose del Guaviare – Colômbia como uma das regiões de maior tradição na produção de coca e de cocaína no mundo e explicitamos como os elementos do espaço burguês se expressam singularmente nesta região.

O segundo capítulo explicita dois importantes elementos sobre os quais metodologicamente desenvolvemos nossa leitura do espaço geográfico. O primeiro item procura explicitar o processo de desenvolvimento da matriz da reprodução do capital, descrevendo como seus elementos históricos se expressam espacialmente no século XXI. Desta forma procuramos no próprio processo de reprodução do capital os elementos materiais-históricos que lhe negam e que indicam o novo, elementos para sua superação.

Nosso segundo item, esta baseado sobre a constituição histórica e espacial do ser social, o qual se estabelece pelas formas objetivas em que os homens constituem sua base material. Com base em Marx, explicitamos dois grandes momentos a partir da decomposição do ofício e do artesanato, o primeiro a manufatura e o segundo a grande indústria, que se elevam através do desenvolvimento da base material e graus de cooperação entre os homens.

O terceiro capítulo está baseado nas experiências (entrevistas) coletadas em duas visitas ao Departamento do Guaviare durante os meses de março e abril de 2008, a primeira feita no centro urbano de San Jose do Guaviare e em algumas zonas rurais, a segunda numa região perto do Alto Guayabero. Assim, o capítulo inicia registrando o caminho feito de Bogotá a San Jose del Guaviare na primeira viagem. Dando continuidade, descrevemos alguns aspectos históricos das formas pelas quais a região foi incorporada ao restante da economia colombiana e finalizamos com os relatos constituídos a partir das visitas, os relatórios de campo e algumas entrevistas feitas com deslocados, camponeses indígenas e colonos e alguns membros das instituições colombianas. Metodologicamente, organizamos nossa apreensão da realidade a partir das formas pelas quais os homens que habitam a região do Guaviare – Colômbia constituem seu espaço, especialmente nas zonas com presença de cultivos ilícitos.

Finalmente, à maneira de síntese, trazemos nas considerações finais os elementos discutidos sobre o tráfico na constituição do espaço na América Latina, reconhecendo seu importante papel na história dos 3 países produtores e, no caso de Colômbia, o caso de estudo em San Jose del Guaviare.

CAPÍTULO I

1.1 O ESPAÇO DOS HOMENS

Conforme Marx (1983), desde o início, a primeira ação individual de todo homem tem sido a reprodução de sua própria existência biológica, em meio à natureza e através de sua própria natureza⁷. No primeiro ato histórico, ainda como um ser social incipiente, o homem identificaria-se com o seu meio externo, “não corpóreo”, segundo suas necessidades básicas pré-idealizadas. No ato seguinte, o homem “corpóreo” se auto-transformaria, criando e melhorando suas formas internas, “corpóreas”, na forma de se relacionar com seu meio externo. Consequentemente, no terceiro ato, criaria novas condições externas, “não-corpóreas”, convertendo esta ação de três atos em um processo transformador e metabólico de si mesmo e de seu entorno; trataria-se do ato absoluto dos homens, a criação do espaço humano, social.

Não obstante, na discussão teórica da geografia, o espaço humano, como forma de se apropriar da realidade conceitual foi desenvolvido somente na medida em que esta área social trocou seu interesse pela descrição das formas das coisas pela busca da razão mesma de sua existência. Santos (1979) afirma que: “o domínio da geografia era o mundo das coisas já cristalizadas, não era o mundo das dinâmicas sociais que recriam e transformam as formas e objetos”.

Neste sentido, a apropriação da realidade geográfica não passava da descrição e da quantificação das aparências das coisas e dos objetos. A geografia era estática, não procurava as relações gerais no concreto, em como os homens se relacionavam entre si e com seu entorno de forma histórica, em como se produzia o espaço humano no cotidiano. Assim, o espaço era um pressuposto, um ente abstrato.

Esta visão conceitual “do fazer espaço” percorreu seu próprio caminho e, como todas as outras ciências, cumpriu seu papel dentro do modo de produção imperante em certo momento da história. Nas palavras de Santos (1986, p.14), descrevendo o objeto da velha geografia, “foi justamente de um lado, esconder o papel do Estado, bem como o das classes na organização da sociedade e do espaço”. Desta forma, a geografia sucumbiu aos interesses dos grupos sociais

⁷ Não existe uma unidade epistemológica que explicita o termo natureza em sua totalidade. Em nossa proposta, a natureza e a sociedade não são coisas diferentes ou separadas, a práxis dos homens é a síntese histórica materializada desta aparente contradição, que em palavras do geógrafo Santos (1992), se expressaria como de uma segunda Natureza.

dominantes e foi utilizada como mais uma ferramenta para o domínio e expansão da racionalidade do capital.

Nosso enfoque geográfico está baseado na premissa de entender que todo o espaço reconhecido⁸ representa as diferentes relações estabelecidas pelos homens entre si e destes com o seu entorno, expressando as diferentes maneiras e formas que os homens desenvolveram para se perpetuar como espécie, em cada lugar e em cada momento de sua história “o homem escolhia em torno, naquele seu quinhão de Natureza, o que lhe podia ser útil para a renovação de sua vida: espécies animais e vegetais, pedras, árvores, florestas, rios, feições geológicas”. (SANTOS,1992, p.96).

A este conjunto de relações que se constituem entre os seres humanos e destes para com seu entorno, em busca de sua própria reprodução e existência, denominamos trabalho. O trabalho como um processo determinado e objetivo, mediador dos homens entre si e destes para com a natureza externa. Quando os homens transformam a natureza produzindo os meios e objetos básicos que precisam para se reproduzir, se transformam conscientemente a si mesmos e através do processo de produção se objetivam na matéria natural. Assim, a racionalidade humana desde seus inícios se objetiva, transforma e cria uma nova natureza pelo processo de trabalho⁹, desde as formas mais rudimentares às formas mais modernas e complexas, de modo que, nas palavras de Santos, “o ato de produzir é igualmente o ato de produzir espaço”. (SANTOS, 1986, p.161).

Ao se resolver através da produção suas necessidades básicas¹⁰, o homem como espécie pôde criar novas e complexas necessidades, da

⁸ Neste sentido, para Correa (1995), o espaço geográfico e sua organização espacial reconhecida são “também um objeto, uma materialidade social”.

⁹ No processo do trabalho, os homens obtêm como resultado um objeto-ação que já teve início na imaginação do trabalhador por meio da prévia ideação e de um meio de trabalho, assim o processo de trabalho é a síntese do *material de trabalho*, o *meio de trabalho* e o *trabalho vivo*; para Marx (1983, p.150): “ele (o produtor direto, o trabalhador), não apenas efetua uma transformação da forma da matéria natural; realiza a mesmo tempo, na matéria natural seu objetivo, que ele sabe que determina, como lei, a espécie e o modo de sua atividade e ao qual tem de subordinar sua vontade”.

¹⁰ Para Marx e Engels (2007, p.33-34), existem cinco atos que eles denominam como “relações históricas originárias”. O primeiro é a produção dos meios básicos de vida, o que quer dizer, para a produção da própria vida material. O segundo, se explicitaria como o resultado do primeiro, a condução do ser humano à criação de novas necessidades. O terceiro ato é sua procriação biológica e a constituição da família “que no início constitui a única relação social, torna-se mais tarde, quando as necessidades aumentadas criam novas relações sociais e o crescimento da população gera novas necessidades, uma relação secundária”. Assim, o quarto aspecto, se refere diretamente à produção da vida, “tanto da própria no trabalho, quanto da alheia, na procriação, aparece desde já como uma relação dupla – de um lado, como relação

caça à agricultura, das senhas com as mãos à escrita, da linguagem à cultura. O crescimento populacional seria, então, resultado dos excedentes da riqueza material produzidos. As necessidades individuais seriam necessidades grupais, familiares, tribais, de maneira que novas configurações, ritmos, de se relacionar entre os grupos de homens teriam emergido (e destes, por sua vez) com seu meio natural, constituindo “o local”, isto é, formas particulares de produzir-se.

A criação do espaço seria uma atividade coletiva, criadora da realidade social; o espaço, assim, modificar-se-ia como expressão materializada a cada vez que mudassem as formas de produção dos próprios homens.

As maneiras de produzir mudam; as relações entre o homem e a natureza mudam; a distribuição dos objetos criados pelo homem para poder produzir e assim reproduzir sua própria vida podem igualmente mudar. Basta que uma nova planta seja domesticada e incorporada à produção para que se imponha um novo comando sobre o tempo; e isso impõe ao mesmo tempo localizações novas, isto é uma nova organização do espaço. (SANTOS, 1986, p.163).

Assim, se podemos identificar um elemento comum a todos os modos de produção, uma estrutura genética das diferentes maneiras dos seres humanos se reproduzirem, seria o ato diário e primário de satisfazer suas necessidades básicas. Deste modo, o espaço, “através do tempo, se comporta como um todo, a transformação do espaço natural em espaço produtivo é o resultado de uma série de decisões e escolhas historicamente determinadas”. (SANTOS, 1979).

Se, para Santos (1982), o espaço “constitui a mais representativa das objetivações da sociedade, pois acumula no decurso do tempo, marcas das práxis acumuladas”, não são as condições ou escolhas historicamente acumuladas e determinadas dos homens as que definem

natural, de outro, como relação social”. Assim, os mesmos fios sexuais, familiares e laborais que unem e constituem as relações que juntam os homens a diferentes graus de cooperação, também os dividem na produção material de suas próprias vidas e é neste processo que essa primeira consciência grudada ao processo material e individual é exacerbada pela possibilidade da criação do “*trabalho espiritual*”. É “a partir deste momento que a consciência pode realmente imaginar ser outra coisa diferente da consciência da práxis existente”, dando a possibilidade do desenvolvimento da teoria e da ideologia; desta forma o quinto ato se expressa como uma síntese das formas como os homens organizam e produzem suas vidas de forma cooperada.

o momento presente, pelo contrário, é o trabalho presente que dá vida às ações e ao trabalho passado. Como diz Marx (1983, p.153), “o trabalho vivo deve apoderar-se das coisas, despertá-las entre os mortos”. Por isso, o espaço somente completa-se quando o trabalho presente valida a história do desenvolvimento das forças produtivas e das relações sociais de produção.

Assim, entendemos o espaço como resultado e pressuposto da produção social em cada momento historicamente determinado. Toda ação, toda criação dos seres humanos somente readquirirá vida na medida em que é utilizada, assim, uma faca como utensílio qualquer – no exemplo mais simples de produção social – usada para cortar o pão no café da manhã adquire vida por seu uso diário. Se fosse o contrário, ela sucumbiria à ferrugem, caso guardada na prateleira, pelo simples contato com o oxigênio da atmosfera. Dessa forma, cidades, rodovias e toda produção espacial mais complexa permanecem como evidência da práxis histórica dos homens, sempre validada pelo trabalho presente.

As práxis dos homens no presente são as que dão vida ao espaço, certificam, transformam e recriam, ou condenam à morte o trabalho anterior dos homens. Assim, nossa noção de espaço é fruto da dinâmica dos homens ao produzirem sua existência em mudança permanente. Concebemos o espaço como a possibilidade material das transformações do pretérito, pelas ações do presente – *o livre arbítrio do presente* – dos homens conscientes historicamente determinados.

Por conseguinte, o conceito operacional em nossa apreensão do espaço são todas as formas pelas quais os homens cotidianamente se reproduzem como seres vivos, sociais, e como, através deste movimento, validam as práxis do passado com suas práxis do presente. Assim, cada um dos elos da história dos homens estaria sintetizado em todo objeto e toda relação de produto de seu trabalho presente, a diária gênese do espaço seria a primeira e permanente condição da vida de cada homem em sociedade. Portanto, a base para nossa pesquisa fundamentalmente procura descrever como se explicitam os elementos do presente, o movimento das formas e das relações pelas quais se constrói e se desconstrói o espaço dos homens.

1.2 O ESPAÇO COMO TOTALIDADE

Assim, desde o início da humanidade sobre a terra¹¹ – em nosso lócus natural humanizado¹² – a primeira expressão universal entre os homens, ainda que em suas formas mais rudimentares, teria sido o ato de produção. Desde que os homens se diferenciaram das outras espécies, como os primeiros vertebrados que adquirem consciência de si mesmos e de seu meio sensível, desde que suas mãos evoluíram junto com sua cabeça e eles ficaram erguidos, desde que sua estrutura genética se expressou totalmente afastando-o de sua condição animal, o ato da produção humana virou um ato único de sua espécie, com o homem consciente inicia a história¹³ e também o espaço.

Embora as formas pelas quais os homens coletaram as primeiras frutas ou construíram suas primeiras casas obedecessem às condições específicas e naturais de cada lugar, estas práticas, que inicialmente pouco os diferenciariam dos outros animais, começariam a ganhar maiores níveis de complexidade. Com as primeiras plantações e domesticações dos primeiros animais, o homem consciente teria iniciado um desprendimento gradual da onipotente natureza, passando a ser o moldador daquele objeto do qual teria se “afastado”. A partir deste momento, deixaria de ser suficiente entender o lócus da terra como a convergência equilibrada e neutra entre os diferentes fatores físicos, biológicos e humanos¹⁴. Em nossa concepção geográfica, o fazer dos homens constitui o fator fundamental da formação do espaço.

Ao asseverar esta premissa, não estaríamos afirmando que os fatores de tipo biológico ou físicos que fazem parte da paisagem não

¹¹ Para Morin (1995), na diáspora do *Homo Sapiens*, iniciada há 130 mil anos, espalhou-se pela África e a Eurásia, atravessou o estreito de Behring há cem mil anos, chegou à Austrália e a Nova Guiné há quarenta mil anos, e finalmente povoou as ilhas da Polinésia, há alguns milhares de anos antes de nossa era.

¹² Referimo-nos aqui as condições concretas da natureza (topografia, plantas animais, etc.) em cada ponto da Terra. Onde cada grupo de homens, através do processo de trabalho, se confronta com as condições locais diferenciadas.

¹³ Para Engels (1969, p.26), “também os animais tem uma história: a de sua descendência e estado gradual até seu estado atual. Mas, essa história é feita para eles e, na medida em que eles mesmos dela participam, se realiza sem que saibam ou queiram”.

¹⁴ Choley (1964, p.270-271) propõe estas três grandes categorias como objetos para a apreensão da realidade geográfica, onde se “procura determinar os caracteres dessa combinação e as razões da convergência dos elementos que a compõem a repartição ou a frequência dessa mesma combinação na superfície do globo”. Neste sentido, a organização do espaço, para Choley, apresenta uma construção empirista e quase harmônica. Contudo, em palavras de Correa (1995, p.55), “a ideia de harmonia não é adequada às sociedades estruturadas em classes sociais”.

participariam da conformação do espaço humano como tal, ao contrário, significaria que a constituição de elementos como a topografia, o clima, o solo e incluso a evolução das outras espécies animais e vegetais não podem ser compreendidas, ou analisadas, sem a direta ou indireta participação dos seres humanos na produção material de sua existência. Assim, quando nos referimos ao espaço geográfico, afirmamos que não seria outra coisa senão a natureza humanizada, a qual não pode ser apreendida através de uma epistemologia dogmática e imóvel, ou através de uma série de categorias¹⁵ isoladas e estáticas. Para nós, como afirma Marx (1976, p.85), “as categorias são só uma expressão teórica do movimento histórico das relações de produção”, desta forma, as categorias não têm uma ordem espacial natural determinada, não são independentes entre si e, finalmente, não são hierarquias historicamente sucedidas.

Nossa proposta de apreensão da realidade superaria e incorporaria as categorias como sendo a expressão histórica das partes ou dos componentes da sociedade através da totalidade. Desta maneira, cada relação social e cada forma de produção são assumidas como uma porção de um todo indissolúvel que pertencem a uma mesma simultaneidade histórica.

Segundo essa ideia, todas as coisas presentes no Universo formam uma unidade. Cada coisa nada mais é que parte da unidade do todo, mas a totalidade não é uma simples soma das partes. As partes que formam no bastam para explicar-la. Ao contrário, é a totalidade que explica as partes. (SANTOS, 2002).

Assim sendo, nossa proposta está limitada pelo desenvolvimento das forças produtivas em função de – ainda que com o conhecimento social mais avançado – existir uma colossal desproporção com a ordem real das coisas; a esta ordem real e própria das coisas em cada determinado momento histórico, Kosik (1967) chamou de “totalidade concreta”.

Nesta medida, o espaço como totalidade expressa o conjunto de relações e elementos que constituem o espaço humano, como o grande arcabouço que tem seu berço nas formas cotidianas pelas quais os homens reais se reproduzem.

¹⁵ Para Marx (1976, p.85), as categorias não devem ser vistas como “ideias e pensamentos espontâneos, independentes das relações reais”, provenientes da razão pura.

1.3 O ESPAÇO DOS HOMENS MEDIADO PELO CAPITAL

A história da humanidade se explicitaria nas diferentes formas pelas quais os seres humanos reproduzem sua vida em cada momento histórico, portanto, o espaço dos homens necessitaria ser aprendido, partindo das formas materiais e sociais nas quais os homens criam e recriam suas condições básicas, para viver no dia-a-dia. Nesta ordem, as condições do desenvolvimento das formas passadas demandariam ser aprendidas a partir dos elementos mais explicitados na história social e material da humanidade. Para Marx, somente a partir do entendimento das formas dinâmicas da sociedade burguesa seria possível entender a causa do movimento histórico e espacial dos homens no presente e no passado, neste sentido:

A sociedade burguesa é a organização histórica da produção mais desenvolvida e mais variada que existe, por este fato, as categorias que exprimem as relações desta sociedade e que permitem compreender a sua estrutura, permitem ao mesmo tempo perceber a estrutura e as relações de produção de todas as formas de sociedades desaparecidas, cujas ruínas e elementos ela se edificou, de que certos vestígios, parcialmente ainda não apagados, continuam a subsistir nela, e de que certos simples signos, desenvolvendo-se nela, se enriquecem de toda sua significação. A anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco (...) da mesma forma, a economia burguesa nos dá a chave da economia antiga, etc. (MARX 1978, p.26).

Sob esta assertiva, nosso ponto de partida e de chegada não poderia ser outro senão a expressão do espaço no momento presente, onde as relações entre os homens, como sua própria reprodução, são mediadas pelo capital. Assim, quando se afirma que a sociedade burguesa é a sociedade *mais desenvolvida*, nos referimos pontualmente à capacidade que esta sociedade constrói para fazer a reprodução “do

homem” de maneira mais eficiente e racional com respeito ao tempo¹⁶, quando comparada a outras formas que lhe antecederam.

Deste modo, para descrever o complexo tecido de relações no modo de produção capitalista, o primeiro passo seria acompanhar a essência de seu movimento objetivada na cabeça da classe social que a representa, a classe dos homens burgueses. Para estes, a lógica de sua reprodução está baseada sobre dois grandes princípios: a constituição da propriedade privada sobre os meios de produção, e a reprodução crescente desta propriedade através da ampliação e busca constante do lucro (mais-valia) produzido pela sociedade em seu conjunto. Todo capitalista representa um elemento particular que encarna os princípios de sua própria classe e sua lógica desemboca na necessidade permanente de se apropriar do produto do trabalho alheio na troca ou no intercâmbio com outros agentes de sua mesma classe (capitalista contra capitalista) ou com aqueles que em condição de despossuídos de meios de produção são obrigados a vender sua própria força de trabalho como mercadoria. Em outras palavras, a procura pelo lucro leva os capitalistas a travarem uma luta – concorrência – contra outros capitalistas e contra a outra classe existente, desenvolvendo meios e formas cada vez mais eficientes para se apropriar da mais-valia¹⁷ socialmente produzida.

Em segundo lugar, geograficamente dentro da estrutura capitalista, aconteceriam, de acordo com Marx, dois movimentos básicos como formas de acumulação do capital, eles são a concentração e a centralização: a concentração seria um movimento interno e natural dentro da estrutura da ordem burguesa que se apresentaria na medida em

¹⁶ O parâmetro para denominar que um modo de produção seja mais eficiente que outro será estabelecido pelo tempo socialmente necessário para que os homens consigam reproduzir suas vidas.

¹⁷ A mais-valia aparece objetivada na parcela do tempo de trabalho que o trabalhador entrega de graça para o capitalista, e sua expressão correspondera ao desenvolvimento das forças produtivas e à divisão do trabalho em cada período histórico do capital. A mais-valia absoluta “se apresenta como o prolongamento da jornada de trabalho além do ponto em que o trabalhador teria produzido apenas um equivalente pelo valor de sua força de trabalho, e a apropriação desse mais-trabalho pelo capital” (MARX, 1984, p.106) subordinada diretamente à jornada de trabalho, deste modo a extração da mais-valia absoluta aparece restringida pelas próprias limitações biológicas e físicas humanas, assim, como pela instauração legal das leis fabris que limitaram a jornada de trabalho a um numero determinado de horas produto da luta dos trabalhadores no século XIX. Esta situação impulsiona aos capitalistas à necessidade de procurar formas para aumentar o mais-trabalho ficando presos no tempo da jornada de trabalho, para fazer isto, “reduz-se o trabalho necessário por meio de métodos pelos quais o equivalente do salário é produzido em menos tempo.” (MARX, 1984, p.106). Na medida em que aumenta o grau de produtividade de qualquer processo de trabalho no capital, os trabalhadores produzem um numero de mercadorias em menos tempo (tempo necessário) tendo como referência seu equivalente salarial, isto se mantém as outras condições estáveis.

que cada capitalista individualmente acumulasse sobre sua batuta uma maior quantidade de meios de produção e de força de trabalho; este processo poderia se assemelhar a um crescimento de tipo vertical, fundamentalmente quantitativo, travado entre os possuidores e os não possuidores dos meios de produção, e que foi determinante nos primórdios e na consolidação do modo de produção capitalista. Mas, uma vez que cada capital individual atinge um determinado ponto histórico, limitado pelo grau de crescimento da riqueza social, e ante a imperante necessidade de continuar se reproduzindo socialmente, o segundo movimento histórico emerge como resposta. Assim, a centralização do capital apareceria como um movimento de fusão, de incorporação, de junção entre os já conformados capitais individuais. Neste processo, fundamentalmente de caráter qualitativo, os volumes de capitais já constituídos se encontrariam na área da concorrência e aqueles agentes que em seu processo particular de acumulação alcançaram uma maior eficiência para obter uma maior e crescente mais-valia social incorporariam, comprariam e destruiriam os mais débeis. A centralização do capital passaria a ser a maior expressão da consolidação final e do amadurecimento da estrutura do modo de produção capitalista. Deste modo, o espaço geográfico estaria sendo mediado fundamentalmente por esta relação¹⁸.

Nestas condições, os capitalistas se confrontam na aparência como produtores livres de mercadorias, ao passo que, em essência, concorreriam com seus semelhantes pela apropriação cada vez mais eficiente do mais-trabalho produzido pelo conjunto da sociedade. Nesta medida, a racionalidade de cada agente capitalista se expressaria no

¹⁸ Não estamos descrevendo um comportamento ou uma sequência linear entre as formas de acumulação do capital, normalmente tanto a concentração como a centralização acontecem simultaneamente, mas, dependendo do período histórico, uma ou a outra, foram priorizadas para o desenvolvimento do capital. Para Marx e Engels, o surgimento e consolidação do modo de produção capitalista foram preponderantemente mediados, em sua primeira, fase pela concentração da mais-valia absoluta; o crescimento homogêneo do capital constante (CC) com respeito ao capital variável (CV) na composição orgânica do capital (COC), não teve mudanças significativas no período compreendido entre o século XV e a metade do século XIX. Na primeira metade do século XIX, em pleno desenvolvimento da revolução industrial na Inglaterra, o desenvolvimento das forças produtivas e a instauração das primeiras leis fabris permitiriam mudanças significativas na COC. Através do desenvolvimento tecnológico de nova maquinaria e do descobrimento de novas fontes de energia, aumentou-se a eficiência da produtividade nos diferentes ramos da indústria, fortaleceu-se o desenvolvimento do CC em detrimento do CV, enquanto a nova tecnologia implementada em cada processo exigia um menor número de trabalhadores para seu funcionamento, de modo que a mais-valia em sua forma relativa passa ser fundamental neste período histórico do capital.

barateamento das mercadorias¹⁹, que se daria fundamentalmente pela eliminação do componente vivo do processo de produção. Assim, quanto menor a quantidade de energia humana (trabalho vivo) necessária para a produção de um determinado número de mercadorias, a produção será mais eficiente técnica e socialmente, sob a ótica do modo de produção capitalista.

Quanto mais acirrada for a competição entre os capitalistas, estes, por sua vez, alocam uma maior parte do capital acumulado no desenvolvimento de tecnologia como principal força produtiva para, posteriormente, ser aplicada nos processos produtivos e na geração de mais e melhores meios de produção; contraditoriamente, a parte de capital alocada na compra de força de trabalho seria necessariamente reduzida. A aplicação consciente da ciência aceleraria esta tendência na medida em que, na produção de mais e melhores objetos para satisfazer as necessidades humanas, ainda que em suas formas burguesas, menos homens seriam necessários para sua produção. A cada nova “descoberta”, ou nova “invenção” tecnológica, aplicada em qualquer processo de produção, os seres humanos, como meios de trabalho, se transformariam contraditoriamente em desnecessidade quantitativa e qualitativa para o capital. Por esse entendimento, a promessa do pleno emprego para reproduzir a vida dos homens se deteriora e se transforma em um privilégio para uns poucos; por sua vez, uma grande massa de trabalhadores fica excluída dos processos de trabalho e começa a perambular de um lugar para outro a procura de alguma forma para sobreviver.

Assim, se inserir no espaço do capital se apresentaria como uma dupla impossibilidade/dificuldade para os homens, por um lado, porque aqueles que não têm outra coisa para vender a não ser sua força de trabalho referendariam-se contraditoriamente como uma mercadoria fútil e desnecessária, e, pelo outro, porque tal processo inibiria e impediria a entrada de novos capitalistas na luta pela concorrência universal, devido ao grande volume de capital centralizado e necessário para participar da transformação da mais-valia em dinheiro. Constatar-se-ia que a concorrência dos grandes capitais frente aos pequenos oprime, absorve ou compra qualquer iniciativa individual, por mais inovadora que esta seja. Assim, a pergunta que falta por fazer é: o que é que restaria para os homens do século XXI ante a

¹⁹ Na sociedade capitalista, a oferta de mercadorias é sempre superior à demanda, visto que a oferta é composta pela magnitude dos valores do capital constante, do capital variável e da mais-valia, enquanto a demanda é determinada pela magnitude dos valores do capital constante e do capital variável.

impossibilidade/dificuldade histórica de se reproduzir por meio do lucro e do salário?

1.4 MOVIMENTAÇÕES DOS HOMENS DIANTE DA REAFIRMAÇÃO DEGENERATIVA DO CAPITAL

Admite-se que, independente da vontade ou dos desejos dos homens, a base produtiva no capital se reorganiza e se desenvolve superando-se revolucionariamente a si mesma, constituindo-se como um ser estranhado e externo, que se objetivaria ao mesmo tempo na colossal riqueza produzida para uns poucos e na incomensurável miséria gerada para a grande maioria.

Na sociedade burguesa a base material (forças produtivas) revoluciona constante e permanentemente seu próprio início (fundamento) e ao se revolucionar revoluciona toda a vida humana em cada momento e lugar criando, assim, um mundo em que a dinâmica (força que o impulsiona) está em sua base produtiva continuamente superada, independente dos desejos e vontades dos homens. (AUED, 2004, p. 11).

Porém, constatamos que os homens trabalhadores não contemplam sua própria desgraça como simples observadores no cinema. Na mesma medida em que são expulsos e rejeitados do espaço do capital, reagem e se movimentam, resistem por seu próprio sentido de sobrevivência com diferentes níveis de consciência e graus de cooperação entre si. Desde que existe o capital e fundamentalmente desde seu amadurecimento e consolidação, os trabalhadores, os proletários, os oprimidos têm reagido de diferentes formas dentro ou fora da estrutura do capital. Neste sentido, a construção do espaço por parte dos trabalhadores passaria necessariamente pelas diferentes lutas e intentos históricos da classe proletária pela superação do capitalismo e pela construção de formas de reprodução para além do capital.

Assim, primeiro se faria necessário estabelecer e diferenciar os distintos movimentos e formas de criação do espaço por parte dos trabalhadores no e para além do capital que, em muitas ocasiões, mais do que serem formas diferentes ou alternativas, simplesmente terminam legitimando e dando fôlego à reafirmação degenerativa do capital em

suas diferentes expressões. Os seres humanos lutam pela reprodução de suas condições mais básicas e sua primeira reação reside na resistência²⁰ para não sair ou serem expulsos da estrutura do capital.

Assim, sua movimentação principal residiria na necessidade de proteger seus empregos, quando os homens procuram se aferrar de qualquer jeito a seus salários em uma unidade funcional dentro do capital, aceitando – em muitos casos – a pauperização de suas condições de trabalho, chegando a acordos pela defesa de seu emprego e estabilidade no mesmo, convertendo-se – muitas vezes – nos principais inimigos de sua própria classe, exacerbando os ódios chauvinistas e nacionalistas²¹ contra outros povos e culturas. Exemplos destes movimentos de reafirmação do capital poderiam ser algumas das chamadas Organizações Não Governamentais (ONGs) ou sindicatos²² que não transcendem da luta econômica particular pela apropriação da mais-valia de seu próprio trabalho excedente. Neste sentido, não estamos afirmando que todas as organizações sindicais tenham este caráter reducionista, ao contrário, a história do povo conta com múltiplos exemplos de luta de organizações que transcenderam as reivindicações economicistas.

A segunda forma de reagir frente à degeneração do capital seriam as tentativas de construir espaços isolados, “locais”, como formas “alternativas de desenvolvimento”. Neste sentido, poderiam se comparar às propostas de socialismo utópico de finais do século XIX²³, mas, na atualidade, ou são tentativas bem intencionadas na procura da reprodução da vida dos seres humanos, ou são formas de contenção, “corporativização” das contradições sociais dirigidas e ensejadas pelo capital. Neste caso, poderíamos mencionar muitas cooperativas de pequenos camponeses ou trabalhadores, normalmente promovidas

²⁰ Espaço de resistência para Macchiavelo (2008, p.30) se explicita “como a construção da negação por parte de um coletivo em aceitar mudanças que afetem a forma de produzir sua existência do modo em que fazem até então”.

²¹ Neste sentido, ver “Nacionalismo e internacionalismo” de José Carlos Mariátegui, texto publicado originalmente em na revista Mundial: Lima. Sobre esse tema, revisar “Nacionalismo e Vanguardismo” em “Perunicemos el Perú”, p.72-79, v.11.

²² As organizações de trabalhadores coletivas surgiram no século XVIII, na Inglaterra, como *trade societies unions*. A história deste tipo de organizações é muito abundante em diferentes contextos históricos da luta política e econômica dos trabalhadores em diferentes períodos, principalmente no século XX. Sobre este tema ver *Que fazer?* de Lenin (1902).

²³ Este movimento dos homens frente ao capital teve seus maiores representantes nos sistemas de Saint-Simon, Fourier, Owen, que Marx e Engels (2001) denominaram como “socialismo e/ou comunismo – utópicos”. Outras referências, no texto de Engels (1977) *Do socialismo utópico ao socialismo científico* e no capítulo V, do livro *A história do pensamento econômico de Heilbroner* (1996).

externamente para suas necessidades, produzindo algumas mercadorias de formas chamadas de “artesanais” ou “solidárias”²⁴ e que, na aparência, pareceriam outras formas de produção social fora da estrutura do capital, mas não deixam de ser parte substancial da lógica burguesa. Em consequência estas organizações:

rejeitam toda ação política, e especialmente toda ação revolucionária; querem atingir sua meta por meios pacíficos e procuram abrir caminho ao novo evangelho social pela força do exemplo, através de pequenos experimentos que normalmente sempre fracassam. (MARX, ENGELS, 2001, p.76).

Contudo, mesmo que os homens tentem se aferrar, resistir e se reafirmar no espaço do capital, não conseguem retroagir às formas pretéritas de produção da vida. Em seu próprio desenvolvimento, conforme explicitado acima, são gestados os indícios de sua degeneração como elementos do capital. E a maior evidência imposta para a maioria dos homens é a desnecessidade material de suas mãos pés e ideias à produção; o capital já não necessita deles e do seu emprego. Para os trabalhadores, “estar explorado” virou um privilégio, uma bondade dos deuses. Os homens individualmente lutam pelo direito aos grilhões e ainda assim não conseguem ter direito a eles; assim, diante destas condições, o espaço do capital se movimenta, se transforma, se adapta, e se reafirma degenerativamente. Nesta materialidade turbulenta, os homens se vêem impossibilitados de reproduzir *ipsis literis* as velhas formas de produção, além de se confrontar com a propriedade privada como instituição imposta universalmente. A diáspora que os homens do tempo presente iniciam sobre a terra os leva por caminhos desconhecidos, nos quais sua única certeza é sua desnecessidade orgânica como seres vivos ao capital, sem espaço para se reproduzir nas formas burguesas. Assim, para os homens que iniciam este caminhar, o confronto com o arcabouço do capital não seria uma escolha, já que se trata de um emaranhado processo de fazer espaço, processo com recuos e avanços, novas formas materiais explodindo, indicando e evidenciando que as formas atuais de reprodução não dão mais conta da vivência

²⁴ Para maiores informações, revisar os textos de Claus Germer “A economia solidária: uma crítica marxista” (2005) e de Marlene Grade e Idaletto M. Aued “Economia Solidária: um caminho para a superação da sociedade capitalista?” (2003), sendo este último disponível em: < http://www.sep.org.br/artigo/11_GRADE.pdf >.

coletiva para os seres humanos. Sob esta perspectiva, desvelar e identificar os elementos que surgem das diferentes experiências sociais que procuraram e procuram constituir formas de reprodução social que transcendem da lógica burguesa seria a operacionalidade do que chamaremos de espaços transitórios.

Assim, Muller (2005, p. 11) explicita a transitoriedade como um movimento que:

é construído por sujeitos humanos que tem a união entre homens para produzir homens. Não se trata da produção de homens para viverem de lucro, de renda da terra, de juros ou de salários, por isso constituem a contradição em nosso tempo (...) por isso, o espaço transitório é o exercício do pensamento e da práxis dos homens que produzem a vida coletivamente.

E, para Macchiavelo (2008, p. 30), o espaço de transição se expressa quando um coletivo organizado e consciente transcende dos espaços de resistência às formas de luta superiores:

o espaço de transição é criado quando esta luta continua para além da resistência e se organizam e constituem relações diferentes da racionalidade do capital, ainda que com base nas condições materiais (forças produtivas) criadas pelo capitalismo.

Desta maneira, os elementos transitórios não apareceriam como o produto final de uma linearidade histórica ou como um estado ideal dos desejos e vontades de alguns indivíduos. Para nós, os elementos que constituem a transitoriedade seriam a expressão empírica do espaço criado por homens organizados e conscientes, os quais, diante da impossibilidade/dificuldade de se reproduzir biológica e socialmente através do lucro e do salário, reagiriam transformando a si mesmos na negação da própria negação dentro do espaço do capital. Nas entranhas do capital, na medida histórica em que sua reafirmação degenerativa se expressa de forma conspícua como um “poder insuportável”, assim também os novos elementos para sua superação são revelados como germes de possíveis sociedades que superem a atual base existencial de todos os homens.

Sobre estas premissas, tem se procurado entender que elementos novos existem em organizações como o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra no Brasil (MULLER, 2005, GRADE, 2006; FERREIRA, 2008) e as Juntas de Vizinhos na cidade do Alto na Bolívia (MACCHIAVELLO, 2008) que, entre outras, se convertem em experiências atuais e representativas das pugnas do povo na América Latina, onde os homens lutam por se reproduzir para além da lógica do capital.

Na medida em que os homens em condição de desefetivação intentam percorrer novos caminhos tanto para ingressar de novo ao espaço do capital como para construir novas experiências para a reprodução de suas vidas, necessariamente tenderam que se confrontar com a riqueza historicamente produzida. Assim, não existem movimentações alternativas ao capital, somente resta o confronto com as classes burguesas ou a mendicidade. Procuramos nos elementos da degeneração do espaço do capital os elementos de sua negação e os elementos de sua superação, portanto, a apreensão do espaço como espaço transitório, seja este em sua degeneração ou constituição de formas novas pelas quais os homens reproduzem sua existência, na busca do ser social consciente e plenamente desenvolvido.

1.5 A UNIVERSALIZAÇÃO DO ESPAÇO DOS HOMENS MEDIADO PELAS RELAÇÕES BURGUESAS

O espaço apareceria como um produto duplamente objetivado na história dos homens: por um lado, se mostraria como o produto das formas em que os homens se reproduziam no passado e, pelo outro, representaria as práxis humanas do tempo presente que dão vida ao passado e se convertem no ponto de partida e de chegada para nossa apreensão da realidade. Neste sentido, partimos das configurações, movimentos dos homens e sua cotidianidade, de suas formas de reprodução mais simples e complexas para afirmar que a constituição do espaço no momento presente obedeceria a uma mesma lógica, a uma racionalidade imposta e desenvolvida pelo capital, a uma racionalidade que universalizaria as formas da geografia humana.

Porém, diferentes conceitos como universo, universal e universalidade são normalmente utilizados para descrever ou catalogar aqueles eventos que atingem todo nosso espaço geográfico, sejam estes fatos naturais, econômicos ou culturais. Para Santos, por exemplo:

No começo da história, somente eventos físicos eram universais. Um exemplo é marcante, o dos climas. Os chamados climas continentais, regionais, locais, tem um comportamento mundial. Os fatos humanos tiveram primeiro, uma incidência local. A ampliação de sua pertinência se deu lentamente. Foram necessários milhares de anos para que se registrassem eventos geograficamente mais amplos, com a emergência das economias-mundo, tal como definidas por F. Braudel, isto é, conjuntos de economias, geograficamente distantes, mas vivendo em intercâmbio. E somente há poucos decênios o processo de internacionalização alcança o nível atual de globalização. (SANTOS, 2002, p. 161).

Embora existam elementos e fatos de caráter universal que precederam a racionalidade capitalista, nenhum deles se transformou no elemento chave para a conexão universal entre os homens, no que se refere às formas de produção de sua própria vida. Partimos da premissa de que o processo de universalização da racionalidade burguesa não se iniciaria com as trocas de mercadorias entre civilizações com diferentes formas de produção, ou com o comércio estabelecido entre territórios mais ou menos afastados entre si. Afinal, todas estas práticas de intercâmbio comercial, assim como a aparição do próprio dinheiro, são pretéritas à emergência do modo de produção capitalista, se apresentavam local e regionalmente, produto das condições históricas efetivas de cada povo.

Teria sido a partir da ascensão do capital industrial na Europa que a própria natureza do nascente modo de produção precisou eliminar todos os entraves que não lhe permitiam seu livre desenvolvimento. Para tanto teria moldado, como argila, através de guerras e invasões, da violência e do roubo uma estrutura produtiva e social de possuidores e de despossuídos de qualquer meio físico ou natural para se reproduzir, constituindo, para estes últimos, sua força de trabalho como mercadoria, como uma expressão natural da domesticação humana. A estrutura do capital teria formado neste período suas raízes, estabelecendo a base de sua relação fundamental: por um lado, os trabalhadores, camponeses e antigos artesãos teriam sido condenados para sempre a vender sua própria capacidade de trabalhar como sua única mercadoria cuja troca lhe permitiria viver; enquanto do outro lado, teria se constituído a

propriedade privada burguesa, obrigada a se reproduzir como um organismo vivo sempre em escala crescente.

Assim, do século XV ao século XVIII, as relações mediadas pela racionalidade do capital se espraiariam pelo mundo como água em solo seco. Sua expansão geográfica passaria pelo descobrimento da América, pela colonização da Índia e da África e pelas rotas estabelecidas com os países da Ásia Oriental. O capital, deste modo, incorporou e revolucionou o comércio já existente entre os homens, revelando que nas ferrovias e embarcações inglesas, espanholas ou portuguesas não somente viajavam simples mercadorias e homens escravos, mas também a racionalidade burguesa equiparando e conectando gradualmente as maneiras de produzir dos homens.

A conexão entre os homens mercantis, na forma de trabalho próprio e de outros, dá lugar a conexão entre homens burgueses: proprietários e não proprietários dos meios de produção. Esse elo entre os homens se expande, determinando a condição segundo a qual todos os seres humanos dependem de todos para sobreviver. Neste novo mundo ninguém mais produz sua sobrevivência com seu próprio trabalho. (AUED, 1999, p. 119).

Em síntese, a universalidade do espaço dos homens apareceria conjuntamente como uma dupla expressão. A primeira se daria a partir da expansão global da propriedade dos homens burgueses motivada pela procura do lucro e de sua correspondente acumulação, donde a concorrência entre os capitalistas impulsionaria a procura de formas mais eficientes para baratear as mercadorias produzidas, em particular a força de trabalho, e assim transformar a mais-valia em dinheiro. A segunda expressão apareceria como o produto da conexão entre todos os homens através da constituição de um novo trabalhador social²⁵, o qual produziria as mercadorias de forma coletiva e cooperada, resultante do desenvolvimento das forças produtivas e do intercâmbio entre os homens.

Assim, o capital teria se introduzido e se incorporado às diferentes conformações do espaço, estabelecendo suas duas expressões como fundamento das relações globais entre todos os seres humanos,

²⁵ Neste sentido, os homens deixam de ser produtores individuais de mercadorias, para se transformarem em produtores coletivos. Este ponto, como teoria do ser social, será desenvolvido no capítulo seguinte.

mas isto não significaria que em todo canto da Terra as relações mediadas pela racionalidade burguesa seriam passíveis de serem visualizadas de forma idêntica e homogênea. Ao contrário, o que se observará serão as diferentes configurações singulares, desiguais e específicas do capital em cada país ou região, será um amálgama de eventos e situações se reafirmando, se degenerando ou se negando na totalidade do espaço. Por conseguinte, quanto mais se desenvolvam as forças produtivas e o intercâmbio entre os homens, mais o local e o lugar serão uma expressão singular do universal, que em palavras de Aued (2001, p. 17) será “um pedaço do espelho quebrado da totalidade, onde o tempo das forças produtivas se manifesta diferentemente, criando novas consciências e conflitos”.

Assim, para além de nossas vontades e desejos, qualquer delimitação cartográfica, como uma abstração de nossas cabeças, não deixa de ser uma expressão singular da universalidade do modo burguês de produção se expressando sobre o território. Nesta medida, o espaço da América Latina, do Chapare boliviano e/ou da região do Guaviare na Colômbia serão expressões singulares da universalidade do capital e de suas diferentes configurações.²⁶

1.6 A APREENSÃO SINGULAR DO ESPAÇO DA REGIÃO DO GUAVIARE NA COLÔMBIA

Uma dupla condição estaria determinando as formas pelas quais se reproduz o espaço dos homens no século XXI: a primeira seria a impossibilidade/dificuldade de se reproduzir individualmente, pois a operação dos meios de produção estaria se afirmando em uma função coletiva²⁷ que se objetivaria numa produtividade social superior às formas de produção precedentes; a segunda seria a institucionalização da propriedade privada burguesa de maneira global. Desta forma, todos os eventos que apareceriam como expressões “locais” do espaço, inclusive como outras formas ou modos de reprodução sociais diferentes²⁸, dificilmente fugiriam a estas duas condições.

²⁶ Configurações comercial, produtiva e financeira do capital industrial.

²⁷ Para Aued e Albuquerque (2005, p.35), a natureza do capital, “se consolida em todos os domínios econômicos os elos sociais de produção em detrimento de qualquer empresa ou tarefa individual [...]”, cimento da articulação das forças produtivas fixadas territorialmente ao mercado mundial e ao sistema financeiro mundial.

²⁸ Na América Latina, por exemplo, foram desenvolvidas diferentes correntes de pensamento que sustentavam e defendiam a existência de formas ou modos de produção feudais e semif feudais como parte da conformação societária das diferentes nações. Na Colômbia, muitas destas análises foram concebidas a partir de formas existentes como a “parceria”. A parceria

Cabe ressaltar que, neste caminho metodológico de apropriação das formas de produção do espaço, o local como categoria adquire uma nova conotação conceitual de apropriação da materialidade histórica dos homens. As diferentes construções sociais, sejam estas regiões, lugares ou países, ou como as chama Marx, os “círculos singulares”, seriam formas próprias e particulares da universalidade se expressar, sempre em constante encontro e fusão, partindo e se espraiando geograficamente, incorporando e superando as condições concretas de cada lugar e de cada território.

Para Marx e Engels:

Ora, quanto mais no curso desse desenvolvimento se expandem os círculos singulares que atuam uns sobre outros, quanto mais o isolamento primitivo das nacionalidades singulares é destruído pelo modo de produção desenvolvido, pelo intercâmbio e pela divisão do trabalho surgida de forma natural entre as diferentes nações, tanto mais a história torna-se história mundial. (MARX, ENGELS, 2007, p. 40).

Não só a história se evidenciaria mundial, como discutimos anteriormente, como também o espaço em sua totalidade pela primeira vez se universalizaria para os homens, tornando-se uma tendência histórica, *um complexo espaço mundial*. No espaço mediado pelas relações burguesas, todo ato produtivo individual ou local se transmutaria/mostraria gradualmente num ato coletivo, universal e sistêmico, produto do todo e da parte ao mesmo tempo. Como exemplo, que será desenvolvido mais adiante, a folha de coca plantada e coletada por camponeses na América do Sul faz parte de complexa rede de produção em nível mundial; uma importante parte desta folha é

aparece como uma relação que se fundamenta entre o dono de uma grande propriedade e camponeses minifundiários ou camponeses sem terra. Estes últimos se vêem obrigados a trabalhar em tempo completo ou parcial na terra do grande proprietário, e o grande proprietário pode colocar a terra e ou parte dos insumos para determinada produção, especialmente agrícola, a qual uma vez coletada é dividida segundo prévio acordo; existem múltiplas configurações deste tipo de relações que ao serem enxergadas de forma isolada podem ser facilmente assemelhadas até com a escravidão. Porém, por exemplo, seja na produção de soja ou de cana, ainda que se apresentem diferentes formas de exploração não-salariais, este fator não é o principal determinante na produção, assim seriam os insumos usados na produção (fertilizantes e agroquímicos) que normalmente significam entre o 60% e o 70% dos custos totais. Os insumos da agricultura são o fator fundamental, o qual em geral provêm de uma matriz produtiva de alta eficiência (que tem como origem o petróleo).

transformada em cocaína com insumos químicos produzidos na Europa ou na China, transportada e distribuída nas ruas das grandes cidades de todos os países, consumida nas festas do Rio de Janeiro ou de Nova Iorque. No mesmo compasso, os lucros produzidos são alavancados nos grandes mercados financeiros, legalizados através da “lavagem de dinheiro”, da compras de armas ou de terras, etc. Desta maneira, seja na produção burguesa de sapatos, de carros ou de cocaína, cada evento humano, cada produção espacial acontece como parte de uma mesma lógica universal, uma racionalidade que se reorganiza e evolui singularmente através da grande indústria moderna.

A grande indústria, em geral, criou por toda parte as mesmas relações entre as classes da sociedade e suprimiu por meio disso a particularidade das diversas nacionalidades. E finalmente, enquanto a burguesia de cada nação conserva ainda interesses nacionais à parte, a grande indústria criou uma classe que tem em todas as nações o mesmo interesse e na qual toda nacionalidade já está destruída (...) não há dúvidas que a grande indústria não alcança o mesmo nível de desenvolvimento em todas as localidades de um mesmo país (...). Da mesma forma, os países nos quais está desenvolvida uma grande indústria atuam sobre os países *plus ou moins* não industrializados, na medida de que estes são impulsionados pelo comércio mundial à luta universal da concorrência. (MARX, ENGELS, 2007, p. 60-61).

Portanto, toda delimitação geográfica do “local” no espaço do capital se apresentaria ao mesmo tempo como dupla abstração: por um lado, como discutimos anteriormente, representaria uma expressão singular da universalidade do modo burguês de produção e, por outro lado, se exprimiria como uma parte da estruturação orgânica global do capital mediada e organizada a partir dos territórios nos quais as formas de produção estivessem mais desenvolvidas. Assim, a delimitação de qualquer porção do território no momento presente, para ser apreendida como espaço humano, obedeceria a esta dupla caracterização material. Os chamados “círculos singulares” de Marx seriam criados e recriados a cada vez que se produzisse a mais-valia social, conectados sob esta mesma racionalidade universal, constituindo também, uma estrutura

objetivada geograficamente, a qual estaria organizada em um movimento perene e segregado a partir daqueles países ou regiões onde se apresentasse um maior desenvolvimento das forças produtivas e uma maior evolução do intercâmbio entre os homens.

Sobre este patamar teórico, introduzimos aqui as diferentes configurações singulares do espaço humano na região²⁹ de Guaviare – Colômbia. Esta região simboliza e sintetiza a história da constituição espacial e territorial da nação colombiana ao longo do século XX, mediada historicamente pelos diferentes conflitos civis e armados vividos ao longo de sua existência: a luta pela terra; o deslocamento forçado de camponeses pela expropriação violenta de suas terras, a matança dos indígenas; a colonização das regiões de fronteira e o aparecimento e consolidação do narcotráfico e das plantações de uso ilícito, os quais mais que fenômenos isolados ou particularidades históricas da América Latina, ou da nação colombiana, são a expressão singular das formas pelas quais esta geografia foi inserida revolucionariamente pela racionalidade burguesa.

1.7 O NARCOTRÁFICO E SEU PAPEL NA CONSTITUIÇÃO DO ESPAÇO NA AMÉRICA LATINA

Manchetes de jornal: confrontos nas favelas de Rio e de São Paulo entre gangues pelo controle dos pontos de venda do tráfico. Plantios de maconha no Chaco paraguaio e no nordeste brasileiro erradicados pela polícia. Aumento do consumo de cocaína nas ruas de Santiago e Buenos Aires. Capturado importante narcotraficante colombiano no Rio de Janeiro. 20 mortes aparentemente causadas pela guerra entre cartéis de Sinaloa no México. Venezuela e Brasil: as principais rotas da cocaína na América do sul. Bolívia: um líder cocalero é eleito como presidente. Capturado um carregamento de 10 toneladas de cocaína no mar da Nicarágua avaliado em 32 milhões de dólares.

²⁹ O conceito de região provém do latim *regere* que significaria reger ou governar, cunhado pelos romanos para designar determinados territórios que eles dominavam e dos quais obtinham uma determinada mercadoria e serviço. Para a geografia, principalmente no século XIX, foi adotado para indicar um determinado lugar com características particulares que permitiram sua definição. Para Correa (1995, p. 47), o conceito de região tem uma conotação principalmente política, como alvo de ação e controle por parte das classes dominantes que tem controle territorial, porém, para evitar confusões epistemológicas, para nós, região fundamentalmente será a expressão singular da universalidade do capital se expressando como parte de sua totalidade, onde determinada área pode ser assumida e delimitada parcialmente, pelas formas em que os homens cotidianamente se reproduzem, uma região pode incluir espaços urbanos, rurais e intermediários simultaneamente.

Mulher presa por tráfico de drogas dá à luz um filho em Florianópolis-SC.

Em nosso caso, na América Latina, o narcotráfico aparece cotidianamente relacionado com inúmeros fatos de importância econômica como se fossem fatos isolados. Porém, o narcotráfico é uma alternativa eficiente e universal para a reprodução social de milhares de homens que povoam este território, de modo que já moldou conflitos, nações e até culturas, constituiu e constitui geografias para milhares de homens. No caso da cocaína, um complexo tecido de relações sociais acompanha a produção do arbusto originário da região amazônica do qual o alcalóide é extraído. Neste sentido nosso interesse está em procurar na história o papel deste fenômeno na conformação do espaço nos países produtores de nosso território.

1.7.1 Espaços avançados do narcotráfico

Historicamente é ainda difícil reconhecer ou definir exatamente o que hoje é denominado como América Latina³⁰, porém, algum fato objetivo com o qual se poderia concordar seria quanto à forma pela qual este território, conformado por grandes florestas, montanhas e culturas milenares, foi incorporado aos processos vividos na Europa ocidental. Desde a chegada de Cristovão Colombo, em 1492, a geografia do continente americano seria coligada aos territórios europeus através da constituição das diferentes colônias instauradas no Novo Mundo, num processo de imposição das formas de vida europeias – quase uma nova acumulação primitiva – sobre as formas de reprodução próprias dos povos originários destes territórios. Foi assim que através da violência, guerra e do genocídio que se consolidariam as bases materiais para que a racionalidade burguesa se espraiasse nestas novas terras. Desta maneira, a América Latina, bem como outras regiões no mundo, ingressaria em uma nova representação cartográfica, onde todos os espaços seriam tecidos e posteriormente mediados pela mesma lógica, organizada a partir daqueles lugares onde os homens já tinham alcançado uma mais eficiente racionalidade do desenvolvimento de suas forças produtivas. O espaço dos mitos e o espaço dos reis passaria a ser mediado pelas relações capitalistas, para as quais não existiram outras formas de racionalizar a não ser sua contínua reprodução, sempre em escala

³⁰ Finalizando o século XIX, o termo “Latin America” e seu antecessor “Spanish America” foram cunhados na linguagem cotidiana dos Estados Unidos, como uma oposição assimétrica ao termo “North America” para denominar os países que se apresentavam cultural, racial e economicamente atrasados. (FERES, 2004).

ampliada e crescente. Na China ou no Brasil, não existe o capitalismo bom, ruim ou selvagem, mas o capitalismo que obedece à sua própria dinâmica e natureza, colocando frente aos homens trabalhadores a riqueza produzida historicamente em uma condição alienada e alheia a eles mesmos.

A América Latina se defronta com esta realidade e sobre estas condições históricas os homens que alguma vez foram indígenas, negros ou brancos, hoje são fundamentalmente proprietários ou não-proprietários dos meios de produção, homens burgueses, que têm que lutar como em qualquer outra parte do mundo pela reprodução de sua existência cotidianamente. Sobre este princípio universal, constatável por via puramente empírica podemos nos apropriar do espaço da América Latina em suas diferentes configurações e fenômenos históricos, seja na consolidação e desenvolvimento de qualquer nação, na agricultura, na indústria ou em qualquer outra de suas esferas produtivas, sociais ou culturais.

Em particular, para o desenvolvimento metodológico deste trabalho, concebemos o papel do narcotráfico como uma nova mediação nas (e das) esferas produtivas do capital, fenômeno fundamental para apreender vários dos acontecimentos urbanos e rurais que conformam, organizam e aceleram a reprodução do espaço do capital não só em várias partes do mundo, mas em nosso caso regional da América Latina. Neste sentido, a produção e o comércio de substâncias estupefacientes como a heroína e a cocaína, as duas de origem natural, ou as de tipo sintético como as anfetaminas, representam um dinâmico e importante setor das atividades catalogadas como ilícitas³¹ dentro do capitalismo mundial (NADELMAN, 2007; COGGIOLA, 2005; FANDIÑO, 2004).

³¹ Que uma atividade seja denominada de ilegal ou não, corresponde a determinadas condições históricas, por exemplo, a medicina, o tabaco e o álcool já pertenceram a esta categoria “ilegal”. Neste caso específico, a cocaína já foi legalmente produzida, comercializada e consumida na Alemanha. No final do século XIX, no sudeste asiático, aconteceram as primeiras disputas de ordem econômica e política por causa da produção de drogas, principalmente ópio produzido na Índia, colônia do Império Inglês, que foi introduzido e promovido o consumo pelos comerciantes ingleses na sociedade chinesa. Os esforços do governo chinês por controlar a venda e o consumo da população, no marco das primeiras disputas nacionalistas ocorridas na China, dirigidas pelo *Koumitang*, desenrolaram em duas guerras contra a Inglaterra, conhecidas em conjunto como a “guerra do ópio”. Na primeira guerra, a China como parte do conflito destruiu mais de 1.300 toneladas de ópio indiano, mas a China perderia esta guerra e cairia sobre esta nação as piores consequências, onde por meio do tratado de Nanquim, a China teve que ceder o controle da cidade de Hong-Kong para a Inglaterra por 150 anos. Porém, o comércio de ópio não terminou e o governo chinês da época tentou controlar o mercado por meio de várias estratégias diplomáticas, o que levou à conferência de Xangai em 1909, tentando-se que fosse proibido, mas, o produto da conferência foram recomendações infrutíferas. Passados alguns anos, existiam interesses imperialistas dos

A movimentação de dinheiro pelo tráfico de drogas em sua integralidade é tão grande que é uma tarefa muito difícil de calcular. Alguns autores estimam que para o ano 2007 o tráfico de droga mundial movimentou cerca de 400.000 milhões de dólares, cifra que equivaleria a 6% do comércio global de todas as mercadorias, magnitude que a colocaria acima de outras atividades ilegais e muito acima de múltiplas atividades de tipo legal. (NADELMAN, 2007).

O narcotráfico na América Latina³² está representado fundamentalmente pela produção e comercialização de cocaína, heroína e maconha, sendo a cocaína a principal mercadoria produzida e exportada, se assemelhando a qualquer outra *commodity* (BELLONE, 1996), pois para o ano de 2006 teria registrado uma produção aproximada de 984 (tm) toneladas métricas (UNDOC, 2009) e teria um mercado oscilante entre 16 e 21 milhões de consumidores permanentes no mundo, dos quais 5,7 milhões residiriam nos Estados Unidos³³, segundo os dados do relatório anual da Junta Internacional de Fiscalização de Entorpecentes. (JIFE, 2007).

A molécula de cloridrato de cocaína pode ser produzida de forma sintética³⁴ ou a partir de algumas plantas que produzem o alcalóide de forma natural, todas elas pertencentes ao gênero *Erythroxylum* sp., que conta com cerca de 100 espécies caracterizadas botanicamente, das

EUA sobre a China e buscando trazer para si o controle que a Inglaterra tinha sobre o território chinês, os EUA organizaram em 1912 a Conferência de Haia para tratar sobre o uso e comércio deste tipo de substâncias. Assim, os EUA conseguiriam que os países participantes proibissem a produção de ópio, morfina, heroína e cocaína em 1921. Sobre este último alcalóide, era a Alemanha quem detinha o controle da produção e o comércio, usada como anestésico local em cirurgias oftalmológicas e tratamento de doenças respiratórias. Em 1972, as Nações Unidas ratificaram o convênio de proibição de drogas e substâncias ilícitas e o presidente dos EUA Richard Nixon declarou a denominada “Guerra contra as Drogas”.

³² Internacionalmente existem três tratados que conduzem e orientam às políticas internas de todos os países assinantes: a convenção única de 1961 sobre estupefacientes; o convênio sobre substâncias psicotrópicas de 1971 e; a convenção das Nações Unidas contra o tráfico ilícito de estupefacientes e substâncias psicotrópicas de 1988, no continente americano todos os países são assinantes dos três tratados.

³³ Para Kalmanovitz (1990), a análise desta produção acontece, de modo geral, sobre a égide de suposições pouco confiáveis, devido às dificuldades para a obtenção de informações quantificáveis. Existem, atualmente, duas instituições internacionais desenvolvidas para monitorar a produção de drogas, o tráfico e a criminalidade. Uma delas é a *United Nations Office on Drugs and Crime* (UNODC); a outra é a *Drug Enforcement Administration* (DEA). Ambas desenvolvem análises próprias com metodologias independentes, o que gera muita contradição entre os diferentes dados subministrados, por exemplo, para UNDOC (2002), a quantidade de habitantes no mundo consumidores chegava a um total de 185 milhões de consumidores, o que equivale a 3,1% da população mundial e aos 4,5% da população maior de 15 anos, dado bastante afastado de outras estimativas já citadas.

³⁴ Em 1923 o bioquímico alemão Richard Willstätter criou a molécula sintética.

quais a espécie de origem peruana *Erythroxylum coca* é a mais usada por causa de sua domesticação e da concentração do alcalóide presente em suas folhas.

O consumo das folhas de coca³⁵ é uma prática de origem milenar dos povos originários da América do Sul, tradicionalmente usada como alimento para ser mascado enquanto se trabalha cotidianamente no campo e nas cidades, e na preparação de chá ou xaropes. Até o ano de 1903 era usada na fabricação da bebida *Coca Cola (Pure and Food Drug Act)* e recentemente é usada na preparação de pasta de dentes, xampus e outras mercadorias como parte de um programa de incentivo à industrialização legal da folha por parte do governo da Bolívia. Para o ano de 2006, segundo UNDOC, existiam mais de 8 milhões de consumidores tradicionais da folha na América Latina.

Na América do Sul, as maiores áreas plantadas com coca se encontram respectivamente na Colômbia, no Peru e na Bolívia, embora também existam plantações em outros países da região como Equador e Brasil³⁶, conforme a Figura 1 a seguir. A Bolívia e o Peru, particularmente, contam com uma dupla condição, existindo tanto plantações de coca lícitas como também plantações de coca proibidas (por seu uso na produção de cocaína); desta forma, os governos destes dois países aplicam uma conjunta estratégia legal e militar sobre as plantações presentes em seus respectivos territórios.

³⁵ Existe muita confusão pelo uso comum da palavra “coca”, sendo associada como sinônimo de cocaína ou crack. Cabe esclarecer que o consumo direito da folha não gera efeitos alucinógenos ou aditivos, o que quer dizer que pode se assemelhar ao consumo do chimarrão ou do café. Nos anos de 1990, alguns laboratórios independentes demonstrariam que o consumo das folhas estimula a oxigenação ao impedir a coagulação do sangue e ao regular metabolismo da glicose (CACERES, 1996); além de seu conteúdo nutricional, as folhas são ricas em cálcio, ferro e fósforo, superando em porcentagem a alimentos como o leite, o espinafre e o peixe respectivamente.

³⁶ Em março do ano de 2008, o Exército brasileiro descobriu plantações de coca e laboratórios de processamento de cocaína no Estado da Amazônia. Disponível em < <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u382349.shtml> >.

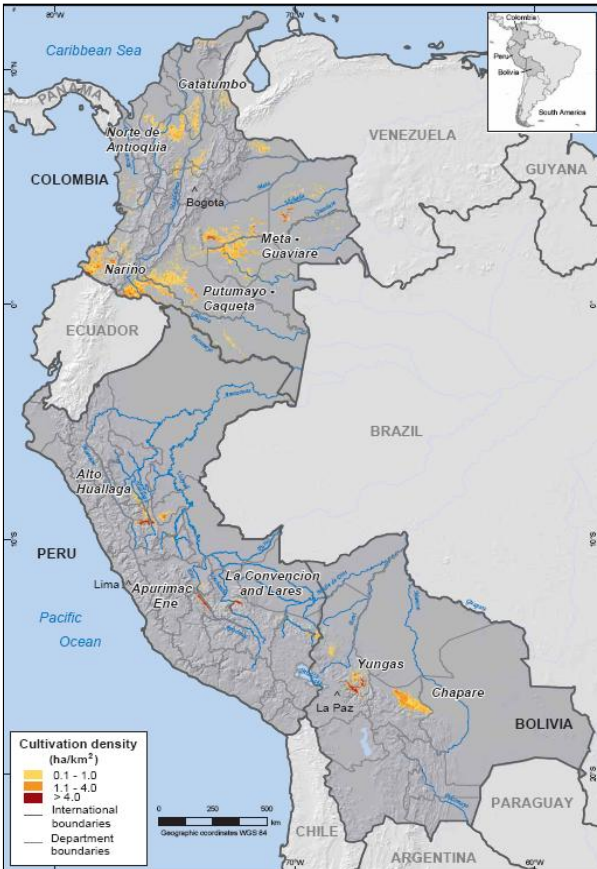


Figura 1: Áreas plantadas com coca na América do Sul
Fonte: UNDOC (2007).

1.7.1.1 Bolívia e Peru, a constituição do espaço entre o legal e o legítimo

O terceiro produtor mundial de cocaína, no ano 2008, foi a Bolívia. Neste país foram contabilizados 30.500ha, localizadas em sua maioria nas regiões do Yungas de La Paz e do Chapare. De acordo com a legislação nacional boliviana (lei 1008, de 1988³⁷), somente se permite

³⁷ A lei 1008, de 1988, categoriza três tipos de zonas produtoras: (1) as tradicionais, (2) as que geram excedentes ou estão em transição (3) e as de uso ilícito. Esta estratificação recebe muitas críticas por parte do governo dos EUA, já que esta somente delimita os municípios que podem

o plantio de arbustos de coca no máximo de 12.000ha³⁸, considerando-se o restante (em torno de 18.000ha) como ilícitos por seu possível uso como matéria-prima da fabricação de cocaína. Na Figura 2 a seguir, trazemos uma reprodução da folha de coca.



Figura 2: Folha de coca *Erythroxylum*

Fonte: UNDOC (2007).

Em Yungas, a folha produzida é levada para ser consumida essencialmente nas cidades bolivianas de Villa Fatima e La Paz. Na Bolívia, tanto a produção como a comercialização são controladas pela Direção Geral de Comercialização e Industrialização da folha de Coca (DIGCOIN), organismo conjunto ao Vice-ministério Para a Coca e Desenvolvimento Integral, órgão que regula todas as atividades desta cadeia produtiva. Em Yungas, particularmente, os sistemas de plantio ainda utilizam as técnicas desenvolvidas pelo povo Inca no antigo Tahuantinsuyo³⁹ (por exemplo, a preparação dos solos em forma de escadas de nível, que em língua Aimara são chamados de “Wachus”,

plantar, mas, não delimita com clareza quem pode plantar, em quais lugares se pode plantar e qual seria o tamanho de cada área, o que dificulta o controle sobre a produção e seu uso final.

³⁸ Durante o ano de 2009, o governo do presidente boliviano Evo Morales afirmou pretender aumentar as áreas plantadas legais para um total de 20.000 hectares, mas enfrenta uma forte oposição por parte dos EUA, que o acusa de violar a legislação internacional; segundo o último reporte feito pelo *Bureau of International Narcotics and Law Enforcement Affairs* (BINLFA), no 2008: “o presidente Evo Morales continua reproduzindo sua política de “zero cocaína, mas, não zero coca”, e promove a industrialização da coca. Esta administração continua promovendo políticas que incrementariam as plantações de coca legal de 12.000 a 20.000 hectares - esta mudança viola a lei boliviana e o convênio contra as drogas das Nações Unidas (UN) de 1988, do qual Bolívia é assinante” [tradução livre do inglês: “President Evo Morales continued to promote his policy of “zero cocaine but not zero coca” and pushed for industrialization of coca. His administration continues to pursue policies that will increase legal coca cultivation from 12,000 to 20,000 hectares—a change that would violate current Bolivian law and the 1988 UN Drug Convention, to which Bolivia is a “party”].

³⁹ Nome pelo qual os Incas Chamavam seu território - nação.

técnica que permite a utilização das declividades dos terrenos fazendo uma correta utilização da água, evitando a erosão e os processos de lixiviação de nutrientes) com as técnicas implementadas recentemente na agricultura (é o caso, por exemplo, nas últimas duas décadas, da entrada de produtos como adubos e agroquímicos como práticas frequentes no processo produtivo da planta de coca). Cabe salientar que, nesta região andina, a topografia está constituída por profundos vales e altitudes, que podem variar entre 400 e 4000 metros sobre o nível do mar (msnm), impossibilitando a utilização de maquinaria tradicional para plantios de grande escala, o que leva a que muitas das lavouras para os diferentes sistemas produtivos agrícolas sejam feitas fundamentalmente pela mão de obra das famílias em pequenas unidades produtivas.

Diferentemente de Yungas, a região do Chapare pertence a um ecossistema tropical de densas florestas interandinas, localizada no coração da Bolívia, no Departamento⁴⁰ de Cochabamba. As altitudes no Chapare variam entre os 300 e 2.500 msnm; o relevo desta região apresenta declives moderados, rios caudalosos e a maior pluviosidade de toda a Bolívia. A presença de plantios de coca é relativamente recente na região do Chapare se comparada com as plantações de Yungas de La Paz. Segundo Rodas (1996) e Garcia (2006), entre 1950 e 1970 as plantas de coca chegaram junto com os diferentes grupos de imigrantes que encontraram nestas florestas a oportunidade de obter um pedaço de terra e melhores condições de vida, mas somente adquiririam importância na década de 1980 quando apareceram os narcotraficantes bolivianos vinculados aos cartéis de drogas internacionais e ligados aos diferentes escândalos políticos internos, como o financiamento do golpe de Estado de 1980. (ECHAZÚ, 1988). Durante os anos posteriores, as plantações de coca para uso do tráfico no Chapare cresceriam de maneira quase proporcional com as diferentes ondas de imigração de camponeses e indígenas do altiplano⁴¹, região que foi afetada por uma

⁴⁰ A divisão político-administrativa da Bolívia está composta por nove Departamentos que a sua vez está subdividida em províncias. A região do Chapare, também chamada de tropico de Cochabamba, se encontra nas províncias de Chapare, Carrasco e Tiraque, todas do Departamento de Cochabamba.

⁴¹ O altiplano são as regiões planas rodeadas de belos nevados que fazem parte do ecossistema de Puna, localizadas no Chile, Argentina, Bolívia e Peru, com alturas superiores a 3.000 msnm. Nestes ecossistemas se apresentam poucas formações de bosques, a vegetação é fundamentalmente composta por gramíneas anti-herbívoras e “pajonales” de folhas aciculadas, a pluviosidade varia entre 120 a 350 (ml/ano) com temperaturas que variam entre 0 e 6 graus centígrados. Apesar das condições climáticas extremas, nesta região se desenvolveu um centro de importante diversidade e de domesticação de plantas e animais por parte do povo Inca.

longa seca entre os anos de 1981 e 1983, e por trabalhadores ex-mineiros que fugiam da pobreza e do desemprego em massa ocasionado pelas reformas produtivas, as medidas antiinflacionárias e os melhoramentos técnicos nas minas de estanho, promovidos pelos processos de privatização que se iniciariam na Bolívia a partir de 1985 (Governo de Victor Paz). Esta dupla origem permitiria uma caracterização particular das comunidades do Chapare, combinando-se “o forte corporativismo das comunidades andinas do altiplano com a disciplina organizativa própria do movimento sindical mineiro”. (GARCIA, 2006, p.79).



Figura 3: As forças da política boliviana num programa de erradicação manual na região do Chapare

Fonte: UNDOC (2007).

Segundo estimações do governo dos EUA, entre finais da década 1980 e finais da década de 1990 a região do Chapare chegou a ter entre 20.000 e 30.000ha plantados e destinados à fabricação de cocaína. Em 1986, o Exército boliviano, com assessoria de 160 *marines* dos EUA, iniciou na região as primeiras incursões contra o tráfico, com os objetivos de combater os narcotraficantes, erradicar as plantações e destruir os laboratórios clandestinos destinados à fabricação de base de coca. (PAINTER, 1994). Como normalmente os traficantes que realmente se beneficiam do lucro do tráfico não se encontrariam morando nas zonas de produção, a repressão e a violência acabariam por atingir os camponeses, em sua maioria de origem indígena⁴², que

⁴² A população que se reconhece a si mesma como indígena na Bolívia ascende a mais dos 50% da população, mais de cinco milhões de pessoas Aimara-falantes e Quechua-falantes

plantavam e produziam a folha de coca na floresta do Chapare. A resposta por parte dos camponeses não foi de passividade ou fuga, mas, ao contrário, milhares de homens e mulheres começaram a se organizar em associações e sindicatos rurais como único meio para defender suas formas de vida e resistir à violência de origem estatal. Este movimento social mais tarde começou a ser conhecido como “cocaleros”, cuja principal forma de fazer oposição às políticas governamentais consistiam em mobilizações e nos bloqueios das rodovias que comunicavam a cidade da La Paz com Santa Cruz de La Sierra. Nos anos de 1980, “o movimento cocalero do Chapare se consolida e se politiza” (GARCIA, 2006, p.80), iniciando uma cruzada de lutas contra as ações de erradicação e perseguição, de tal forma que levou o governo boliviano a promulgar a lei 1.008 de 1988, que reconhecia a existência dos produtores de coca, impondo de maneira simples alguns planos para a substituição das plantações de coca por plantações lícitas, tais como a do abacaxi, da banana, etc. Porém, cabe salientar que a região do Chapare em sua totalidade nunca foi contemplada como uma região “tradicional de produção” de coca, sendo muito mais vista como uma região politicamente perigosa para a estabilidade institucional boliviana. Apesar de tudo isso, por pressões dos EUA, as políticas de repressão foram incentivadas até o ponto de se consolidarem em um projeto militar financiado, dirigido e monitorado pelos EUA, chamado de “Plano Dignidade”, no ano de 1997. A primeira ação deste Plano foi a militarização total do Chapare, alocando-se aproximadamente 20% do Exército boliviano para a região, objetivando erradicar todas as plantações de coca. Neste mesmo ano, o movimento dos “cocaleros” começaria a participar das eleições municipais como parte das formas de luta e resistência, organizados em um partido político, chamado de Esquerda Unida (I.U) e conquistando 3,5% dos votos em nível municipal.

Com o advento do século XXI, o movimento cocalero participou ativamente de diferentes levantamentos e protestos populares em toda Bolívia, chegando a diferentes graus de unidade com outras organizações partidárias, como com outros movimentos políticos; exemplo foi a denominada “guerra da água⁴³”, que paralisou as

(LINS, 2007; GARCIA, 2006). Na Bolívia, existem muitas pessoas que por morar nas cidades negam sua origem indígena, chegando inclusive a ter práticas racistas e de xenofobia com pessoas de origem rural mesmo que estas compartilhem origem étnica.

⁴³ Rebelião vitoriosa desencadeada no ano de 2000, em Cochabamba (Bolívia), por vários movimentos sociais contra a venda das fontes de água e aquedutos à multinacional *Bechtel Corporation*.

atividades econômicas de vários Departamentos do leste boliviano, obrigando o governo de Hugo Banzer (1997-2002) a retroceder e negociar as reformas privatizadoras que buscou implementar em seu governo. Assim, neste período, foram criadas condições organizativas para disputar nas eleições os cargos político-administrativos de maior importância nacional. O movimento cresceu e se espalhou geograficamente por todo território boliviano, se convertendo em um símbolo das massas indígenas e camponesas. Em julho de 2002, o partido político que vinha se organizando desde o movimento cocalero, chamado de Movimento ao Socialismo (MAS), obteve cerca de 20% dos votos nacionais, conseguindo eleger 36 deputados, dentre os quais 12 eram indígenas, os mesmos que antigamente tinham sido perseguidos e acusados de traficantes pelo governo de Banzer.

Nos anos seguintes a Bolívia atravessou por consecutivas crises econômicas e políticas que desestabilizaram a ordem institucional vigente. Os movimentos sociais adquiriram cada vez mais força unificando suas reivindicações com os diferentes setores e movimentos populares atingidos pelas reformas governamentais. No mês de outubro do ano de 2003, a crise chegou ao seu ponto agudo, na chamada “guerra do gás”, tendo como epicentro a cidade de El Alto (MACCHIAVELO, 2008; GARCIA, 2006), cuja consequência direta seria a renúncia e saída pela porta de trás de dois presidentes, Sánchez de Lozada (1993-1997; 2002-2003) e, posteriormente, Carlos Mesa, que teve um mandato tampão (LINS, 2007). Novas eleições foram convocadas para o ano de 2005 e pela primeira vez um homem de “pele de cobre”, o líder Aimara e cocalero Evo Morales, foi eleito presidente da Bolívia, dando início a uma série de mudanças estruturais na nação boliviana, como a nacionalização de recursos estratégicos e a convocação popular para a elaboração de uma nova constituição nacional.

Na área agrária, as mudanças empreendidas iniciaram com a promulgação da lei que regulamentou o processo de reforma da propriedade da terra e de política antidrogas, foram suspensas todas as erradicações forçadas e violentas dos plantios de coca na região do Chapare e de Yungas de La Paz. O governo de Evo Morales desenvolveu uma dupla estratégia frente ao tráfico de drogas: internamente manteve um diálogo direto com os plantadores e estimulou a erradicação das plantações ilegais através dos programas de “redução voluntária”, concordando com os cultivadores em plantar no máximo uma área por sítio ou por família não superior aos 2.500m², que em língua Aimara são chamadas de “catos”, além de ter dado incentivos para plantio de outras culturas, junto com o desenvolvimento de

infraestrutura (rodovias, escolas), programas de educação (alfabetização) e saúde básica, buscando com estas políticas públicas afastar os camponeses dos narcotraficantes. (LEVY, 2008). Internacionalmente foi empreendida uma campanha para a despenalização da folha de coca e sua diferenciação da cocaína, o que significaria que a folha e seu uso fossem retirados da lista de estupefacientes e psicotrópicos da convenção da ONU, de 1961, porém os EUA se apresentaram como os principais opositores a esta mudança de lei, o que para Jorge Alvarado, responsável pela missão diplomática da Bolívia na Venezuela, simplesmente explica que “manter a exigência de redução das áreas de cultura da coca e considerar que nosso governo auxilia a produção de estupefacientes permite aos Estados Unidos continuarem intervindo em nossos assuntos internos”. (LEVY, 2008, p. 26). Não obstante, durante o ano de 2007, o governo se comprometeu a erradicar 5.000ha, mas, contrário às expectativas dos EUA, conseguiu erradicar 6.000ha, superando os objetivos iniciais, além de 11.475ha em plantações de substituição. O governo de Evo Morales é consciente de que a produção de cocaína pode ser também seu “calcanhar de Aquiles” em nível interno, com as classes tradicionais que procuram demonstrar seus vínculos com o tráfico de drogas; e externo, por parte dos EUA, que procura uma desculpa internacionalmente justificável para intervir na Bolívia. Segundo a UNDOC (2009), no ano de 2008, foram produzidas 113 tm de base e de cloridrato de coca, destinadas principalmente para o consumo no Brasil⁴⁴, Argentina e Chile.

O Peru é o segundo maior produtor mundial de cocaína com um potencial de 302 tm, que equivale aos 35,7% do total produzido mundialmente. Segundo o sistema de monitoramento da UNDOC, no ano de 2008 contava com 56.100ha em plantações de coca, concentradas principalmente nas regiões andinas de Alto Huallaga, Apurímac e La Convención. O Peru e a Bolívia compartilham uma situação similar no que se refere à presença histórica das plantações e sua associação milenar com os povoadores indígenas da cordilheira dos Andes. Ribeiro (2000) reporta que mais de 4 milhões de Quéchuas, Aimarás e dezenas de etnias amazônicas mascam ou ingerem coca de forma cotidiana em todo o território. O narcotráfico apareceu no Peru na década de 1970, encontrando as duas condições básicas para seu desenvolvimento, regiões isoladas territorialmente propícias para o plantio de coca e mão

⁴⁴ O Brasil também cumpre uma função de trânsito para os mercados da África e da Europa, o tráfico de cocaína mobiliza em Brasil em torno de 5 bilhões de dólares por ano (UNDOC, 2007).

de obra, sendo esta última composta principalmente por populações pobres e analfabetas, sem contato com a cidade de Lima, a capital do país. Isso permitiu uma importante expansão quantitativa das plantações de coca em vários pontos do território peruano, apesar de na década de 1980 o governo ter se concentrado no estabelecimento de vários planos de erradicação por pulverização com herbicidas. Tanto a folha como parte da pasta básica processada no território peruano, assim como parte da mesma pasta produzida na Bolívia, eram exportadas para a Colômbia, neste país, os nascentes cartéis das drogas terminavam o processo químico para posteriormente enviar a cocaína aos EUA. (BAGLEY, 2001).

Durante o primeiro governo peruano de Alan Garcia (1985-1990), as plantações de coca tinham alcançado a cifra histórica de 200.000ha (MUSSO, 2000) e o país se encontrava praticamente dividido entre Lima – controlada pelo governo – e o restante do país sob o controle do Partido Comunista do Peru (M.L.M)⁴⁵, mais conhecido pelo nome de seu braço armado “Sendero Luminoso” e pelo Movimento Revolucionário Tupac Amaru (MRTA). Em 26 de julho de 1990, tomou pose como presidente do Peru o Agrônomo Alberto Fujimori, com a promessa de derrotar os grupos insurgentes através da denominada “guerra contra os terroristas”.

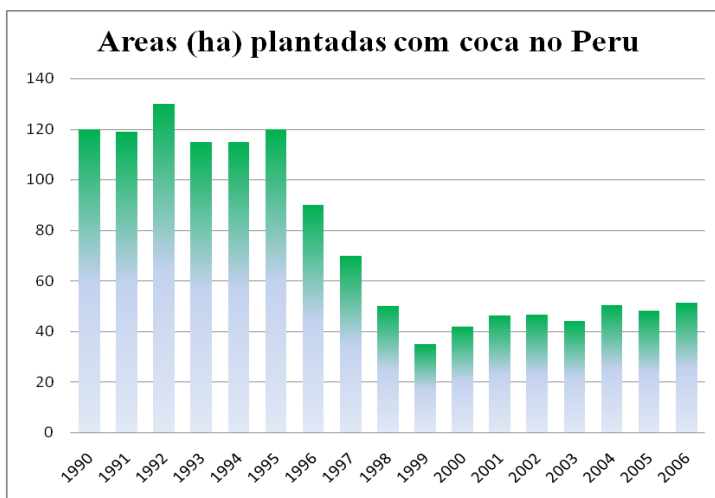


Figura 4: Histórico das áreas plantadas com coca no território peruano

⁴⁵ Partido com um programa Marxista, Leninista, Maoísta (M.L.M), pertencente internacionalmente ao MRI, Movimento Revolucionário Internacionalista.

Fonte: Elaboração própria com base em dados da UNDOC (2007).

No final de 1991, o governo adotou a política de não mais considerar criminosos os camponeses que plantavam coca, como suposta estratégia para tirar o apoio dos cocaleros aos grupos insurgentes, os quais protegiam as plantações dos programas de erradicação e regulavam – taxavam – o comércio de cocaína. Contudo, nos anos seguintes, a guerra entre os insurgentes e a classe dominante do Peru, diretamente apoiada pelos EUA, destruiu a vida de milhares de pessoas nas cidades e no campo. O governo de Fujimori conseguiu deslocar e destruir as denominadas “bases de apoio”⁴⁶ do Sendero Luminoso através dos massacres de milhares de camponeses e indígenas por parte dos grupos paramilitares em conjunto com operações do Exército peruano e estadunidense.

Entre 1991 e 1996, foram capturados em Lima, e em algumas outras partes do interior do país, todos os membros do Comitê Central do Partido Comunista do Peru, principalmente seu dirigente mor, Abimael Guzman (*O presidente Gonzalo*), em prisão atualmente. Cabe ressaltar que as relações entre narcotraficantes e os grupos insurgentes frequentemente se confundiram por estarem na mesma fronteira da ilegalidade. Ao mesmo tempo, pela metade da década de 1990, os traficantes dos cartéis das cidades colombianas de Cali e de Medellín já tinham estabelecido importantes áreas de arbustos de coca peruana no território colombiano, o que significou que podiam se desprender da dependência da matéria-prima e de seus abastecedores peruanos e bolivianos, tendo finalmente controle total sobre o processo de produção e distribuição da cocaína.

O governo de Fujimori atribuiu forte diminuição no número de áreas plantadas no território peruano à forte interdição, por parte da polícia, das aeronaves que transportavam a mercadoria para Colômbia, assim como à presença do fenômeno climático do “niño” junto com a derrota militar do Sendero Luminoso, como causas que teriam desestimulado a produção de base de coca no território peruano. Bagly (2001) afirma que para finais da década de 1990 os preços por arroba de folha diminuíram em mais de 60%. Porém, a partir do ano 2000, as áreas plantadas se estabeleceriam em torno das 50.000ha. A capacidade de produção de cocaína por área plantada aumentou em torno de 70% até alcançar, no ano de 2008, as 302tm, o que significa que a produção de

⁴⁶ As denominadas bases de apoio eram territórios sobre os quais o PCP-MLM tinha controle político e militar.

cocaína voltou a aumentar. Pesquisas recentes indicam como causa destas transformações na produtividade dos plantios: a) o aumento do número de arbustos por hectare, que passou de 30.000 para 60.000 e; b) a utilização de fertilizantes e agrotóxicos no controle de pragas e doenças. A consequência foi o aumento no número de coletas por ano, nos índices de produtividade e na quantidade de folha. Portanto, se as demais condições do processo na produção de pasta de coca e de cocaína se mantêm estáveis, os dados coletados por imagens de satélites e sobrevôos não permitem identificar a produtividade ou o desenvolvimento técnico em cada plantação.

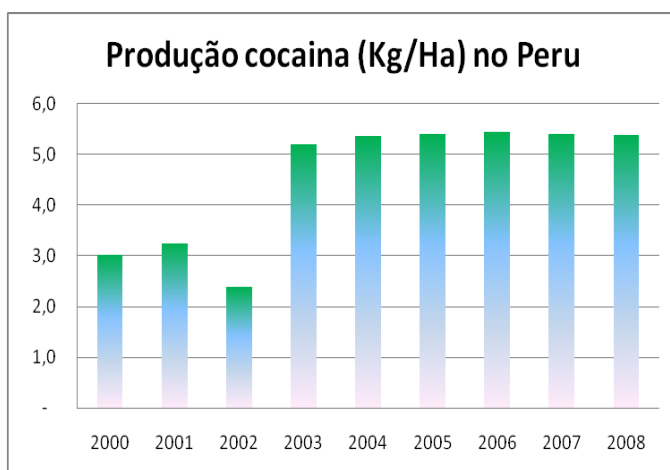


Figura 5: Produção de cocaína no Peru (kg/ha)

Fonte: Elaboração própria com base em dados da UNDOC (2008).

No Peru, a erradicação dos plantios como forma de controlar e destruir o tráfico de cocaína continua servindo de pretexto para o governo de Garcia criminalizar os protestos e levantamentos populares por parte dos camponeses peruanos contra as diferentes políticas de corte neoliberal. Como exemplo da luta dos camponeses, em setembro de 2007, os líderes cocaleros de diferentes partes do Peru se reuniram no que seria seu primeiro congresso nacional (CONRACCD), inspirados no processo popular boliviano. Segundo o último informe do BINLFA (2008), os Estados Unidos acusam os camponeses do Alto Hulluaga de se amparar na tradição cultural do consumo da folha de coca para fornecer matéria-prima aos narcotraficantes, assim como colaborar no ressurgimento do Sendero Luminoso.

Na zona originária da coca no Vale do Alto Huallaga (UHV), os cocaleros são incitados por seus líderes para se comprometer a resistir através de atos violentos às erradicações forçosas. O vínculo entre narcotraficantes e o Sendero Luminoso (SL) organização terrorista localizada no UHV e nos vales de Apurímac e ou rio Ene (VRAE) gera uma forte preocupação, no ano 2007 os narcoterroristas emboscaram, feriram e mataram policias e trabalhadores (*eradication workers*), e também tem ameaçado as equipes de desenvolvimento alternativo (*Original em inglês, traduzido pelo autor* (BINLFA, 2008).

1.7.1.2 Colômbia: a universalização acabada do capital degenerativo

A Colômbia⁴⁷ se transformou no maior produtor de folha de coca e de cocaína no mundo em fins de 1990 (CASTANO *et al.*, 2005) (UNDOC, 2003, 2009). Diferentemente de Peru e Bolívia, o consumo da folha de coca por populações tradicionais colombianas é quase insignificante⁴⁸, o que denota que todos os plantios presentes no território têm como finalidade a produção de cocaína para o mercado dos EUA e da Europa. Outra diferença consiste na distribuição e

⁴⁷ A Colômbia é o quarto país em extensão da América do Sul com 1.142.500 km², seu território equivale ao da Espanha, França e Portugal juntos, totalizando 0.7% da superfície terrestre e 10% da biodiversidade mundial. O país está dividido geograficamente em cinco regiões e politicamente em 32 Departamentos e no Distrito Capital de Santafé de Bogotá. Os departamentos se dividem em municípios, cada um destes se divide em centros urbanos chamados de “pueblos”, em veredas com população rural, zonas de reserva, parques naturais, assentamentos indígenas e outras formas de organização do território. Com uma população de mais de 43 milhões de pessoas, a Colômbia é um país com altos níveis de desconcentração demográfica, 28% da população vive nas cidades de Bogotá, Medellín, Cali e Barranquilla, outras oito cidades possuem populações maiores que 500 mil habitantes e mais de 22 cidades têm mais de 100 mil. Calcula-se que a relação da população urbana-rural é de 70%, 30% respectivamente. Segundo Rangel (2006), a Colômbia é a quinta economia na América Latina em tamanho, sendo bastante diversificada, 25%, 13% e 7% das exportações correspondem respectivamente a petróleo, carbono e café, o restante corresponde a vários produtos industriais e agrícolas.

⁴⁸ Na Colômbia, a folha de coca é secada e moída até fazer um pó grosso que se mistura com sais orgânicos de origem vegetal, consome-se colocando-se uma parte da mescla na boca, molhando o pó com saliva até formar duas pequenas bolinhas aos costados dos dentes, este processo é chamado de “manbear”, acontecendo entre as comunidades indígenas dos Paeces e Guambianos, ou nas comunidades amazônicas dos Tikunas. Segundo Ribeiro (2000), o número pode ascender a umas 100.000 pessoas.

localização das plantações: enquanto na Bolívia e no Peru é possível identificar claramente as regiões produtoras como estáveis e tradicionais, no território colombiano elas se encontram dispersas ao longo de várias regiões e apresentam um alto nível de mobilidade territorial, quase como se os arbustos de coca caminhassem com suas próprias pernas.

Metodologicamente podemos observar a década de 1960 como sendo o tempo histórico no qual confluíram diferentes fatos, em nível internacional e regional, que moldaram a história recente da Colômbia; enquanto os cubanos iniciavam a construção de sua revolução, e as ditaduras militares se espalhavam pela América Latina, a Colômbia ainda acordava com a ressaca de uma sangrenta guerra civil de mais de 10 anos, conhecida como “A violência”⁴⁹, berço dos três fenômenos que demarcariam o desenvolvimento seguinte do capital neste país. O primeiro seria a mudança da relação populacional entre o campo e a cidade, pelo deslocamento e expulsão violenta dos camponeses de suas terras, a maioria deles chegando às cidades em busca de emprego e o restante iniciando uma nova diáspora até novas zonas de fronteira na

⁴⁹ Em 9 de abril do ano de 1948, foi assassinado, no centro de Bogotá, o líder político Jorge Eliécer Gaitán, o que se tornou o estopim para o desenvolvimento de uma sangrenta guerra civil entre as classes dominantes, conhecida na história colombiana como *A Violência* (1946 - 1958) e que dizimou a vida de, pelo menos, 300.000 colombianos das classes populares, principalmente camponeses e trabalhadores rurais, afiliados ou simpatizantes dos dois partidos tradicionais (Liberal e Conservador) e deslocou, pelo menos, 2 milhões de camponeses de suas terras (GUZMAN, *et al.*, 1985; VALENCIA, 1985). Gaitán pertencia a um setor radical do Partido Liberal, se destacando por suas posturas nacionalistas e por sua forte capacidade de oratória, o que o levou a ganhar um massivo apoio popular, se constituindo como um forte candidato para as eleições presidenciais de 1949, porém, Gaitán era visto com desconfiança pelas classes da burguesia, dos latifundiários e da igreja católica. Os Liberais acusariam aos Conservadores por sua morte e estes a negariam acusando aos Comunistas. “Somente em Bogotá nos três primeiros dias da insurreição foram incendiadas e destruídas a Nunciatura Apostólica, dois Conventos de freiras, o Ministério da Educação, o Palácio da Justiça, a Procuradoria da nação, o Palácio do Governador e a sede presidencial”. (CALVO, 2008, p.57). Nos anos seguintes, enquanto o país, principalmente rural, se reconstruía pela intensidade da guerra, a Colômbia assinou, em 1952, o primeiro pacto de assistência militar (PAM) com os EUA e se transformou em um importante aliado deste país. Em 1957, a Colômbia se envolveu na “Guerra Fria” ao ser o único país da América Latina a enviar tropas para lutar na Coreia. Outros fenômenos a destacar, deste período, foram os levantamentos armados por parte de camponeses nas denominadas *Guerrilhas dos Llanos Orientais* e a entrega do governo – por parte das classes dominantes –, do Partido Liberal e do Partido Conservador, ao Exército da Colômbia (em 1953), da cabeça do general Gustavo Rojas Pinilla que representou uma espécie de ditadura “tampon” por um período de 4 anos. Uma vez que as classes dominantes retornaram ao poder, em 1958, fizeram um acordo de revezamento e alternância do governo entre os 2 partidos a cada 4 anos, nos quais se distribuiriam pela metade os empregos públicos, o congresso e as assembleias municipais, validando toda esta farsa democrática com eleições populares (a este período de 16 anos o chamariam de Frente Nacional).

busca por novas terras em regiões pouco povoadas como os Llanos Orientais e a Amazônia.

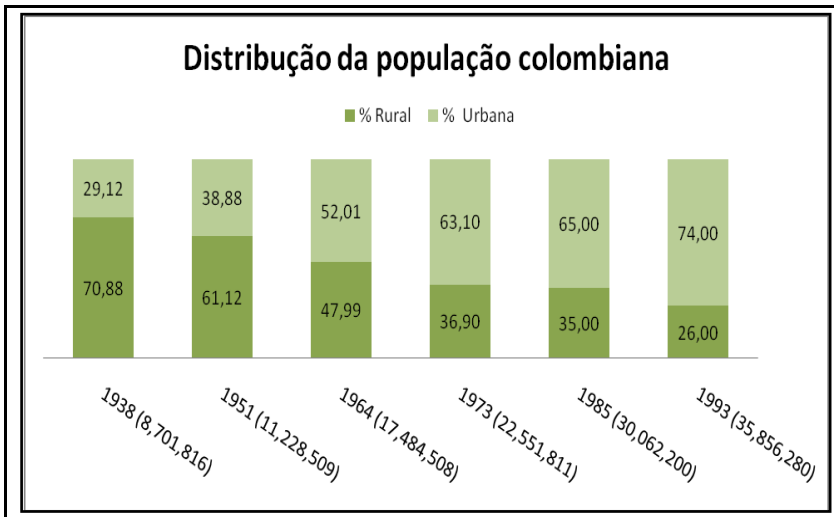


Figura 6: Porcentagem da distribuição da população colombiana

Fonte: Elaboração própria com base em dados de DANE (2008).

O segundo fenômeno seria o surgimento e a consolidação de vários grupos armados como opção de espraiamento do poder para as organizações de esquerda, entre os quais as guerrilhas das FARC⁵⁰, ELN⁵¹, EPL⁵² e M19⁵³, organizações de maior importância em

⁵⁰ No período conhecido como “da Violência” vários grupos de camponeses se organizaram em territórios isolados para se proteger das diferentes forças partidárias em conflito, assim como de vários grupos de bandoleiros comuns que atuavam em todo o território colombiano; uma vez terminada a guerra com a chegada do Frente Nacional, estes territórios passaram a ser denominados, pelo governo do presidente Guillermo León Valencia (1962 - 1966), como “repúblicas independentes”, já que os camponeses se recusavam a ter presença institucional; em maio de 1964, a aviação, a artilharia e mais de 16.000 soldados colombianos, com assessoria do exército dos EUA, atacaram estes territórios localizados sobre a cordilheira central, ao sul do departamento do Tolima e um grupo de 44 homens e mulheres dirigidos por Manuel Marulanda Vélez resistiram por semanas. No dia 20 de Julho deste mesmo ano se celebraria uma assembléia geral dos camponeses insurgentes, a qual permitiu um maior nível de ação entre outros grupos de camponeses. Em abril de 1965, na denominada Segunda Conferência foram fundadas as Forças Armadas Revolucionárias de Colômbia (FARC). Sobre este período, assim como a história das FARC, é referência importante o livro do historiador Arturo Alape (1965); Manuel Marulanda, “Tirofijo”, *Colômbia 40 Anos de luta Guerrilhera*.

⁵¹ O Exército de Libertação Nacional (ELN) surgiu pela influência direita da revolução cubana em julho de 1964, sendo que no dia 7 de janeiro de 1965 um grupo de 27 homens tomou uma

território colombiano por seu grau de desenvolvimento e presença nacional. Tanto as mudanças nas estruturas populacionais na América Latina como o aparecimento dos grupos insurgentes seriam particularmente fenômenos espaciais dispersos por vários países da região. Na Colômbia, o estabelecimento do narcotráfico, especialmente o de cocaína, se introduziu com uma força sem precedentes na estrutura econômica, política e até cultural de um país relativamente fechado e sem importância ante os olhos do mundo, no tocante à segunda metade do século XX. Até o presente momento não há certeza de quando e como surgiriam as primeiras plantações de coca destinadas ao tráfico, porém, é conhecido que elas se estabeleceram inicialmente no noroeste do país, nas regiões da Sierra Nevada de Santa Marta e na Serrania do Perija, quando a polícia colombiana interditiou cargas de maconha exportadas aos EUA. O ciclo de abundância das plantações de maconha e seu comércio na Colômbia estiveram destinados a este fim, já que desde a metade da década de 1970 esta espécie começou a ser plantada no estado da Califórnia de maneira legal e por consequência começou a suprir a demanda local desse país. Apesar deste primeiro fracasso

pequena cidade no Departamento de Santander; este foi o primeiro grupo na Colômbia reivindicando a luta armada como forma de obter o poder. Em 1965, se incorporou às suas filas o carismático sacerdote católico Camilo Torres Restrepo, o qual contava com uma forte simpatia e apoio popular; o padre Camilo foi um dos fundadores da primeira faculdade de sociologia na América Latina, na Universidade Nacional de Colômbia, e morreu no dia 16 de Fevereiro de 1996 em combate contra tropas do exército.

⁵² O Partido Comunista de Colômbia (PCC) foi fundado no ano de 1930, e permaneceu unificado até o racha sofrido em 1965, no X Congresso, por parte de uma facção maoísta que originou o debate sobre o caráter da sociedade colombiana e o tipo de programa político que tinha que fundamentar o partido. Expulso do partido, estabeleceria um novo programa que fundaria (PCC) marxista, leninista com base no pensamento de Mao Tse-tung, reafirmando que o caráter da revolução na Colômbia tinha que ser patriótica, popular e antiimperialista, rumo ao socialismo e por uma nova democracia. Seu braço armado foi o Exército de Popular de Libertação (EPL), fundado em 1967, sobre a teoria maoísta da guerra popular prolongada e a constituição de embriões de poder alternativos “bases de apoio”. O EPL se estabeleceu nas regiões bananeiras do norte da Colômbia (Golfo de Uraba e no norte do Departamento do Magdalena), onde se tinha a presença de um importante proletariado agrícola. Cabe destacar que, em 1991, uma importante facção deste partido e do EPL negociaram com o governo, fazendo parte da Assembléia Nacional Constituinte, abandonando a luta armada.

⁵³ No dia 17 de Janeiro de 1974 foi roubada a espada do Libertador Simon Bolívar de um museu em pleno centro de Bogotá, ato simbólico com o qual nasceu a primeira guerrilha urbana da Colômbia, autodenominada Movimento 19 de Abril (M-19). Este grupo armado seria fundado principalmente por ativistas da Aliança Nacional Popular (Anapo) e alguns ex-militantes das FARC e do ELN. Em 1985, os insurgentes tomariam o Palácio de Justiça, num dos atos mais impressionantes da história deste país, e, em 1991, negociaram junto com o EPL, ingressando também na assembléia que elaborou a atual constituição da Colômbia. Para maiores informações sobre o M-19 se remeter a Alape (1985) *A Paz, a Violência: testemunhas de exceção*.

comercial, os traficantes colombianos e estadunidenses adquiriram a experiência logística necessária para se apropriar do mercado de cocaína, que nesta década se encontrava em plena expansão, assumindo desta forma o papel de intermediários entre a pasta de coca produzida na Bolívia e no Peru e os consumidores finais do alcalóide das cidades dos EUA. Na década de 1980, na Colômbia, se viveu uma explosão econômica e cultural causada pelo que foi denominado como “boom” ou bonança da coca: novos ricos apareciam como por “ato de mágica”, principalmente nas cidades de Medellín e de Cali. O narcotráfico se converteu numa resposta eficiente aos problemas de reprodução social vividos nos anos de 1980 na América Latina (KALMANOVITZ, 1990). A construção civil e a entrada massiva de dólares teriam estabilizado as reservas internas e regulado o processo inflacionário. O poder do tráfico na Colômbia se expressaria na declaração dada pelo o narcotraficante Pablo Escobar, quando este ofereceu publicamente pagar “toda a dívida externa” em troca de sua liberdade.

A lavagem de dinheiro prontamente configurou-se não apenas como um mecanismo para legitimar grandes fortunas, mas também como um meio para tecer relações com um amplo grupo de agentes pertencentes a diversos segmentos sociais (banqueiros, arquitetos, agentes imobiliários, latifundiários, decoradores de interiores, artistas, políticos, burocratas, advogados, capangas guerrilheiros, paramilitares (VILLAVECES, 2000, p. 71)

Durante o governo de Belisario Betancourt (1982-1986), foi iniciado um novo processo de negociações com os grupos insurgentes, de cujo ambiente de “reconciliação” nasceu uma frente política aglutinadora de diferentes forças políticas e armadas, que se autodenominou como União Patriótica (UP)⁵⁴. Nas eleições de 1986, a

⁵⁴ Comumente, a União Patriótica foi reduzida a ser uma organização exclusivamente vinculada à FARC, porém, a ela pertencem múltiplas organizações e partidos, entre elas o Movimento Firmes, a Juventude Comunista, o Partido Comunista Colombiano, o Partido Socialista Revolucionário, a Frente Democrático, os setores do Novo Liberalismo, os setores do Liberalismo Independiente Unidade Liberal Popular, o Movimento de Convergência Liberal, Nova Força Liberal, diversas organizações de caráter cívico, operário e popular e até setores do conservadorismo (ORTIZ, 2006). Dez anos depois, a UP desapareceu como partido em função de – assegurado por algumas fontes (CALVO, 2007) – mais de 5.000 de seus militantes terem sido mortos; o último senador deste partido, assassinado pelos paramilitares, foi Manuel Cepeda Vargas, no ano de 1994, no Governo de Ernesto Samper.

UP obteve 320 mil votos ganhando várias prefeituras e outros cargos legislativos importantes em oposição aos tradicionais partidos Liberal e Conservador, mas, ao contrário do esperado, na democracia colombiana, a resposta foi o assassinato seletivo de seus militantes. No primeiro ano de vida da UP, mais de 300 de seus integrantes foram vítimas das forças do Estado e dos grupos paramilitares (ORTIZ, 2006; CALVO, 2007). A histórica violência da década de 1950 não teria terminado como anunciado pela Frente Nacional, mas simplesmente se fazia mais complexa e sádica pelo número de atores envolvidos. A guerra interna entre os grandes cartéis de Cali e Medellín pelo controle dos mercados da cocaína e a guerra entre estes últimos e o governo de Virgílio Barco (1986-1990), que assinou um tratado de extradição com o governo dos EUA, foi o marco para o extermínio da União Patriótica.



Figura 7: Território colombiano e divisão política-administrativa

Fonte: University of Texas at Austin (2009).

Nas regiões rurais centrais da Colômbia⁵⁵ se iniciou um novo processo especulativo de compra das melhores terras do país, principalmente para serem usadas para a produção de gado por parte dos narcotraficantes. Os tradicionais latifundiários destas regiões enxergaram como os novos e ricos vizinhos se assentaram nos limites de suas fazendas comprando ou expulsando os antigos proprietários, dando início ao maior processo de concentração da propriedade de terra que este país já tinha conhecido⁵⁶. Entretanto, o que no princípio foi uma relação mediada pela desconfiança e temor se transformou em uma relação estável e afeiçoada, na medida em que narcotraficantes e latifundiários encontraram unidade em seus interesses de classe. Fazer frente ao “inimigo comum” uniu os latifundiários aos narcotraficantes, pois era preciso deter tanto a influência política dos grupos insurgentes sobre a população, como as práticas de financiamento dos grupos armados que diretamente os atingiam (os impostos sobre a propriedade - área da fazenda e número de cabeças de gado vendidas), bem como o sequestro com fins econômicos⁵⁷. O narcotráfico teria, portanto, acelerado o desenvolvimento do espaço do capital nas regiões de periferia⁵⁸.

⁵⁵ Neste ponto, nos referimos às regiões centrais, como as terras com potencial uso agrícola que ficam perto das grandes cidades da Colômbia, caso de Bogotá e de Medellín e que contam com importantes vias de comunicação.

⁵⁶ “Assim, nos anos de 1980, traz o caminho de mortes que deixava a cruzada anticomunista, mandos militares, dirigentes políticos do bi-partidismo, líderes paramilitares, os “narcos” e as grandes empresas nacionais e estrangeiras se apoderariam das férteis terras do Magdalena Meio. A estratégia da terra arrasada foi despovoar o campo, pois não somente se matava ao camponês por ser presumivelmente guerrilheiro, mais, para tirar suas propriedades, quando os camponeses se negavam a vender pelos preços irrisórios oferecidos. A ameaça era “persuasiva”: ‘Ou você assina hoje ou amanhã nós negociaremos com a viúva’”. (CALVO, 2007, p.149).

⁵⁷ A organização denominada de *Morte A Sequestradores* (MAS) foi criada pelo cartel de Medellín como uma organização paramilitar contra-insurgente em uma clara aliança entre “Narcos”, latifundiários e as forças do Estado; a justificativa para os narcotraficantes foi sua defesa ante o sequestro, por parte do M-19, de Martha Nieves Ochoa, filha de um importante dirigente das drogas de Medellín. Deste grupo, surgiram vários dos grandes chefes paramilitares deste novo século. O MAS foi e é acusado de centenas de massacres, desaparecimento de estudantes, professores, sindicalistas, camponeses, além de membros da União Patriótica em toda Colômbia – para maiores informações, consultar o livro publicado pela CINEP (2004) *Noche y Niebla, deuda con la humanidad. Paramilitarismo de Estado em Colombia 1988-2003*.

⁵⁸ Como regiões periféricas, denominaremos as zonas que foram recentemente incorporadas ao restante da economia (comumente denominadas como zonas de fronteira “interna”); a maioria da população da Colômbia, tanto urbana como rural, se concentra nos vales da imensa cordilheira andina. Os ecossistemas da Amazônia e da Orinoquia ocupam grandes extensões de terra, quase a metade do território nacional, com um total de 10 departamentos que somente adquiriam esta condição política a partir da promulgação da constituição de 1991.

No início dos anos de 1980, já existiam as primeiras plantações nos Departamentos do Caquetá, Meta e Guaviare, dando-se os primeiros passos no processo de substituir as importações de pasta de coca proveniente do Peru. As plantas do gênero *Erythroxylum sp* já tinham presença biológica nestes ecossistemas, principalmente nas regiões de transição entre a cordilheira e a planície amazônica (chamada de “*piedemonte*”). As comunidades indígenas utilizavam a espécie de coca “amarga” *Erythroxylum novogranatense*, que serviria aos traficantes para iniciar os primeiros testes.



Figura 8: Número de hectares plantados com coca na Colômbia (ha)

Fonte: Elaboração própria com base em dados da UNDOC (2009).

Contam que no começo, no ano de 1978, foram feitas as primeiras “chagras”, muito em segredo, e foram trazidas as primeiras sementes, rapidamente seria visto que as variedades locais também poderiam ser rentáveis. Alguns falam que as primeiras plantações comerciais foram contratadas com os indígenas, outros afirmam que os primeiros foram os colonos. Normalmente existe

Anteriormente a esta data eram denominados de territórios especiais ou capitânicas e suas autoridades eram delegadas pelo governo central – no capítulo três, especificaremos os processos de colonização e de conformação espacial destas regiões, da qual o Guaviare faz parte.

uma briga para definir a origem das plantações, como se fosse uma paternidade, seja a maneira de mérito ou para evadir uma responsabilidade. O certo é que a mesma rede de traficantes que tinha vistos frustrados seus negócios com a maconha, introduz o cultivo comercial da folha. Era uma infraestrutura que não podia se improvisar. Houve simplesmente um deslocamento das plantações, mas a técnica do tráfico, a rede e os atores centrais continuavam sendo os mesmos. (MOLANO, 1999, p.60).

Desta maneira, os narcotraficantes encontrariam tanto as condições ideais, agroecológicas e geográficas para o estabelecimento dos plantios e laboratórios, quanto a mão de obra necessária, composta por uma grande quantidade de camponeses e colonos em condição de subsistência⁵⁹, para os quais os ganhos obtidos nas plantações de coca significariam a solução de sua existência material, já que pela primeira vez obteriam um excedente de dinheiro para poupar e ter acesso a outras mercadorias. Entre os anos de 1982 a 1983, a quantidade de dinheiro que circulava na região atraiu uma nova onda de colonizadores: aos já referidos e históricos camponeses em procura de terra que perambulam pela Colômbia agregou-se um exército de homens urbanos desempregados provindos das florestas amazônicas em busca de fortuna. As pequenas cidades da região começariam a crescer de forma horizontal. A expansão do comércio deflagrou uma série de mudanças territoriais como a construção de novas rodovias e/ou pelo menos a realização de melhorias físicas das antigas *trochas*⁶⁰ para o transporte das mercadorias de todo tipo, as quais abrangiam desde embarcações e motores até roupa de inverno importada da França. O narcotráfico promoveu a utilização da mão de obra dos agricultores nos trabalhos de coleta e estes, por sua parte, teriam sido estimulados a deixar de plantar sua comida tradicional, uma vez descobrindo que era mais barato comprá-la do que produzi-la em seus sítios, o que definitivamente fez

⁵⁹ Diferentes autores (MOLANO, 1999; JARAMILLO *et al*, 1986) explicitam como os camponeses destas regiões, nas décadas de 1950 a 1970, sobreviviam fundamentalmente de plantios de mandioca, produção de arroz e gado como atividades produtivas, também existiam os extrativistas de madeiras e peles.

⁶⁰ “Trocha” é um termo usado para denominar os caminhos feitos no mato ou na montanha, por onde as mulas de carga podiam transitar ou o gado era transportado, muitos deles foram transformados posteriormente em rodovias.

com que substituíssem suas plantações de mandioca e milho por plantações de coca.

Para esse momento, as FARC planejaram a constituição da U.P. em diferentes municípios onde seus membros tivessem presença ou aliança com o Partido Comunista Colombiano (PCC), além de outras forças com as quais tinha unidade nas cidades. Dentro das massas camponesas, mais que a conformação tradicional de “*quadros políticos*”, existia quase que um controle que poderíamos denominar de “*geracional*”, haja vista que muitos dos camponeses provinham de famílias pertencentes às guerrilhas liberais das décadas de 1950 e 1960, e outra boa parte deles eram filhos do processo de constituição da FARC que Ramirez (1981) denominou como “*colonização armada*”. Militarmente, as FARC exerciam funções judiciais e resolviam desde problemas de terras limítrofes até casamentos. Politicamente, promoviam e participavam das Juntas de Ação Comunal, principal forma organizativa entre os camponeses e colonos. Com a chegada dos narcotraficantes, das plantações de coca e de uma nova onda de colonos, o papel dos guerrilheiros nestas regiões foi obrigatoriamente se transformando, mudando as relações destes com sua base social, e o que, num primeiro momento, esteve fundamentado numa origem comum, numa simpatia e até numa unidade de classe, num segundo momento foi transformada em uma relação baseada no lucro e no controle militar do território. A guerrilha se consolidou, assim, como uma espécie de intermediário entre os produtores e os comerciantes de droga, uma aduana entre as selvas e as grandes cidades. Porém, politicamente teria conquistado a simpatia dos produtores, principalmente evitando os abusos dos narcotraficantes, dos delinquentes comuns e até das forças estatais, como a polícia, e teria ganhado economicamente, pois teria se fortalecido através da taxação das diferentes atividades implícitas à cadeia produtiva. Desta forma, as áreas de cultivo, a entrada dos insumos para os laboratórios, a produção de cocaína⁶¹, seu transporte e até os preços da mão de obra foram padronizados.

⁶¹ Os alcalóides são metabolitos produzidos pelo metabolismo secundário das plantas que contêm nitrogênio e propriedades alcalinas (Cafeína, Nicotina, Quinina, Morfina, etc.). O processo de extração ou isolamento atravessa diferentes etapas estandarizadas, por exemplo, nos laboratórios clandestinos da Colômbia o processo de extração da cocaína utiliza uma série de insumos que dependem da disponibilidade do mercado e da pressão da polícia; uma vez coletadas as folhas são estocadas e pesadas em sacos de 10 arrobas (1 arroba = 12,5 quilogramas), posteriormente são colocadas sobre uma superfície homogênea e inicia-se a maceração das folhas com facão ou podadora; depois as folhas trituradas são mescladas e misturadas com alguma substância solvente que permita a precipitação do alcalóide (gasolina, querosene ou carbonato de sódio ou cimento, ou uma solução de óxido de cálcio com água) até

Enxergadas as coisas desta forma, não surpreende que a maioria dos produtores, e mais se estes são colonos – camponeses que tem uma ancestral antipatia pela polícia e ou o exército, preferia pagar imposto de guerra à guerrilha em troca de segurança e não o suborno aos funcionários do Estado sem contraprestação alguma. (MOLANO, 1999, p. 75-76).

Ante esta situação, as FARC estabeleceram uma série de normas obrigatórias ou acordadas segundo sua influência política e militar em cada território. Estas leis ou normas com bastante porosidade permaneceram por vários anos através do desenvolvimento do conflito: primeiro, visavam sintetizar todos os impostos (sobre as gramas de cocaína produzidos) em um só, depois promover de forma acordada o plantio de cultivos legais, principalmente depois da primeira queda dos preços por excesso de oferta de folha na metade da década de 1980. (MOLANO, 1999; JARAMILLO *et al*, 1886).

Nos Governos colombianos de Cesar Gaviria (1990-1994) e de Ernesto Samper (1994-1998) aconteceram vários fatos de suma importância para a história recente da Colômbia. Em 1991, se promulgou uma nova Constituição política, se desmobilizaram alguns grupos armados como o M-19 e parte do EPL e, economicamente, se estabeleceram todas as colunas jurídicas para o processo de liberalização da economia. A abertura econômica tirou as travas para o livre movimento do capital. As reformas jurídicas permitiram a eliminação sistemática das garantias e direitos trabalhistas adquiridos pelos trabalhadores, e a maioria das empresas e bancos estatais sofreram processos de privatização. Nas cidades, muitas fábricas não conseguiram resistir à entrada de mercadorias sem a proteção das tradicionais tarifas alfandegárias. Mas, na economia das regiões rurais, o efeito da entrada de alimentos importados foi mais drástico, pois a consequência foi que milhares de camponeses abandonaram ou venderam seus sítios por

alcançar um ponto ideal de homogeneidade, onde uma vez filtrado os resíduos que se obtém são chamados de Pasta de Coca. Para obter ou “refinar” até a denominada Base de Cocaína é necessário adicionar ácido sulfúrico e permanganato de potássio à solução Pasta de Coca, e deixar filtrar até obter uma massa homogênea, já sem a cor verde da clorofila e outras substâncias protéicas. A esta solução “Base” é adicionado um forte solvente como a acetona, de novo é filtrado e lavado várias vezes com gasolina até obter o cloridrato da cocaína em sua forma mais pura.

valores miseráveis, alcançando uma cifra histórica de 78,1% em 1999⁶². Por sua parte, os barões do narcotráfico aproveitaram todas as facilidades apresentadas pelas reformas econômicas e sociais, como a mobilidade livre de capitais e a libertação cambial da moeda, para proteger e lavar novas e maiores fortunas produzidas pelo tráfico. (CALVO, 2007). No campo político, estes atores ganharam cada vez mais influência e de maneira explícita financiaram candidatos às prefeituras, aos governos dos Departamentos e até candidatos presidenciais. No campo militar, sua estratégia foi unificar nacionalmente pequenos e diferentes grupos (grupos de delinquentes comuns, grupos paramilitares regionais, grupos de sicários, grupos de segurança privada chamados de “convivir”) em uma estrutura orgânica e centralizada, um grande exército que passou a se denominar de Autodefesas Unidas da Colômbia (AUC)⁶³. Finalmente, foi a década em que as plantações de coca se triplicaram em número, estando distribuídas por grande parte do território nacional e superando os 100 mil hectares.

No governo de Andrés Pastrana (1998–2002), no dia 07 de janeiro de 1999, foram iniciados os diálogos de paz com a guerrilha das FARC e, para isto, o governo desmilitarizou uma área de 42.000 Km² localizada entre os Departamentos de Caquetá e Meta, que foi chamada de “zona de distensão”. Este processo de negociações se desenvolveu em meio de um complexo e contraditório processo político e militar: enquanto, na mesa de negociação, diferentes assuntos nacionais⁶⁴ eram levados pelas partes com presença de múltiplos setores e movimentos

⁶² Nesta década foram produzidos diferentes trabalhos referidos à temática agrária colombiana, especialmente àqueles referidos ao impacto das políticas de corte neoliberal na agricultura, por exemplo, para Machado (2005, p. 116) “em efeito as plantações semestrais não tinham se recuperado da redução das áreas cultivadas desde o ano de 1992 e as exportações agrícolas seguiam registrando baixas taxas de crescimento em comparação com o auge das importações de produtos e matérias primas do setor; os índices de desemprego rural aumentavam e os de pobreza aumentaram a partir de 1995, depois de mostrar alguns avanços”. Os indicadores de violência no país e as condições de segurança no campo não melhoraram e deteriorou continuamente.

⁶³ O uso de forças paramilitares como estratégia militar não é um fenômeno novo, ao contrário esta prática foi frequentemente usada em diferentes períodos históricos por parte das classes dominantes colombianas, como forma de garantir o controle sobre as outras classes sociais e sobre a propriedade privada. Acerca desta complexa temática, os trabalhos de pesquisa de Carlos Medina Gallego (1990) e recentemente Hernando Calvo Ospina (2007) são importantes referências para entender as origens, o crescimento e consolidação deste fenômeno.

⁶⁴ As FARC apresentaram um programa de 12 pontos para negociar com o Governo de Andrés Pastrana, dentre os quais se encontravam a troca de prisioneiros, a reforma agrária, a nacionalização dos recursos estratégicos e a substituição dos plantios ilícitos, principalmente as plantações de coca. O governo de Pastrana, por sua parte, estabeleceu três critérios inegociáveis: a propriedade privada, a jurisdição sobre o território e a constituição nacional.

sociais nacionais e internacionais, no restante do país a guerra continuava e se fazia mais intensa entre os diferentes atores do conflito⁶⁵. Seria possível dizer que a “palavra de ordem” que regeu este período foi que “aquilo que era ganho no campo de batalha seria levado à mesa de discussão”. Por sua parte, o governo de Bill Clinton (1993-2001) e o governo de Pastrana negociavam a instauração do denominado “Plano Colômbia”, basicamente um projeto integral de luta contra o narcotráfico, concentrado nos programas de erradicação das plantações de coca e na substituição de plantios. No entanto, este plano foi concebido como a maior estratégia militar contra-insurgente que a nação colombiana já presenciou; o seguinte testemunho do ex-presidente Pastrana ilustra a situação de esse momento:

A primeira impressão que tive dos denominados “gaviones” (Cheney, Rumsfeld e Wolfowitz) foi a de uma postura mais cética que a de seus antecessores diante da opção de procurar uma paz negociada com as FARC e com o ELN, e que eram partidários, ao contrário, de adiantar ações militares contra a guerrilha. Não tinham tanta preocupação com o tema da droga como com o risco das organizações terroristas para a sociedade colombiana e para a defesa da democracia. Por suposto, esta é uma posição que se enfatizaria muito mais depois do trágico 11 de setembro de 2001. (PASTRANA *apud*, CASTRO, 2008, p. 67).

Depois dos atentados de 11 de setembro nos EUA, o governo de Bush (2001-2009) decretou a denominada “guerra contra o terrorismo”, anunciando a invasão do Afeganistão, espalhando sua postura

⁶⁵ As condições para as negociações entre o governo e as FARC, a cada vez se faziam mais complexas pelo próprio desenvolvimento do conflito: as FARC se concentravam em avançar territorialmente em diferentes regiões, igualmente ao ELN, tomando militarmente populações inteiras em vários pontos do país e fazendo reféns armados nas rodovias intermunicipais como forma de pressão sobre o governo. A guerra trazia como consequência a destruição de cidades inteiras e o medo de viajar pelas rodovias, e logicamente não permitia a circulação livre do capital. A violência proveniente de diferentes atores era muito difícil de identificar, criando uma condição de “rio revolto”. Por sua parte, os grupos paramilitares se concentrariam em tirar a “água do peixe” cometendo diferentes massacres sobre a população civil com complacência ou a indiferença do exército colombiano e milhões de colombianos seriam deslocados de suas terras novamente, alguns fugindo do conflito, outros sendo literalmente expulsos, prática efetuada principalmente pelos paramilitares.

internacionalmente, passando, por conseguinte, e principalmente, na América Latina, da denominada “guerra contra as drogas” (dos anos de 1980 e 1990) para a “guerra contra o terrorismo”. A Colômbia não pôde ficar isenta deste processo. Do mesmo modo, as FARC e o ELN passaram instantaneamente de organizações reconhecidamente de caráter político-militar para organizações denominadas como terroristas (CASTRO, 2009), acusadas de serem financiadas pelo dinheiro do tráfico de drogas ilícitas e por crimes de Lesa Humanidade como sequestro. No dia 20 de fevereiro de 2002, as negociações entre o governo de Pastrana e as FARC terminaram depois desta ter tomado de assalto um avião e tornado refém um congressista do Partido Conservador. O Exército retomou “o controle” da zona de distensão e, de novo, a guerra aberta tomou conta do país. Nesse contexto, a campanha presidencial do ano de 2002 elegeu o ex-governador do Departamento de Antioquia e latifundiário, Álvaro Uribe Velez, com o 53% dos votos, ainda que tenha havido 52% de abstenção por parte da população. Uribe foi eleito com o apoio dos latifundiários, dos industriais, da mídia, das igrejas, dos EUA e com a simpatia dos grupos paramilitares. (CALVO, 2007).

Uma vez ocupado o palácio de Nariño, o presidente Uribe desenvolveu o Plano Colômbia como um plano abertamente anti-subversivo e com todo o apoio e reconhecimento do Governo de Bush, concentrado fundamentalmente no fortalecimento do Exército e sua presença em rodovias, cidades e regiões rurais. Para efetivação desta estratégia foi iniciada uma série de ações de recrutamento massivo de camponeses denominado de “*soldado de mi pueblo*”, com objetivo de ganhar apoio militar por parte dos habitantes de cada cidade. Organizou redes de civis, “*informantes*” das ações subversivas ou suspeitas de serem subversivas, nos Departamentos de Caquetá, Putumayo, sul do Meta e Guaviare. Criou o “*Plano Patriota*” com o objetivo explícito de derrotar militarmente as FARC e, finalmente, iniciou um obscuro processo de negociação com as AUC⁶⁶. Em seus primeiros 4 anos de

⁶⁶ No ano de 2002, o Governo colombiano iniciou um processo de negociação com os grupos paramilitares, apesar destes serem considerados terroristas e narcotraficantes por parte dos Governos Europeus e dos EUA, e não obstante terem cometido os piores crimes e os mais bárbaros massacres que a história da Colômbia já conheceu, a maioria deles, no máximo, cumpriu penas em cadeia de 8 anos. Desde sua desmobilização, as AUC se comprometeram a deter suas ações militares, porém, uma grande quantidade de assassinos de líderes sindicais, camponeses, e estudantes ainda acontecem, mas o Governo não reconhece mais a existência destes grupos, porque para ele estes já seriam “coisa do passado”. Para maiores informações, consultar o informe anual do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos do ano 2009.

Governo (2002-2006) e em seu segundo mandato (2006-2010) Uribe continuou com o projeto neoliberal na economia e na educação; no campo social reprimiu qualquer tipo de mobilização ou levante popular e utilizou a estrutura do Estado para criar e consolidar um forte e eficiente projeto corporativo de tipo autoritário dentro da sociedade. O Congresso da República foi abertamente reconhecido pelo controle do narcotráfico e do paramilitarismo⁶⁷, assim como recentemente foram desvendados em sucessivos escândalos os vínculos entre os organismos de inteligência do Estado com as AUC e o narcotráfico.

Sobre este complexo panorama político e militar, a eliminação das plantações de coca não tem apresentado os resultados esperados, pois as áreas plantadas ainda se encontram em torno das 80.000ha e mais distribuídas (em 23 dos 32 Departamentos), apesar de 219.939ha terem sido erradicadas por pulverização aérea de herbicidas e/ou de forma manual feitas pela polícia nacional no ano 2007. O contraditório de todo este processo se expressa nos investimentos, nada desprezíveis, de 6 bilhões de dólares (*El Tiempo*, 2009) que, durante quase uma década, foram desembolsados pelos governos dos EUA e da Colômbia para o desenvolvimento do Plano Colômbia, cujo principal objetivo, pelo menos no papel, visava a eliminação das plantações e a diminuição da oferta das drogas para desestimular o consumo nas cidades (via subida dos preços e perda de qualidade).

E, segundo o último informe da UNDOC (2009), tanto o potencial de produção de cocaína como o número de consumidores em escala mundial não tem sofrido variações importantes. Deste modo, este círculo vicioso parece servir de cortina de fumaça para esconder os importantes problemas pelos quais atravessa a Colômbia, tais como: a crise de sua produção agrária, as altas taxas de desemprego e de pobreza, o deslocamento de mais de 4 milhões de camponeses e trabalhadores expulsos de suas terras, a violação dos direitos humanos e o problema ambiental causado pelas pulverizações aéreas dos plantios no marco de uma guerra civil não-declarada de mais de 5 décadas.

Mais de 80.000 famílias de camponeses colombianos vivem diretamente dos plantios com um ingresso anual de 12.300 dólares (SEMANA, 2007; UNDOC, 2007), superando com vantagem os ingressos da maioria dos camponeses que trabalham em outras atividades de tipo lícito. O Guaviare é considerado como uma das

⁶⁷ O chefe narco-paramilitar Salvatore Mancuso reconheceu, em diferentes declarações, que as AUC controlavam mais de um 40% do Congresso Nacional. Na atualidade, existe um processo de investigação sobre vários congressistas denominado de “parapolítica”.

primeiras e tradicionais regiões produtoras de folha de coca e de cocaína na Colômbia e, na atualidade, é um dos epicentros da confrontação entre o Governo e as FARC.

Assim, na América Latina o narcotráfico, para além da moral e da ética burguesa que lhe condenam como se fosse algo “não natural” da racionalidade capitalista, é um eficiente moldador da geografia que transita entre as esferas do capital industrial. Nos países produtores de coca, tanto em sua forma legal como em sua forma ilegal, o narcotráfico tem se convertido em um importante acelerador do processo de incorporação/expulsão de milhares de homens do espaço do capital, assim como politicamente tem representado uma estratégia, “mais um pretexto”, para a intervenção e o controle dos EUA nos assuntos internos destes países, conduzindo à intensificação dos conflitos armados, à criminalização dos movimentos populares e à morte de centenas de homens.

CAPITULO II

Nossa proposta de pesquisa está baseada nas formas materiais da “criação do espaço”, ou seja, como os homens que produzem folha de coca vivem cotidianamente na região do Guaviare – Colômbia. Sobre este pressuposto, entendemos que todas as formas sociais que delimitamos territorialmente para fins práticos de inquirição e apreensão da realidade são a expressão singular dos diferentes processos de universalização das relações mediadas pelo modo de produção capitalista. Desta forma, todo ato histórico dos homens, de uma determinada região ou localidade, na aparência isolada ou particular, está conectado com qualquer lugar, com a totalidade da forma de fazer “o espaço” humano mediado pelas relações burguesas.

Para nós, o modo de produção capitalista se encontra num processo⁶⁸ histórico que denominamos de *reafirmação degenerativa*. Assim, enquanto se reafirma por meio do desenvolvimento das forças produtivas, alcançando níveis cada vez maiores de produção a partir de um excedente social na forma de riqueza, impede (contraditoriamente), ao mesmo tempo, que uma quantidade cada vez maior de pessoas possa usufruir e se inserir dentro do arcabouço de reprodução do capital. Nesta condição, a maioria da humanidade vendedora de sua força de trabalho se vê contraditoriamente uma desnecessidade estrutural ao sistema, para não falar dos os homens permanentemente desempregados, excluídos, expulsos, que iniciam sua diáspora no tempo presente em procura de sua própria sobrevivência e redenção. Fechados os caminhos formais do capital e ante a impossibilidade/dificuldade material de se reproduzir através de formas passadas ou individuais, restam as formas ilegais de reprodução ou o confronto coletivo, diante da universalização da propriedade privada.

Para melhor compreensão destas ideias, metodologicamente, neste capítulo, procuramos explicitar como *o vetor da negação do capital* se converte na principal expressão no espaço mediado pelas relações burguesas de produção, e como nestas condições surge a possibilidade de sua própria superação no tempo presente. Na segunda parte deste capítulo, o leitor encontrará explicitado, com base em Marx, como historicamente se dá a constituição do “ser social” através do próprio desenvolvimento de sua base material, mediada, por sua vez,

⁶⁸ Para nós, o “processo” se expressa pela função e localização que cumprem seus elementos dentro de uma estrutura básica e porque seu desenvolvimento é dirigido para reproduzir constantemente seu ponto de partida.

pelo grau de desenvolvimento das forças produtivas e pelo grau de cooperação entre todos os seres humanos. Neste sentido, três grandes momentos em permanente movimento explicitam este processo: o ofício, a manufatura e grande indústria.

2.1 A MATRIZ BÁSICA DE REPRODUÇÃO DO CAPITAL E O CAMINHO DE SUA NEGAÇÃO

Entendemos que o ponto de partida e chegada não pode ser outro senão os elementos mais desenvolvidos para a reprodução dos homens no momento presente, ou seja, partimos do modo de produção capitalista e das formas em que os homens se movimentam para se reproduzir socialmente na atualidade. Assim, as formas de reprodução do espaço dos homens não obedecem ou se constituem a partir dos desejos humanos, das ideias, do amor à natureza, ao gênero ou à cultura. O mundo material corresponde às formas pelas quais os homens se relacionam metabolicamente⁶⁹ entre eles mesmos e com o planeta terra, o que equivale à apreensão do desenvolvimento das forças produtivas e das relações existentes e criadas em cada lugar – reproduzidas – pelos mesmos homens em cada momento de sua existência e história.

Neste sentido, metodologicamente, poderíamos explicitar o processo de reprodução burguesa e a formação do espaço através de três vetores históricos, que constantemente revolucionam a si mesmos:

1. O primeiro se expressa como o movimento metabólico de cada homem burguês na produção da mais-valia e sua posterior apropriação em forma de lucro. Portanto, a lógica de os homens burgueses se explicita racionalmente quando procuram efetivar o trabalho alheio por eles apropriado, através do intercâmbio

⁶⁹ Através do termo “metabolismo”, alguns pensadores marxistas procuram explicitar a relação do homem com a natureza no pensamento de Marx, por exemplo, para Foster, “o componente essencial do conceito de metabolismo estava normalmente associado à noção dos constituintes básicos da complexa rede de interações necessárias para o sustento da vida e para que o crescimento seja possível. Marx emprega o conceito de rachadura e de relação metabólica entre o ser humano e a terra para capturar o estranhamento material da existência humana dentro da sociedade capitalista a partir das condições naturais que formaram a base de sua existência – que ele chama “todas as perpetuas imposições-naturais condicionando a existência humana” [Tradução livre do inglês: “An essential component of the concept of metabolism has always been the notion that in constitutes the basis on which the complex web of interactions necessary to life is sustained, and growth becomes possible. Marx employed the concept of a “rift” and the metabolic relation between human beings and the earth to capture the material estrangement of human beings within capitalist society from de natural conditions which formed the basis for the their existence – what he called “the everlasting nature-imposed conditions of human existence”]. (FOSTER, 2000, p.163).

com outros capitalistas no mercado, procurando sempre a forma mais eficiente para acumular seu capital em meio à concorrência.

2. Necessariamente, o segundo vetor se relaciona diretamente ao primeiro, pois para que existam materialmente os homens burgueses como possuidores dos meios de produção precisam existir homens, também burgueses, desprovidos dos meios de produção. Da mesma forma, para que existam homens que se apropriam do trabalho alheio, é preciso que existam homens que gerem o trabalho de forma direta. Assim, a reprodução do modo de produção capitalista reproduz sua relação fundamental através da compra e venda da força de trabalho em todo lugar onde a universalidade do capital se explicita. Em síntese, a existência do capitalista e do trabalhador assalariado como classes sociais se reafirmam, se intensificam, se antagonizam e se revolucionam a cada vez que se gera a mais-valia.
3. Note-se que o movimento dos dois primeiros vetores não é infinito, pois na medida em que eles se desenvolvem, geram dentro de si sua própria negação. Diferentemente de qualquer outro processo em transformação, o modo de produção capitalista gera seus próprios excedentes, os quais em determinado momento se apresentam como uma contradição a resolver e/ou superar. Estes excedentes processuais e históricos constituem o vetor da negação do capital, que em síntese se expressa através de duas vias, a primeira compreende a centralização do capital, constatada nos grandes monopólios e sociedades anônimas desenvolvidas para finais do século XIX, e a segunda via que se expressa principalmente na desnecessidade quantitativa dos homens no processo de produção como elemento material.

2.2 CONFIGURAÇÕES ESPACIAL E TEMPORAL DOS VETORES DO CAPITAL NO SÉCULO XXI

Em nossa perspectiva, desde seus inícios no território Europeu Ocidental, as relações capitalistas teriam passado por vários avanços e recuos históricos, incorporando e superando outras formas sociais de reprodução até alcançar seu atual grau de dominação. Na medida em que a racionalidade capitalista foi sendo gestada, revolucionou as formas cotidianas sob as quais os homens trabalhavam e se reproduziram socialmente até alcançar um determinado limite histórico e territorial. Assim, as mudanças populacionais, a procura e o domínio sobre determinados recursos (terras, mares, etc.) e desenvolvimentos de novas tecnologias teriam viajado no carro dos homens burgueses até contornar e dominar todos os territórios e povos do mundo pela mesma racionalidade; a constituição do espaço humano mudaria, alcançando um determinado nível universal de desenvolvimento.

No contexto geográfico e demográfico, o processo de ampliação e consolidação do modo de produção capitalista poderia ser definido através de dois grandes momentos: o primeiro seria caracterizado pela expansão primitiva da racionalidade burguesa, processo que teria acontecido entre os séculos XV e XVIII⁷⁰, dentro da própria Europa, espalhando-se posteriormente pelo restante do planeta. Em função da guerra, da barbárie, do roubo e desapropriações dos habitantes das regiões agrárias, a maioria dos homens rurais teve que se deslocar para os nascentes centros urbanos, ocorrendo desta forma a concentração dos desapropriados nas cidades e, assim, da principal matéria-prima do capital ou “a linha divisora das águas na história”: o surgimento de uma classe de homens expropriados de todos os meios para se reproduzir individualmente, os quais, para sobreviver, se viram necessariamente obrigados a vender o que lhes restavam, sua força de trabalho como a única mercadoria que ainda lhes pertencia.

Da mesma maneira, a racionalidade burguesa lutava pela existência mesma de sua classe, por sua consolidação e pelo domínio sobre as outras classes, fossem aquelas que nasceram junto a ela como o proletariado, assim como aquelas que representavam formas de

⁷⁰ Para Hunt (1982, p. 38-39), o surgimento da classe trabalhadora se faz evidente na Europa Ocidental por meio da desapropriação das terras dos camponeses através do chamado cercamento na Inglaterra; “o movimento de cercamento atingiu seu ponto máximo nos séculos XV e XVI, quando, em algumas áreas, de três quartos a nove décimos dos habitantes foram expulsos do campo e forçados a buscar sustento nas cidades”.

reprodução anteriores ou incômodas para seu desenvolvimento⁷¹. Outros fatos como o aumento da navegação entre grandes distâncias, as inovações na agricultura e, em geral, os novos descobrimentos científicos marcaram este primeiro período, o que para os capitalistas significou fundamentalmente a consolidação individual ou familiar⁷² de suas fortunas, na forma de concentração de capitais. Em síntese, neste primeiro momento, teoricamente existiu um movimento quantitativo e vertical de crescimento dos capitais, através da geração e acumulação de sua própria mais-valia.

Assim, as formas burguesas de reprodução social teriam se firmando sobre seus próprios pés, passando a se constituir na principal forma mediadora entre os homens. À medida da universalização da classe burguesa, a exploração do trabalho alheio se converte na ponta de lança para a construção do espaço em todo território Europeu; a mais-valia desenharia cidades e nações, regiões produtivas e a organização do trabalho, tal como se fossem as mãos de Tzacol e Bitol sobre Alom⁷³. Nesse passo, a geografia teria se objetivado como a materialização da classe burguesa, que emergiu como germes liberados das trevas do feudalismo, o que para Engels significou que:

⁷¹ Na Europa Ocidental, aconteceram diferentes guerras entre as antigas classes feudais e as novas classes capitalistas como forma de consolidar seu poder e domínio sobre diferentes territórios. Em lugares como o continente africano, diferentes reinos e civilizações, como os povos de Tombouctou e Mali, foram invadidos pelos portugueses. Na América, por exemplo, aconteceu a escravidão dos povos originários – pelos espanhóis –, e o seu total esmagamento, como aconteceu no território atual dos EUA. “O que fez Colombo com os Arahucos das ilhas Antilhas, Cortez o fez com os Astecas de México, Pizarro com os Incas no Peru, e os colonos Ingleses de Virginia Massachusetts com os índios Powhatanos e Pequotes. Pareceria que os primitivos estados capitalistas da Europa tivessem uma verdadeira loucura para encontrar ouro, escravos e produtos da terra para pagar os acionistas e financiadores das expedições, para financiar as nascentes burocracias monárquicas de Europa Ocidental, para promover o crescimento das novas economias monetaristas que surgiam do feudalismo e para participar no que Marx, depois chamaria de acumulação originária do capital, estes foram os complexos inícios de um sistema complexo de tecnologia, negócios, política e cultura que dominaria o mundo diante cinco séculos” [Tradución libre del español]. (ZINN, 2006, p. 11).

⁷² A constituição familiar dos capitais jogaria um papel muito importante na Inglaterra, no que denominamos como o primeiro momento de consolidação e emergência do capital. O domínio dos conglomerados familiares trouxe ordem e continuidade. Na zona rural, a terra pertencia às famílias e não aos indivíduos, isto assegurava a “confiança” de geração para a seguinte geração. “A dominância dos laços familiares foram feitas para manter a ordem assim com a continuidade. Nas regiões rurais, a terra pertencia a famílias e não aos indivíduos e estava sustentada na ‘confiança’ de geração em geração. [Tradução livre do inglês: “The dominance of family ties made for both order and continuity. In the countryside, land belonged to families rather than to individuals and was held in ‘trust’ from generation to generation”] (BRIGGS, 1979, p. 9).

⁷³ Deuses da mitologia Maia-Quiché: Tzacol o criador, Bitol o formador e Alom a mãe terra.

(...) ao estender-se a produção de mercadorias e, sobretudo, ao aparecer o modo capitalista de produção, as leis da produção de mercadorias, que até aqui haviam apenas dado sinais de vida, passam a funcionar de maneira aberta e poderosa. As antigas associações começam a perder força, as antigas fronteiras vão caindo por terra, os produtores vão convertendo-se mais e mais em produtores de mercadorias independentes e isolados. A anarquia da produção social sai à luz e se aguça cada vez mais. Mas o instrumento principal com que o modo de produção capitalista fomenta essa anarquia na produção social é precisamente o inverso da anarquia: a crescente organização da produção com caráter social, dentro de cada estabelecimento de produção. Por esse meio, põe fim à velha estabilidade pacífica. Onde se implanta num ramo industrial, não tolera a seu lado nenhum dos velhos métodos. Onde se apodera da indústria artesanal, ela a destrói e aniquila. O terreno de trabalho transforma-se num campo de batalha. As grandes descobertas geográficas e as empresas de colonização que as acompanham multiplicam os mercados e aceleram o processo de transformação da oficina do artesão em manufatura. E a luta não eclode somente entre os produtores locais isolados; as contendas locais não adquirem envergadura nacional, e surgem as guerras comerciais dos séculos XVII e XVIII. (ENGELS, 1977, p. 10).

Entre a metade do século XVIII e a primeira metade do século XIX, diferentes crises de acumulação foram evidenciadas e abalaram a estrutura produtiva do capital na Europa. O arcabouço dominante, conformado até então por uma série de capitalistas industriais – ainda isolados –, foi mudando na medida em que estes foram atraídos e impelidos a novas estruturas de maior porte e complexidade. As estruturas individuais mais consolidadas não teriam conseguido acompanhar e suprir suas próprias necessidades para se expandir em procura do lucro, deste modo, os capitais individuais se viram obrigados a superar suas limitações por meio de fusões e adesões, principalmente para com os capitais maiores ou estratégicos.

Diferentemente da concentração individual de cada capital isolado, que podemos assemelhar a um movimento de acumulação de tipo vertical, neste segundo momento, os arranjos e as fusões acontecem entre capitais já existentes, explicitando um processo geográfico de espacialização horizontal e qualitativa do capital social, que é chamado por Marx de centralização. Assim, quanto mais ocorrem fusões, incorporações e compras entre os capitais já conformados, mais os capitalistas mais fortes, de um lado, eliminam seus competidores mais fracos e, de outro, desenvolvem investimentos gigantescos como forma de aumentar os níveis de produtividade no trabalho e melhorar a capacidade de circulação do capital.

O mundo ainda estaria sem estradas de ferro, caso ficasse esperando até que acumulação de alguns capitais individuais alcançasse o tamanho requerido para a construção de uma estrada de ferro. No entanto, a centralização mediante as sociedades por ações chegou nesse resultado num piscar de olhos. E enquanto a centralização assim reforça e acelera os efeitos da acumulação, amplia e acelera simultaneamente as revoluções na composição técnica do capital, que aumentam sua parte constante à custa de sua parte variável e, com isso, diminuem a demanda relativa de trabalho. (MARX, 1984, p. 198).

Pode-se compreender a centralização do capital como o processo qualitativo de organização e aglomeração dos meios de produção e das forças produtivas, quando uma série de capitais dispersos e isolados são congregados espacialmente para superar todas as suas velhas restrições naturais ou locais, impulsionando desta forma o desenvolvimento e a consolidação das cidades modernas, das grandes obras de infraestrutura e os grandes projetos científicos⁷⁴ que sobrelevam a escala da produção e, por conseguinte, a produtividade do trabalhador social. Assim, quanto maior a capacidade de expansão do capital, maior é o *quantum* de trabalho extraído com referência num menor número de trabalhadores, tornando mais eficiente a relação entre o *quantum* de meios de produção e o *quantum* de força de trabalho viva para sua efetivação.

⁷⁴ Na medida em que os capitais se centralizam, se liberam também capitais adicionais que normalmente são investidos no desenvolvimento de novas tecnologias e processos, o que, por sua vez, se reincorpora ao processo de produção em forma de novo capital.

Na medida em que o capital reproduz a mais-valia e na medida em que reproduz a relação entre proprietários e não-proprietários, entre assalariados e não-assalariados como a predominante forma social e jurídica, também reproduz sua própria negação, expressada de um lado na centralização de capital e no monopólio⁷⁵ e, do outro, na quantidade de homens expulsos do processo de produção. Para Marx (1984):

⁷⁵ Assim, a riqueza se centraliza de diferentes formas (*como fontes de rendimento*) confrontadas, por sua vez, com a miséria da maioria dos homens despossuídos. Para os proprietários da terra, as “propriedades agrárias ou extrativistas”, se tornam fontes de renda fundiária “por meio de uma simpática confusão de valor de uso e valor de troca”, com o lucro expressando-se a relação de apropriação sobre o trabalho alheio “mais-valia” por parte dos possuidores dos meios de produção, seja este no processo de produção ou no processo de circulação. A terceira forma será o *trabalho* como fonte de salário, na qual o vendedor da força de trabalho - o *trabalhador* - obtém o direito de se apropriar de uma parte de seu próprio trabalho, quer dizer, obtém uma parte do produto por ele mesmo produzido de forma adiantada, em forma de dinheiro. E a quarta forma, o capital a juros - *capital financeiro* -, que se constitui na forma mais eficiente e mais fetichizada de reprodução do capital. Entre estes, a última forma é a mais evoluída, onde a reprodução do capital de D a D’ se expressa como uma auto-valorização da própria mercadoria, a qual consegue se reproduzir no tempo mínimo, o que *na aparência* pareceira *dinheiro que cria mais dinheiro*, mas que *na essência* é a apropriação de um modo muito eficiente de uma parcela da mais-valia total produzida. “No capital a juros, completa-se o fetiche automático. Este é o capital acabado – portanto, unidade do processo de produção e do processo de circulação – que por isso em um determinado período de tempo traz um determinado lucro. Na forma do capital a juros permanece apenas essa determinação constitutiva, sem a mediação dos processos de produção e circulação. (...) No capital a juros se completa esse fetiche automático, de um valor que se valoriza a si mesmo, de um dinheiro que faz dinheiro” (MARX, 1999, p. 190). Este capital, que fantasmagoricamente se valoriza a si mesmo, se expandiu a partir de 1865, com a ascensão da Bolsa de Valores na Inglaterra. Assim, depois da crise de 1866, os capitalistas isolados já não davam mais conta de acompanhar o ritmo crescente da acumulação e as necessidades de expansão do capital. Deste modo, nas mãos dos proprietários e administradores dos títulos, se concentra toda a produção “industrial e agrícola, a circulação econômica, os transportes e comunicações e as funções de troca, tornando-se assim a bolsa a instituição que representa de maneira mais conspícua a produção capitalista” (MARX, 1985, p. 1037). Notável e racionalmente, com referência ao tempo e ao espaço, o capital financeiro em geral emergiria como a forma mais evoluída de reprodução social. Assim, os movimentos desta forma de capital se emancipam gradualmente dos Estados, através de diferentes formas administrativas, conglomerados, bolsas de valores e recentemente por meio dos fundos de investimento internacional e de pensão. Que por sua vez, percorrem o planeta universalizando todas as atividades humanas, por mais isoladas que na aparência elas pareçam. Para Arrigui e Silver (1999, p. 51): “as expansões financeiras sistêmicas são uma tendência reiterada do capitalismo mundial, desde suas origens mais primitivas na Europa no fim da Idade Média, até hoje. São a expressão da natureza capitalista contínua e intensificada do sistema de Estados em que estão inseridos os processos de acumulação de capital em escala mundial. Mas são também a expressão da instabilidade do capitalismo mundial (...) enquanto as expansões financeiras vem e vão, isso não acontece com as transformações da organização sistêmica que as acompanham”. Assim, o capital financeiro se converte na “locomotiva” do crescimento mundial, através da movimentação e reprodução do capital em sua forma financeira, se acelera o desenvolvimento do espaço dos homens, a principal evidência imposta é que, enquanto mais riqueza é produzida e centralizada, enquanto

Quanto maior é a riqueza social, o capital em funcionamento, o volume e a energia de seu crescimento, portanto também a grandeza absoluta do proletariado e a força produtiva de seu trabalho, tanto maior o exército industrial de reserva. A força de trabalho disponível é desenvolvida pelas mesmas causas que a força expansiva do capital. A grandeza proporcional do exército industrial de reserva cresce, portanto, com as potências da riqueza. Mas quanto maior esse exército de reserva em relação ao exército ativo de trabalhadores, tanto mais maciça a superpopulação consolidada, cuja miséria está em razão inversa ao suplício de seu trabalho. Quanto maior, finalmente, a camada lazarenta da classe trabalhadora e o exército industrial de reserva, tanto maior o pauperismo oficial.

(...) uma massa sempre crescente de meios de produção, graças ao progresso da produtividade do trabalho social, pode ser colocada em movimento com um dispêndio progressivamente decrescente de força humana – essa lei se expressa sobre a base capitalista, onde não é o trabalhador quem emprega os meios de trabalho, de forma que, quanto mais elevada a força produtiva do trabalho tanto maior a pressão do trabalhador sobre seus meios de ocupação é tanto mais precária, portanto, sua condição de existência: venda da própria força para multiplicar a riqueza alheia ou para a autovalorização do capital (MARX, 1984, p. 209).

O vetor da negação do capital se explicita em seu produto quantitativo mais decisivo quando milhares de homens se veem expulsos e rejeitados do processo de produção, na medida em que o desenvolvimento da técnica e da tecnologia, como as principais forças produtivas⁷⁶, passam a mediar as formas de produção da sociedade

mais riqueza é mobilizada e universalizada, mais os homens se confrontam com ela e por sua vez é mais estranhados, e afastados ficam dela, a riqueza se volta contra eles.

⁷⁶ Esta capacidade de produção, no século XXI, se expressa no paroxismo do desenvolvimento tecnológico aplicado ao processo de trabalho, que significa aumento da eficiência produtiva em todas as áreas da produção capitalista. Por exemplo, para produzir milhares de livros de papel, para milhares de homens, são necessários cada vez menos homens e mais tecnologia aplicada no processo de fabricação e produção. O velho mestre chinês do século II, que manejava a transformação da celulose em papel e de papel em livros, e tinha capacidade de fazer um livro a cada três meses, ficou somente como lembrança nos livros de história sobre a origem do papel.

capitalista. Os antigos trabalhadores, em qualquer de suas formas, são levados à situação na qual sua própria desnecessidade é a principal evidência empírica da reafirmação degenerativa do capital. Estes homens “libertados” da matriz da sociedade pela via da miséria e da exclusão, por sua vez, ficam em condição de impossibilidade/dificuldade para se reproduzir socialmente pela via do assalariamento e da migração, o que, nas palavras de Aued (2005, p. 16), se traduz pelo fato de que “na condição de assalariados assemelhavam-se ao bagaço de cana após ter passado pelas entranhas das moendas para subtrair o sumo de seu interior; na condição atual, a rigor, nem cana conseguem ser”.

Desta maneira, as promessas do pleno emprego e da livre mobilidade dos homens entre nações e territórios, como o produto da produção e crescimento da riqueza no século XX, foram cumpridas parcialmente pelo capital. Com o despertar deste novo século, a miséria e a pobreza crescem quantitativa e qualitativamente como a principal evidência para a maioria dos homens, pois o espaço do capital passa a se constituir, se reproduzir e se determinar de forma universal sem que nenhum homem como indivíduo consiga fugir completamente a ele. Toda a riqueza se coloca ante os olhos dos “desnecessários” ou “desfativados”, como um grande supermercado mundial com as portas do céu se fechando para a maioria dos seres humanos, e só restando seus olhares como os de quem observa uma bela paisagem de longe, muito de longe.

O trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria. Com a *valorização* do mundo das coisas (*Sachenwelt*) aumenta em proporção direta a *desvalorização* do mundo dos homens (*Menschenwelt*). O trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como umas mercadorias, e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral.

Este fato nada mais exprime, senão: o objeto (*Gegenstand*) que o trabalhador produz, o seu produto, se lhe defronta como um ser estranho, como um poder independente do produtor. O produto do trabalho é o trabalho que se fixo em

um objeto, fez-se coisal (*sachlich*), é a objetivação (*Vergegenständlichung*) do trabalho. A efetivação (*Verwirklichung*) do trabalho é a sua objetivação [...] A efetivação do trabalho tanto aparece com desefetivação que o trabalhador é desefetivado até morrer de fome. A objetivação tanto aparece como perda do objeto que o trabalhador é despojado dos objetos mais necessários não somente à vida, mas também os objetos de trabalho. Sim, o trabalho mesmo se torna um objeto, do qual o trabalhador só pode se apossar com os maiores esforços e com as mais extraordinárias interrupções. A apropriação do objeto tanto aparece como estranhamento (*Entfremdung*) que quanto mais objetos o trabalhador produz, tanto menos pode possuir e tanto mais fica sobre o domínio de seu produto, do capital (MARX, 2004, p. 80-81).

É neste processo dialético que uma crescente massa de indivíduos, formada pelos que não têm a possibilidade de reproduzir sua vida por meio do salário e do lucro, os “excluídos”, e por aqueles que sequer alcançam ser parte desta categoria, procura qualquer meio para produzir sua existência, sejam estes juridicamente legais ou ilegais para o capital. Neste caminho observa-se que as atividades ilegais como o tráfico de drogas, de madeira, de armas, etc., convertem-se em alternativas para muitos homens, onde as formas de capital industrial se espriam de forma singular como parte da universalidade do tempo e a totalidade do espaço. Portanto, inferimos a possibilidade de que a configuração espacial e temporal dos vetores do capital no século XXI esteja representada principalmente pela expressão de sua negação num contingente cada vez maior de homens em condição de desefetivação.

2.3 A CONSTITUIÇÃO DO SER SOCIAL

O homem primitivo que teria pré-idealizado os caminhos, as formas, os métodos de resolver suas diferentes necessidades por meio do trabalho, não só teria transformado o meio que o rodeava, como gerado e se objetivado na natureza através das criações de sua mente e de suas mãos. O homem teria transformado para sempre sua própria existência ao instituir os pilares básicos sobre a qual fundamentaria sua própria história: a forma de relacionar-se com seus semelhantes (relações sociais) e a forma de produzir as coisas (base material). Assim, reproduziria sua própria vida como ato consciente e material, resolvendo as contradições primárias e cotidianas para sua própria existência, evidenciando – desta forma – a criação de novas e mais complexas necessidades, ampliando através das múltiplas gerações humanas a conexão entre todos os homens, o que implicou gradativamente na impossibilidade/dificuldade da reprodução humana de maneira individual ou isolada.

A produção aparentemente individual – que em algum momento mostrou-se – foi evidenciando-se gradualmente *produção coletiva*, diferentes estados de cooperação e divisão do trabalho entre os homens que se apresentaram eventualmente na história. Assim, desde os mais elementares exemplos como a tribo, a família, a construção de obras majestosas como a muralha da China, ou a cidade de Machu Pichu, e a guerra entre civilizações continuariam como evidências presentes do trabalho coletivo das gerações passadas. Porém, somente com o advento da racionalidade burguesa a cooperação entre os homens se transformaria de fatos eventuais ou esporádicos em universalidade. O mundo “burguês” teria se afirmado como a primeira forma histórica universal pela qual os homens reproduziriam sua existência de forma cooperada.

Nos primórdios do modo de produção capitalista na Europa, os homens burgueses teriam incorporado e se apropriado das formas naturais de colaboração e divisão das atividades humanas existentes, transformando-as no fermento intrínseco de sua consolidação como classe dominante. Desse modo, o capital assumiria a cooperação e as divisões das lavouras existentes e teria se encarregado de potencializar o processo de trabalho dentro da sociedade. Assim, através do comércio e do intercâmbio entre lugares e países, o mais desenvolvido das forças

produtivas a partir da racionalidade capitalista⁷⁷ (inicialmente na Grã-Bretanha) serviria como parâmetro para as outras formas existentes de produção, o que necessariamente revolucionaria as formas pelas quais os homens geraram seu espaço. Desde o ofício/artesanato nos primórdios das sociedades até a grande indústria capitalista, as maneiras, os caminhos e os processos pelos quais os homens constituíram as formas de se reproduzir estabeleceriam o que denominamos de *base material*.

Na sociedade burguesa a base material (forças produtivas) revoluciona constante e permanentemente seu próprio início (fundamento) e ao se revolucionar revoluciona toda a vida humana em cada momento e lugar criando, assim, um mundo em que a dinâmica (força que o impulsiona) está em sua base produtiva continuamente superada, independente dos desejos e vontades dos homens. Assim, o homem se põe como produto consciente de sua própria produção, ao produzir os objetos e os meios de satisfazer suas próprias necessidades e que se expressam abstratamente como conceitos. (AUED, 2004, p. 11).

O ato teleológico humano aconteceria pelas próprias e constantes revoluções na base material, constituindo uma mudança revolucionária sem precedentes na história do espaço mediado pelo capital. Marx (1984) identificou a manufatura e a grande indústria capitalistas como premissas fundamentais dos momentos históricos nas transformações da base material pelo modo de produção capitalista. Seriam pilares fundamentais para explicitar e compreender o desenvolvimento do processo de trabalho neste modo de produção e, por conseguinte, a evolução do homem primitivo e “natural” à constituição do ser genérico,

⁷⁷ Neste sentido, o melhoramento da produtividade do trabalho na história da humanidade, entendida como o “desenvolvimento das forças produtivas”, não acontece para nós de uma forma linear, por exemplo, na China do século XIX, os homens que moravam nestas terras, tinham um desenvolvimento tecnológico em várias áreas da produção superiores à Grã-Bretanha, mas, ele não estava acompanhado pela batuta da racionalidade burguesa, neste sentido, não se pode separar a análise do espaço humano da conformação das classes sociais e da lógica do capital. “Mudança tecnológica e melhoramentos da produtividade do trabalho não são as únicas formas de adaptação feitas pelas sociedades para as suas necessidades materiais ou exigências de exploração das classes dominantes; e os sistemas de produção não são necessariamente obrigados a ser sucedidos por ‘sistemas’ mais produtivos. Trata-se mais uma vez de uma característica específica do capitalismo exigir a constante transformação das forças produtivas como principal forma de adaptação” (WOOD, 1995, p. 115).

um ser comum a todos os homens, um ser em processo de emancipação para ser mesmo como *ser* social.

O ser social se explicitaria pelas formas nas quais cada homem vivo se relacionasse com os outros homens vivos, relações estas que se materializariam na medida em que cada homem se exteriorizasse de si mesmo e se objetivasse no produto de seu próprio trabalho, em uma conexão/relação com os trabalhos simultâneos de todos os outros homens em sociedade – quanto mais desenvolvidas as forças produtivas, mais aquinhoadas e especializadas as atividades de cada homem. Deste modo, entende-se o maior grau de conexão entre eles como evolução e constituição de um trabalhador universal, produto de todos os trabalhadores, um trabalhador que estaria objetivado na junção das atividades de um sem número de trabalhadores divididos e particulares.

Quanto mais divididos estão os homens por sua base material, mais social é a natureza humana. E esta natureza humana se explicita nos objetos de trabalho engendrando o homem naturalizado e a natureza humanizada. Nesse processo em que a natureza social do homem emerge da própria produção material de sua existência, a manufatura burguesa é o primeiro momento histórico do trabalho dividido, alienado, estranhado; o segundo momento é o da grande indústria moderna. (...) no processo manufatureiro capitalista, o homem engendra, pela primeira vez, uma base produtiva material de existência, na qual os elementos que o constituem como ser social emergem da forma de divisão do trabalho que caracteriza esse momento da produção e se fazem consciência, conceito, como Economia Política. Seu caráter social não emana, portanto, do Mito, da Filosofia, da Religião, do Estado, da Economia Política, mas, sim, da decomposição dos elementos universais pelos quais a existência humana se manifestava até então. (AUED, 2004, p. 47).

2.4 PRIMEIRO MOMENTO, A MANUFATURA

A toda atividade social objetivada no conhecimento e na destreza de um trabalhador individual (o mestre/artesão), e sobre a qual estava baseada a organização da vida material e a reprodução dos homens nos

primórdios do capital, chamaremos de ofício⁷⁸. Todo ofício, uma atividade que estava destinada a resolver uma necessidade humana, consistia no processo produtivo em que uma matéria qualquer fosse transformada pela aplicação de trabalho com um instrumental específico para a criação de um valor de uso, a estrutura básica do processo de produção, e no conhecimento específico de cada área produtiva que se concentrava individualmente. Tais características poderiam se aplicar hoje aos raros ofícios existentes, não fosse o fato de que, nessa época, sua existência estava definida e condicionada localmente pelo desenvolvimento das forças produtivas em cada cidade ou civilização, assim como pelas condições geográficas, pela natureza, pelo isolamento dos núcleos populacionais e pelos baixos níveis de trocas e comércio, aspectos que permitiriam a existência destas capacidades produtivas durante vários séculos.

Desta maneira, o processo de produção apareceria de forma unitária, composta por suas diferentes partes em uma relação direta entre os homens e o produto de seu trabalho, uma relação claramente visível e transparente. Com a consolidação do modo de produção capitalista, através de seu desenvolvimento intrínseco e racional, teria se iniciado um processo de coesão geográfica, no qual os múltiplos ofícios e seus respectivos executores teriam se organizado territorialmente nas vilas, cidades e oficinas; uma série de trabalhadores autônomos teria sido reunida em um só lugar, fazendo atividades ainda individuais, mas compondo parte de um processo de cooperação primário que teria significado por si só uma transformação radical. “Parte dos meios de trabalho adquire esse caráter social antes que o próprio processo de trabalho o adquira”. (MARX, 1984, p. 259).

Pelo mesmo desenvolvimento deste modo de produção esta junção de ofícios independentes começaria a desvendar suas diferentes contradições. A subutilização dos meios de produção, os desperdícios de matérias-primas, energia e tempo de trabalho contrariavam a racionalidade e lógica dos homens burgueses. Portanto, a divisão de atividades motivada na cooperação dos trabalhadores reunidos espacialmente se converteria numa necessidade fundamental, no processo revolucionário que deu origem à manufatura.

O ofício, compreendido como um processo de trabalho ainda absoluto, teria sido submetido a um processo científico de decomposição

⁷⁸ Para nós, o ofício não desaparece, singelamente deixa de ser o sustento da sociedade. Na atualidade, acontecem algumas atividades que se pode confundir com formas artesanais de produção, mas, é muito difícil que estas não tenham em seu processo de produção alguma matéria de origem industrial.

material de seus elementos. O conhecimento reunido na cabeça e nas mãos de cada trabalhador independente (artesão, pescador, mestre ou escrivão) teria sido dividido pelo capital em muitos processos de trabalho singulares. Desta maneira, o conhecimento do carpinteiro, por exemplo, que abrangia desde a seleção e corte da madeira até a finalização dos detalhes dos móveis produzidos, foi se transformado em uma série de processos de trabalho singulares juntos. A cada uma das tarefas parciais criadas corresponderia, por sua vez, um novo tipo de trabalhador, também parcial e específico, tal como o homem que extraísse a madeira, o homem que cortasse os blocos e tabelas, o homem que serrasse, o homem que perfurasse, o homem que pintasse, etc. Assim, progressivamente, teria diminuído a extensão da tarefa de cada trabalhador, desenvolvendo-se um processo de cooperação complexo, com muitas atividades e processos parciais, que uma vez recompostas sob a direção de um capitalista, em um novo processo de trabalho, superariam pela capacidade produtiva a antiga oficina e o antigo mestre artesão.

Esta divisão sistemática do trabalho em cada processo de produção superou a divisão natural do trabalho por sexo, força física ou localização geográfica. A cooperação entre os homens alcançaria níveis cada vez mais complexos e a força produtiva individual em suas diferentes formas históricas desapareceria gradualmente sendo incorporada e superada pela força produtiva social, apropriada e desenvolvida pelo capitalismo. Qualquer mercadoria no espaço do capital seria, a partir de então, o produto social ininterrupto e sistemático de diferentes tarefas parciais, efetivadas pelos diferentes trabalhadores engrenados na forma de manufatura. Assim, empiricamente, seja na fiação, na tecelagem ou na fabricação de grandes embarcações teriam se constituído duas vias que originaram a manufatura (considerando-se o grau de complexidade e as necessidades de cada ramo da produção):

De um lado, ela parte da combinação de ofícios autônomos de diferentes espécies, que são despidos de sua autonomia e tornados unilaterais até o ponto em que constituem apenas operações parciais que se complementam mutuamente no processo de produção de uma única e mesma mercadoria. De outro lado, ela parte da cooperação de artífices da mesma espécie, decompõe o mesmo ofício individual em suas diversas operações particulares e as isola e as torna autônomas até o ponto em que cada uma

delas torna-se função exclusiva de um trabalhador específico. Por um lado a manufatura introduz, portanto, a divisão do trabalho em um processo de produção ou a desenvolve mais; por outro lado, ela combina ofícios anteriormente separados. (MARX, 1984, p. 268).

Quanto maior e mais complexa a divisão do trabalho manufaturado, menor o grau de intervenção, participação e apropriação dos trabalhadores como indivíduos absolutos no processo de trabalho. Com o advento e a universalização do assalariamento⁷⁹, cada atividade de cada trabalhador o tornaria um ser alheio aos outros trabalhadores, seus vínculos familiares e religiosos de outrora, os quais passariam a ser mediados pelo desenvolvimento da base produtiva manufatureira e pelas relações de apropriação do produto de seu próprio trabalho, como vendedores individuais da única coisa que ainda não lhes conseguiam tirar deles, sua força de trabalho, assim:

...a relação entre os homens proprietários e os que não dispõem de propriedade é a expressão da relação que o homem trava com o produto de seu próprio trabalho e consigo mesmo. Pois, se o homem está separado do produto de seu trabalho, a outro ele pertence, se ele não goza do produto de seu trabalho, outro é quem o goza, se sua vida não lhe pertence, a outro é que pertence. E este outro homem é quem o usufrui, quem o goza e quem o domina, por força do nexu engendrado pelo trabalho em sua forma estranhada, alienada. O trabalho, na condição de alienado que lhe é inerente, é a fonte da relação de dominação de um homem por outro. (AUED, 2004, p. 46).

Esta relação de poder e dominação que, num primeiro momento se apresentaria como uma contradição entre duas classes teria se transformado progressivamente no confronto entre os homens trabalhadores supérfluos e desnecessários *versus* a riqueza por eles mesmos produzida, alcançando seu patamar histórico na grande

⁷⁹ O assalariamento tem que ser uma condição pretérita para o advento da manufatura. Assim “Marx demonstra como, historicamente, os proprietários e os não proprietários se separam uns dos outros como pré-condição do modo de produção capitalista. O que se constitui em fundamento do modo de produção capitalista, o que foi criado por esse modo de produção e que lhe é imanente é a força de trabalho como mercadoria”. (AUED, 2004, p. 59).

indústria moderna. Este fenômeno somente teria se completado na medida em que o processo de decomposição/alienação do ofício fosse ampliado progressivamente para os instrumentos usados no processo de trabalho. Deste modo, a divisão das tarefas na manufatura implicou a diferenciação qualitativa e quantitativa dos instrumentos usados, tanto no seu número, como nas suas características. Tais instrumentos teriam mudado na medida em que novas necessidades precisaram ser resolvidas, assim, pouco a pouco, de instrumentos brutos e primários surgiram novas e melhores ferramentas como produto objetivado e sintetizado da antiga destreza do mestre/artesão.

Na medida em que a manufatura capitalista se desenvolveu e se espalhou por outros ramos particulares da produção, da mesma forma a própria produção das ferramentas criou a necessidade de novas áreas de produção específicas para sua elaboração. Foi assim que no interior de cada manufatura teriam se constituído oficinas de estoque, reparação e melhoramento das ferramentas utilizadas no processo de trabalho da manufatura. Este setor de ferramentas adquiriria maior importância na medida em que novas ferramentas fossem criadas e melhoradas como parte do processo produtivo, deste modo, a experiência e laboriosidade das mãos e cabeças dos trabalhadores foram objetivadas em ferramentas e aparelhos mecânicos cada vez mais especializados e complexos. Do mesmo modo, teria surgido uma nova forma de trabalhadores, dedicados à reparação e construção das ferramentas e a manufatura dividiria e hierarquizaria os trabalhadores, criando seus próprios capatazes e verdugos entre eles mesmos.

A oficina de ferramentas criada na e pela manufatura se constituiria assim na negação material e histórica de si mesma. Em determinado momento da produção, a decomposição das ferramentas de cada área de produção teria se esgotado, atingido seu patamar de desenvolvimento como base produtiva, e, das entranhas da oficina, teria se iniciado a fusão, a junção de ferramentas combinadas, as quais seriam o primeiro passo na constituição e criação das máquinas.

2.5 SEGUNDO MOMENTO, A GRANDE INDÚSTRIA

A manufatura capitalista desenvolvida na Europa e consolidada na Grã-Bretanha, conforme Marx, edificou uma nova base material que constituiu a primeira forma coletiva e universal em que os homens reproduziram suas vidas. As formas de produção artesanais/individuais não teriam conseguido resistir à capacidade produtiva do trabalho cooperado. Quando a racionalidade capitalista conseguiu se levantar

sobre seus próprios pés, iniciou sua própria diáspora e espalhou-se pelo mundo junto com a expansão comercial marítima da Holanda e da Inglaterra, tecendo todo tipo de relações entre países e territórios, incorporando e subjugando as outras formas de “subsistência locais”, explorando todas as características e particularidades geográficas de cada povo, as riquezas de cada território e nação.

A manufatura como um primeiro momento do desenvolvimento do ser social legaria uma base produtiva que teria como condição fundamental a reprodução dos homens de forma cooperada sobre decomposição e recomposição do homem artesão. Sob a direção dos capitalistas, o processo de especialização dos instrumentos de trabalho, assim como o processo de especialização do trabalhador parcial, seria levado até o paroxismo. Historicamente, este grau de decomposição do processo de trabalho só atingiu o ponto em que não conseguiu mais resolver as necessidades de expansão e crescimento do capital, quando “sua própria base técnica estreita, ao atingir certo grau de desenvolvimento, entrou em contradição com as necessidades de produção que ela mesma criou”. (MARX, 1984, p. 288).

A oficina das ferramentas, que foi criada inicialmente como o lugar de armazenamento e reparação dos diferentes instrumentos da manufatura, se transformaria também no lugar onde se gestariam os novos elementos para o desenho e fabricação de novos utensílios com novos usos e aplicações. Uma vez alcançado certo limite material e histórico em que as ferramentas simples não conseguissem mais ser desenvolvidas, seriam decompostas até sua máxima condição. Os homens das oficinas de ferramentas teriam dado início ao processo de recomposição de sua base material. Da oficina de ferramentas, novas invenções e criações surgiriam para melhorar a produtividade do trabalho, protótipos, mecanismos de controle, novas formas de uso da energia, etc., materializadas como ferramentas mecânicas combinadas, se objetivando como a síntese material de uma nova recomposição das ferramentas especializadas criadas na manufatura.

A máquina-ferramenta, conforme Marx, nasceu da combinação das ferramentas simplificadas, unidas e sincronizadas por um mecanismo homogêneo e comum a todas; “a máquina-ferramenta é, portanto, um mecanismo que, ao ser-lhe transmitido o movimento correspondente, executa com suas ferramentas as mesmas operações que o trabalhador executava antes com ferramentas semelhantes”. (MARX, 1984, p. 8).

Porém, ainda que a máquina-ferramenta seja essencialmente movida pela energia do próprio homem ou por alguma fonte

preexistente na natureza, por exemplo, uma queda de água, ela significou, como tal, a possibilidade material da execução de múltiplas tarefas de forma simultânea temporal e espacialmente sem descontinuidades e sem interrupção no processo de trabalho. Entretanto, apesar do desenvolvimento tecnológico nos diferentes ramos manufatureiros, que aumentavam a produtividade do trabalho social, estas ainda não conseguiriam resolver as limitações físicas impostas pelo esgotamento natural dos trabalhadores depois de um determinado número de horas de trabalho, como sua capacidade cerebral de manejar com eficiência um determinado número de aparelhos mecânicos com plena consciência.

A máquina-ferramenta no processo produtivo estava agora “presa” principalmente aos elementos biológicos⁸⁰ e geográficos de cada lugar; por consequência, a eficiência na produção de valores de uso, dependia primariamente ainda dos músculos do trabalhador, da força dos animais empregados como forças motrizes, da proximidade e qualidade das fontes de água e ventos ou de bosques para extração de madeira como recursos finitos e irregulares, etc. O capitalista limitado não conseguia elevar as condições de exploração de seus trabalhadores e dos recursos naturais existentes, apesar de depender exclusivamente deles; deste modo, na manufatura o processo de produção ainda mostrava os resquícios das mãos, olhos e cabeças do mestre e do artesão, como um fantasma que se nega a partir.

Somente na metade do século XVIII que, por meio do desenvolvimento técnico e científico, produto da criatividade e engenho do homem social, surgiria o motor a vapor como mecanismo de impulso e movimentação constante que potencializaria o aproveitamento das energias existentes produzidas de forma natural. Deste modo, se completaria a estrutura da maquinaria e com ela aconteceria outra nova mudança fundamental na estruturação do espaço dos homens e do próprio homem.

Só com a segunda máquina a vapor de Watt, a assim chamada máquina de ação dupla, foi encontrado o primeiro motor que produz sua

⁸⁰ Neste sentido, nos referimos a toda movimentação de maquinaria gerada por dispêndio de energia humana ou animal, por exemplo, um cavalo ou uma mula puxando um arado. Marx em seus tempos descreve esta situação: “na Alemanha, tentou-se inicialmente fazer com que um fiandeiro movimentasse as duas rodas de fiar, fazê-lo, portanto, trabalhar simultaneamente com as duas mãos e os dois pés. Isso era estafante demais. Depois inventou-se uma roda de fiar com pedal e dois fusos, mas os virtuosos da fição que conseguiam fiar dois fios ao mesmo tempo eram quase tão raros como os homens de duas cabeças”. (MARX, 1984, p. 9).

própria força motriz, consumindo para isso carvão e água, cuja potência energética está totalmente sobre o controle humano, que é deslocável e um meio de locomoção urbano e não, como a roda-d'água rural, permitindo a concentração da produção em cidades ao invés de, como a roda-d'água, dispersá-la pelo interior, universal em sua aplicação tecnológica, dependendo sua localização relativamente pouco das condições locais. (MARX, 1984, p. 11).

Deste modo, se completa a constituição da máquina⁸¹, “e com ela a superação do ofício manual como princípio regulador da produção social, a produção de máquinas se constituiria desta maneira na negação, na incorporação, e na superação (*aufhebung*) da própria produção capitalista manufatureira”. (AUED, 2005, p. 23).

Desta maneira, a forma pela qual os homens produzem seria novamente revolucionada, pois a máquina em sua estrutura mais completa se diferenciaria de outras revoluções na base produtiva, superaria tanto as limitações da própria atividade humana, os movimentos irregulares e inconstantes das mãos e pés no uso das ferramentas, assim como a utilização de animais de tração ou quedas de água como forças motrizes no impulso das máquinas-ferramentas. A máquina libertada das condições locais e climáticas para sua movimentação podia finalmente ser deslocada segundo a vontade da racionalidade capitalista, o que permitiria o desenvolvimento da produção de mercadorias num processo sem precedentes na história dos

⁸¹ Braverman (1985) faz a distinção entre as diferentes classificações das máquinas, e propõe duas formas para descrevê-las: “o primeiro é o ponto de vista do engenheiro, que enxerga a tecnologia sobre tudo em suas ligações internas e tende a definir a máquina em relação a si mesma, como um fato técnico. O outro é o enfoque social, que vê a tecnologia em suas conexões com a humanidade e define a máquina em relação ao trabalho humano, como um artefato social”. Em nosso caso, a máquina é fundamentalmente uma produção social, uma forma de geração de espaço humano, que representa uma revolução na forma em que os homens se reproduzem e que é composta basicamente de três partes distintas: “a máquina-motriz, o mecanismo de transmissão, finalmente a máquina-ferramenta ou máquina de trabalho. A máquina-motriz atua como força motora de todo o mecanismo. Ela produz sua própria força motriz, como a máquina de vapor, a máquina calórica, a máquina eletromagnética etc., ou recebe impulso de uma força natural já pronta fora dela, como a roda-d'água ou da queda-d'água, as pás do moinho, o do vento etc. o mecanismo de transmissão composto de volantes, eixos rodas dentadas, roda-peões, barras, cabos, correias, dispositivos intermediários e caixas de mudanças das mais variadas espécies, regula o movimento, modifica, onde é necessário, sua forma, por exemplo, de perpendicular a circular, ou distribui e transmite para a máquina-ferramenta”. (MARX, 1984, p. 8).

homens, já que a constituição da máquina ensejou o crescimento e concentração das populações em centros urbanos, a consolidação das nações modernas, permitiu a diversificação e a criação de outras necessidades sociais e elevou o grau de universalização das forças produtivas. Assim, um lugar atinge outro e, sucessivamente, se espalha como consequência do comércio e intercâmbio mundial, iniciando sua diáspora da Europa para as outras partes do mundo. O espaço limitado do fazer com as mãos foi, portanto, suplantado pela universalidade dos homens unidos e corporificado no fazer com as máquinas.

O revolucionamento do modo de produção numa esfera da indústria condiciona seu *revolucionamento* nas outras. Isso é válido primeiro para os ramos da indústria que estão isolados pela divisão social do trabalho, de forma que cada um deles produz uma mercadoria autônoma, mas que, mesmo assim, se entrelaçam como fases de um processo global. Assim, a mecanização da fiação tornou necessária a mecanização da tecelagem e ambas tornaram necessária a revolução mecânica e química no branqueamento, na estamperia e na tinturaria. Assim, por outro lado, a revolução na fiação do algodão suscitou a invenção do *gin* para separar a fibra do algodão da semente, com o que finalmente se tornou possível a produção de algodão a larga escala agora exigida. Mas a revolução no modo de produção da indústria e da agricultura exigiu também uma revolução nas condições gerais do processo de produção social, isto é, nos meios de comunicação de transporte. (MARX, 1984, p. 15).

O rápido desenvolvimento da base produtiva, a construção de grandes obras de infraestrutura (produção de navios, ferrovias e locomotoras, automóveis, etc.) atingiria de novo o nível máximo de resposta material e a grande indústria em processo de expansão seria obrigada a se apoderar de sua própria base. A fabricação das máquinas passa, assim, a se incorporar na constituição da indústria moderna, *máquinas produzindo máquinas* e máquinas trabalhando coletivamente, organizadas de forma cooperada, dando coerção, continuidade e homogeneidade ao processo de transformação de matérias-primas e

fabricação de mercadorias sobre a batuta de novos sistemas automáticos de controle.

O processo de adaptar máquinas umas as outras tem sido tão importante em seu modo como os refinamentos do controle em máquinas separadas. Este processo começa como um problema de projeto de fábrica de máquinas individuais, num arranjo que segue a sequência de operações de modo que cada máquina possa entregar a peça em execução à operação subsequente. O passo seguinte é o equipamento com rampas, esteiras transportadoras etc., para mover a peça de máquina a máquina: a sua forma mais desenvolvida estas são as máquinas empregadas nas linhas de produção de motores na indústria automobilística. Quando um sistema como este inclui arranjos para a atuação da máquina peça por peça, de modo que diminuía ainda mais a necessidade de trabalho direito, a linha de produção torna-se “automática”. Mas quando uma linha de produção atingiu esse estado contínuo e automático, está próxima do ponto em que se torna uma única máquina em vez de um sistema de maquinaria inter-relacionada. (BRAVERMAN, 1985, p. 166).

Assim, a constituição da estrutura fabril na Grã-Bretanha⁸², com suas grandes máquinas organizadas e cientificamente conectadas por um mesmo sistema de transmissão de energia, poderia ser concebida como a síntese dos anteriores instrumentos simples gerados pela divisão do trabalho na manufatura, sendo que, desta vez, foram concentrados, modificados e melhorados, cada vez mais, pontos maiores de

⁸² Neste exemplo quantitativo sobre as transformações na indústria têxtil, nos permite enxergar o processo de mecanização na Inglaterra neste período: “em 1813, havia menos de 3 mil teares mecânicos na indústria britânica de algodão, vinte anos depois, eles eram 100 mil e, em 1861, 400 mil. Entre 1813 e 1833, a disseminação dos teares mecânicos não resultou na dispensa dos tecelões que trabalhavam com teares manuais na indústria de algodão, cujo número se manteve na faixa dos 200 mil a 250 mil durante todo o período. Mas, a partir de meados da década de 1830, instalou-se sua rápida demissão. Em 1850 restavam apenas 40 mil. Quinze anos depois, a tecelagem na indústria britânica de algodão fora completamente tomada pelo sistema fabril e os tecelões manuais eram uma espécie extinta” (CROUZET, 1982, p.199; WOOD, 1910, p. 593-599 *apud* ARRIGUI. G, 1999, p.128).

cooperação e desenvolvimento na qualidade e quantidade de mercadorias produzidas.

A máquina, na grande indústria, eliminaria gradualmente os elementos subjetivos do processo de trabalho, o que quer dizer que aquelas capacidades físicas e mentais humanas, como a força muscular ou a destreza na utilização de ferramentas para a execução de algum tipo especial de tarefa, deixariam de ser o fundamento do processo produtivo. Os trabalhadores seriam transformados, deste modo, em elementos fortuitos e trocáveis nas diferentes áreas da produção, reduzidos e homogeneizados como simples detentores da mais básica energia, considerados como “apêndices” de um formidável sistema de produção inteiramente objetivo. A forma de criar o espaço pelos homens se revolucionaria, portanto, pelas transformações na base produtiva e na divisão do trabalho. A moderna indústria e seu processo produtivo mecanizado se constituiriam fundamentalmente sobre dois elementos que mudariam radicalmente a geografia dos homens:

O primeiro é a substituição do homem por forças naturais, e, conseqüentemente, da rotina empírica pela aplicação consciente da ciência no processo produtivo. O segundo é que o processo mecanizado só funciona “por meio de trabalho diretamente coletivizado ou comum”. Daí surge que “o caráter cooperativo do processo de trabalho torna-se uma necessidade técnica imposta pela natureza do próprio instrumental de trabalho” e não das ideias dos homens. (AUED, 2005, p. 21-22).

O controle, a capacidade de operação dos trabalhadores sobre o processo produtivo teria sido decomposto e recomposto, criando dialeticamente um “abismo” entre cada trabalhador individual e o sistema de máquinas, o que, por sua vez, teria emergido como um novo ser independente e autônomo dos homens (que outrora conheciam o funcionamento total da fabricação de carroças no século XVIII, na forma de *homem artesão* ou de *homem manufactureiro*, ao passo que, no melhor dos casos, o *homem da indústria* nos séculos XIX e XX, compreenderia ou saberia somente como se faz o mais simples dos parafusos). De ter controle sobre o processo produtivo de forma total ou parcial, este domínio humano individual foi se desmanchando na divisão do trabalho; a grande indústria se emanciparia das imperfeições, dos

movimentos irregulares, dos desejos e das vontades dos homens. Os trabalhadores seriam convertidos em argila e moldados de uma forma homogênea ao serem transformados na mais simples mercadoria, constituindo num imenso exército que procura vender sua força e capacidade de trabalho.

Esta contradição se evidenciaria e intensificaria na medida em que os desenvolvimentos científicos e técnicos aplicados nos processos produtivos elevassem a produtividade social média em níveis anteriormente impensáveis. Desta maneira, os homens não seriam somente estranhados, alienados do produto de seu trabalho, como no ofício artesanal e na manufatura, mas, os homens na grande indústria seriam, pela primeira vez em sua história, separados da produção material de sua existência. Sua nova condição poderia se assemelhar a uma folha fazendo fotossíntese que é arrancada pelo vento de qualquer árvore na floresta amazônica – a folha vira um elemento fragilizado por seu próprio excesso e quantidade. Os homens individualmente, como vendedores de sua força de trabalho, se tornam folhas de um bosque, adquirem esta mesma condição supérflua.

Supérfluo como ser individual, pois sua objetivação no produto do seu trabalho transforma-se em sujeito social pela universalidade do trabalho que a humanidade engendrou através do tempo, uma vez que a condição de força produtiva que nele se confundia com sua natureza humana dele se aliena e se materializa em meios de produção que só podem ser operados socialmente, em comum. A alienação, assim, emancipa o homem de sua condição de trabalhador. (AUED, 2005, p. 23).

Portanto, pelo próprio desenvolvimento do capital, a desnecessidade quantitativa de trabalhadores diretos no processo de produção se constitui num princípio histórico e espacial; a própria produção, apropriação como procura da mais-valia relativa⁸³ entre os capitalistas impulsionaria a geração de novos processos e invenções técnicas aplicadas ao processo de trabalho, dando como resultado

⁸³ Desta forma, toda invenção, inovação, e/ou descoberta científica tem como principal motivação dentro do capital a ampliação e o aprofundamento da produção e apropriação da mais-valia produzida socialmente, assim, as inovações não são o precedente das transformações e revoluções no processo de trabalho, elas são consequência da luta entre capitalistas, assim, as invenções tampouco foram criadas para aliviar o trabalho dos homens.

dialético tanto a desnecessidade dos trabalhadores no processo de produção como sua emancipação gradual e histórica do processo de trabalho.

Deste modo, a tendência histórica da sociedade capitalista não é outra senão o desprendimento histórico do processo de trabalho por parte dos seres humanos. O homem não se faria homem no trabalho, mas pelo processo de emancipação gradual e constante em relação ao trabalho. Na medida em que os homens dedicassem menos tempo vital para sua reprodução, se constituíam plenamente como o primeiro organismo sobre a terra que transformaria o reino da necessidade no reino do tempo livre, o reino da liberdade humana.

CAPÍTULO III

Como já afirmamos, metodologicamente, nosso ponto de partida e de chegada para apreender as formas pelas quais o espaço geográfico se configura e se constitui, foi a observação cotidiana de como os homens produzem sua vida no momento presente. Sobre este patamar, afirmamos que a totalidade do espaço humano é fundamentalmente mediada pelas formas burguesas de reprodução social. Como foi discutido anteriormente, partimos do pressuposto de entender que o modo de produção capitalista se encontra em uma condição de “reafirmação degenerativa”, isto significa que na medida em que ele ainda consegue se reproduzir pela geração da mais-valia e da acumulação do capital, sua própria racionalidade produz, ao mesmo tempo, uma imensa camada de homens “libertados” do salário e do lucro via desnecessidade e via desefetivação. Estes homens se confrontam com a seguinte materialidade imposta: por um lado, ficam impossibilitados ou sentem dificuldade de voltar às formas velhas e individuais (não-cooperadas) de reprodução e, por outro lado, são impossibilitados ou têm dificuldades de migrar à procura de novas terras, territórios e recursos naturais devido à imposição universal da propriedade privada. Assim, dois caminhos restam para os seres humanos em condição de desefetivação: ou mendigam nos asilos e lixões em procura de abrigo e de comida; ou reagem sobre a materialidade imposta e aos diferentes níveis de consciência para garantir sua própria sobrevivência. A esta condição, que pode representar ou elucidar elementos da degeneração e/ou da superação nas formas como os homens produzem sua própria vida, denominamos de espaços transitórios.

Sobre este patamar teórico, nossa proposta de pesquisa procura apreender como se configura o espaço humano nas regiões da América Latina com presença de plantios ilícitos, tomando como estudo de caso uma das regiões produtoras de folha de coca e cocaína mais tradicionais da Colômbia, o município de San Jose del Guaviare – no Departamento do Guaviare. O tráfico de drogas tem sido assumido através de diferentes análises e interpretações por parte da academia, relacionando a existência do fenômeno como consequência direta de economias regionais pouco modernas, com atividades de agricultura e de mineração, distantes do centro do país. (ROCHA; VIVAS, 1998; THOUMI, 2000). Para autores como Vargas (1994), Molano (1999), Jaramillo *et al* (1986) as plantações ilícitas se estabeleceriam em regiões

isoladas sem presença do Estado aonde posteriormente chegariam os grupos guerrilheiros estabelecendo a “ordem” com apoio dos grupos de camponeses. Outros autores discutem o fenômeno do crescimento das plantações na Colômbia como consequência da abertura econômica vivida nos anos 1990 devido à forte depressão econômica sofrida no setor agropecuário. (RAMIREZ *et al*, 2000). E, recentemente, alguns autores discutem a relação entre a atividade armada ilegal e a produção de folha de coca por meio de técnicas estatísticas de análise espacial. (DIAZ; SANCHEZ, 2004).

Neste trabalho, o tráfico de drogas não é assumido como um “desvio” das atividades tradicionais do capital ou como um fenômeno que expressa um grau inferior ou pouco moderno da racionalidade do modo de produção capitalista. Para nós, o tráfico de drogas representa um setor dinâmico e universal do capitalismo mundial, que no caso da Colômbia tem se convertido em um forte catalisador das contradições e das formas em que o capitalismo se reafirma degenerativamente em cada território. Embora o tráfico, por ser uma atividade produtiva ilegal, seja perseguido e punido institucionalmente pelas leis dos governos nacionais e internacionais, este setor não deixa de representar um determinado desenvolvimento das forças produtivas e das relações entre proprietários e não-proprietários de meios privados de produção. Desta forma, seja no ciclo de produção do alcalóide, compreendido pelo estabelecimento dos plantios, na colheita da folha e em seu posterior processamento em cloridrato de cocaína, seja na circulação da mercadoria, principalmente por seu complexo transporte até os mercados consumidores, os lucros gerados terminam deslocados e mobilizados pelos mercados financeiros em escala mundial. (COGGIOLA, 1986). Em síntese, o tráfico de drogas se apresenta no modo de produção capitalista como uma eficiente forma para a reprodução, acumulação e apropriação da mais-valia socialmente produzida.

Neste sentido, procuramos apreender as formas pelas quais os homens, que povoam regiões com este tipo de plantio, reproduzem cotidianamente sua existência, o que em outras palavras significa que procuramos entender como os camponeses que produzem folha de coca constituem seu próprio espaço, especialmente quando esta é totalmente destinada à produção de cocaína. O Departamento do Guaviare é caracterizado por ser uma das primeiras regiões da Colômbia em que as plantações de coca foram estabelecidas pelos traficantes em meados da década de 1970, permanecendo vigentes até a atualidade, mesmo com os programas de erradicação de plantios executados pelas instituições

colombianas e estadunidenses, como parte da política antidrogas e da política antissubversiva em escala nacional e internacional.

3.1 LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA DE SAN JOSE DO GUAVIARE

A Colômbia está localizada estrategicamente no noroeste da América do Sul, sensivelmente equidistante entre Canadá e a Patagônia, com litorais nos oceanos Pacífico e Atlântico, possui um variado leque de paisagens andinas, de vales majestosos, pampas tropicais e imensas florestas e terras férteis, o que faz deste país uma das regiões mais privilegiadas em matéria de biodiversidade mundialmente. A maioria da população deste país, mais de 80%, mora em centros urbanos com mais de 15.000 habitantes, principalmente em cidades localizadas entre os vales interandinos dos rios Cauca e Magdalena, onde se encontram as três maiores cidades – Bogotá, Medellín e Cali –, e no litoral do mar caribe Barranquilla e Cartagena. O restante do país compreende o litoral do oceano Pacífico, as *llanuras* da Orinoquia e da Amazônia, que têm densidades muito baixas de população, o que nas palavras de Jimenez (2006, p. 191) significa que “nós, os colombianos, vivemos trepados nas montanhas e metidos nos vales interiores, aonde desenvolvemos a agricultura que nos proporciona, ainda, uma quantidade importante dos alimentos que consumimos”.

A região amazônica deste país apresenta aproximadamente 348.588 km², equivalente a 5% da área total deste ecossistema e a um terço de todo território colombiano. (MENDOZA, 2000). Desde a promulgação da Constituição Nacional de 1991, as antigas províncias e territórios especiais chamados de “*comisarias*” foram transformadas nos Departamentos de Putumayo, Caquetá, Guaviare, Vaupes, Guainia e Amazonas. Na Colômbia, os departamentos representam a divisão política e administrativa e atualmente são realizadas eleições para governador e demais cargos administrativos a cada quatro anos.

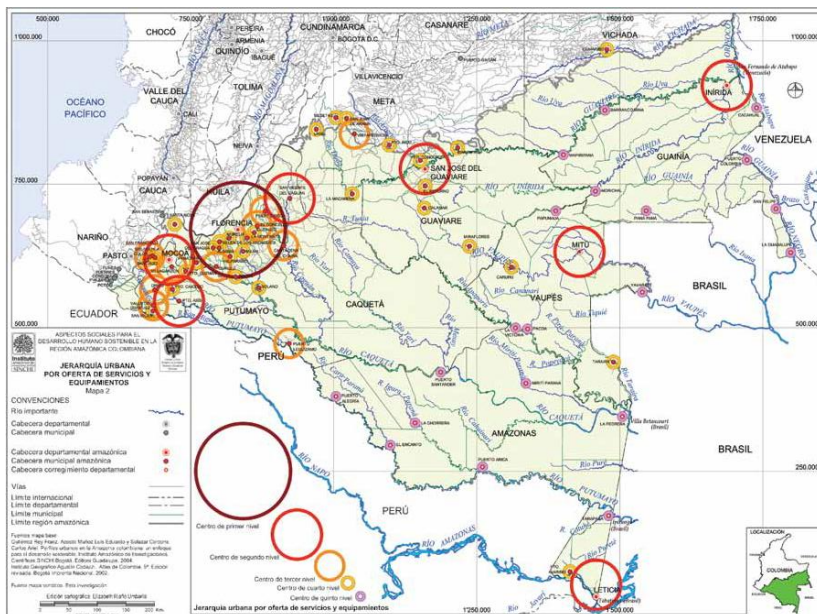


Figura 9: Centros urbanos por oferta de servicios da região Amazônica colombiana.

Fonte: SINCHI (2007).

O Departamento do Guaviare conta com uma área total de 54.847 Km² de extensão, limitado pelos Departamentos de Meta e de Vichada, Guainía, Vaupés e Caquetá, ocupando um importante território de transição biológica entre os ecossistemas de pampas da Orinoquia e da planície amazônica tropical. O Guaviare se subdivide administrativamente em quatro municípios: Miraflores, Calamar, El retorno e San Jose del Guaviare. Este último município é atualmente a capital departamental, com uma população total (urbana e rural) estimada em 60.535 habitantes, em 2008, dos quais 7,7% pertencem a comunidades indígenas, 5,4% se reconhece como afro-descendente, sendo que o restante se identifica como mestiço. (PDM, 2008).

San Jose del Guaviare (SJG) se comunica com o restante do país por via terrestre através de uma única rodovia a 450 km de distância de Bogotá. Saindo da Capital do país, localizada a 2.600 msnm, a primeira parte do trajeto é realizada descendo a cordilheira oriental até a cidade de Villavicencio, capital do Departamento do Meta, importante centro urbano que centraliza e concentra quase todas as atividades econômicas dos Departamentos da região da Orinoquia e de uma parte importante da Amazônia. De Villavicencio até SJG se percorrem outros 320 km, dos

quais uns 90% está pavimentado, e se atravessam pequenas cidades do sul do Meta. A paisagem andina vai ficando para trás, trocada por longos horizontes vermelhos com temperaturas que ultrapassam os 30 graus ao meio dia. As cercas e os pastos para criação de gado tipo Zebu, destinados à produção de carne, viram monotonia por ser a principal atividade econômica e em alguns municípios, como San Martin (Meta), os plantios de soja e de arroz, assim como os de palmeira africana para extração de óleo, aportam nas mudanças relativamente recentes do espaço. Passando o município de Granada (Meta), o transporte, seja público ou de carros particulares, tem que passar por quatro pedágios feitos pela polícia e/ou exército. Nestes, se ordena que todas as pessoas saiam dos veículos e, enquanto alguns militares revistam por dentro os pertences pessoais dos viajantes, os outros pedem a documentação confirmando a identidade de cada indivíduo através do rádio.



Figura 10: Ponte sobre o Rio Guaviare

Fonte: Prefeitura (2008).

As águas do rio Guaviare servem como divisão natural e política entre os Departamentos de Meta e Guaviare, unidos pela ponte “*Nowen*”. Esta obra de infraestrutura é fortemente controlada pelo exército nas duas pontas, para evitar ataques da guerrilha, o transporte de armas e de narcóticos. Ao cruzar a ponte, quase de forma instantânea as regiões de solos de cores laranja, com gramíneas e alguns pequenos bosques naturais, chamados regionalmente de “*morichales*”, no

Departamento do Meta, dão espaço à invencível floresta amazônica; o espetáculo não deixa de surpreender até os olhos mais habituados à paisagem, depois de alguns quilômetros a mais de viagem por terra, a cidade de San Jose del Guaviare é avistada.

A área urbana de San Jose del Guaviare é composta por 29 bairros organizados em grandes grupos chamados de setores. 65% das casas são feitas de madeira, papelão e/ou algumas partes com tijolos, a maioria dos tetos são de telha de zinco, somente 37% da população tem acesso a esgoto e 25% a água encanada, 6% a telefone fixo e 98% a energia elétrica. 18% das famílias moram somente em um cômodo e 65% em casas. Da população urbana, 56% vive em moradia alugada e 13% das moradias do município nos bairros periféricos estão localizadas em área em risco de inundação. (PDM, 2008).



Figura 11: Centro urbano de San Jose del Guaviare.

Fonte: Prefeitura (2008).

Ao lado de muitas casas humildes também se observam grandes casas feitas de tijolo com grandes quintais e piscinas, que por um olhar preconceituoso se poderia imaginar que foram todas construídas com o dinheiro do tráfico. No centro de San Jose del Guaviare existe um parque central que serve como de epicentro geográfico. Em seu entorno se encontram o edifício da prefeitura e do governo departamental, a estação da polícia e a igreja católica, também se encontram o Banco Popular, algumas farmácias, lojas de roupas e armazéns de insumos

agrícolas. Algumas das ruas, que se comunicam com o parque central, se encontram cheias de botecos, bares e restaurantes que de noite se transformam no centro da balada ao som de músicas *vallenatas*.

San Jose del Guaviare, não é uma cidade hierarquizada, quase a totalidade do território municipal tem uso misto indiferenciado; coexiste o comercial ao lado do institucional, com predomínio do uso residencial. O centro urbano apresenta em sua maioria características de sub-normalidade, gerados em grande parte pelas invasões do espaço público ou propiciadas por processos políticos ou de urbanizadores ilegais, especialmente em áreas protegidas. (PDM, 2008, p. 13).

A infraestrutura das ruas urbanas é de aproximadamente 75 km, dos quais 25% estão asfaltados, o restante se encontra ou com cobertura de pedra ou com solo natural em alto estado de degradação. Por não existir transporte público as pessoas que têm capacidade econômica utilizam seus veículos particulares, mas a grande maioria se transporta por bicicleta ou de táxis. Por via fluvial, o transporte pelo rio Guaviare com alguns dos municípios vizinhos é significativo, especialmente de mercadorias agrícolas e de comida; também muitas regiões rurais se comunicam unicamente por esta via.



Figura 12: Rua central de San Jose del Guaviare.

Fonte: Prefeitura (2008).



Figura 13: Praça central de San Jose del Guaviare.
Fonte: Autor (2008).



Figura 14: Monumento aos Colonos
Fonte: Prefeitura (2008).



Figura 15: Danças folclóricas, Joropo

Fonte: Prefeitura (2008).



Figura 16: Transporte fluvial.

Fonte: Prefeitura (2008).

Ante a inexistência de indústrias no setor urbano de San Jose del Guaviare, o emprego na cidade é fundamentalmente gerado pelas diferentes instituições federais, com destaque para a prefeitura, a sede do governo do Departamento, a polícia, o exército e o aeroporto, o restante dos empregos é gerado principalmente pela prestação de serviços e pelo comércio. No centro da cidade, é comum encontrar um importante número de vendedores ambulantes, principalmente de comida e de bijuterias, que ocupam a maioria dos espaços públicos de forma desordenada. No restante da cidade, pequenas lojas de varejo, que

funcionam nas casas dos moradores, distribuem todo tipo de mercadorias, desde hortaliças até peças de telefones celulares; também é comum encontrar um número importante de igrejas evangélicas, principalmente em nas zonas mais pobres.

Estabelecimentos e serviços	San Jose
Oficinas de mecânica e reparação de carros e borracharias	48
Farmácias	20
Restaurantes, cafés e sorveterias	98
Marcenarias	6
Sinucas	28
Bancos	2
Lojas de rodovia	13
Postos de atendimento a saúde	21
Mídia e comunicações	13
Lojas de pequeno varejo	110
Bares e discotecas	22
Mercados de médio porte	13
Hotéis e Motéis	20
Outros, (Cabeleireiros, locadoras, lojas de ferramentas e materiais, lojas de roupa, consultórios, etc.)	575
Postos de venda de gasolina.	8
TOTAL	997

Quadro 1: Estabelecimentos de San Jose del Guaviare.

Fonte: PBOT (2003).

Desde a década de 1990, a Colômbia implementou diferentes estratégias para incentivar os produtores de cultivos ilícitos a abandonar esta atividade, oferecendo em troca subsídios, dinheiro e assistência para o desenvolvimento de projetos de tipo empresarial. San Jose del Guaviare não foi uma exceção, desta forma, existem registradas pelo menos 1.500 microempresas que geram 3.000 empregos diretos (PDM, 2003), todas localizadas no centro urbano devido ao fato de nas regiões rurais não existir a energia elétrica e tampouco condições para o estabelecimento de máquinas e infraestrutura. Porém, a maioria dessas microempresas somente existe no papel, 90% não funcionam, assim, ainda é possível encontrar algumas pequenas processadoras de fruta na cidade, subsidiadas por ONGs da Europa ou dos EUA, porém, o melhor exemplo da ineficiência destes programas é uma construção com infraestrutura de aço, que viria a ser um espaço para processamento de leite, mas que se encontra em estado de abandono e deterioramento. Segundo o diagnóstico apresentado no plano de desenvolvimento da atual prefeitura (PDM, 2008), as organizações empresariais de caráter

solidário e associações de caráter privado não exercem um impacto significativo na geração de emprego.

Uma característica impressionante e indignante do processo atualmente vivido no casco urbano de San Jose é a situação humanitária de aproximadamente 14.000 pessoas em condição de deslocamento⁸⁴ forçado, que procuram refúgio transitório ou permanente na cidade. Esta população composta por camponeses e indígenas, principalmente por mulheres e crianças, tem sido expulsa de forma direta ou indireta por causa da fome e do conflito de seus sítios e moradias nas zonas rurais do Departamento. Segundo dados da prefeitura municipal (2008), nos últimos 10 anos de conflito armado, 20.506 pessoas expulsas procuraram refúgio em San Jose del Guaviare, o que significa que, hoje em dia, de cada quatro habitantes três chegaram à cidade pelo deslocamento forçado. A maioria deles provêm dos municípios de Miraflores, Calamar, El Retorno e Mapiripam (Meta) e das veredas que compõem as áreas rurais do município, onde se desenvolvem as atividades do Plano Patriota contra as FARC, a maioria deles tendo que fugir somente com a roupa do corpo, engrossando as filas de pessoas em condição de miséria nas periferias de San Jose del Guaviare. O seguinte relato permite ter uma noção das pessoas que vivem nesta condição de deslocamento forçado:

Eu cheguei a El Retorno no ano de 1998 de Boyaca, minha família é de lá. A gente escutava que se precisava de gente para trabalhar e que davam terra e ferramentas, eu cheguei com minha mulher e desde essa época trabalhávamos como *raspachines*. Nestes anos de trabalho a gente já tinha comprado algumas vacas e tínhamos nossa terrinha, ilegal mas era nossa, porque em El Retorno tem muita reserva florestal e a terra não podia ser titulada. Porém tínhamos esperança de que algum dia nos reconhecessem os papéis e o trabalho, porém a gente não passava fome e dava

⁸⁴ Para 2009, diferentes autores calculam que Colômbia terá aproximadamente 4 milhões de pessoas em condição de deslocamento interno como consequência da guerra interna colombiana (CALVO, 2007), superando países como o Congo e o Afeganistão, porém, o governo reconhece somente cerca de 2 a 3 milhões. A literatura produzida sobre este fenômeno é bastante extensa devido à grave crise social e humanitária na qual se encontra a Colômbia e várias universidades e centros de pesquisa têm abordado com diferentes óticas a temática do deslocamento forçado. Para um estudo mais detalhado sobre este fenômeno, na Colômbia, consultar o artigo publicado por Ramirez *Desplazamiento interno en Colombia, producción académica, política y publica*, na coletânea, *La academia y el sector rural 2* (2004).

para que “*el mocoso*” estudar. Mas, pra essa mesma época entraram os paramilitares de Arroyave e o exército, mataram muitas pessoas as acusando de ser das FARC. A gente teve que sair com o que tinha na mão e trocar uma vaca para que um “compadre” nos tirasse da região enquanto a coisa ficava tranquila. No ano de 2000 eu voltei para meu sítio, meu compadre foi morto, roubaram todo gado, tiraram as cercas e agora a terra pertence a um senhor daqui de San Jose, como ele tem dinheiro, agora as terras estão sendo legalizadas, mas como eu não tinha o título da terra perdi meu trabalho e o de minha família de vários anos, e eu não tinha como reclamar.

Agora, aqui em SJG, eu construí esta casa [*um pequeno quarto de uns 40 m², onde fica a cozinha, as camas e demais coisas, com luz e sem serviço de água encanada*], com um dinheiro que ganhei coletando coca de vez em quando, agora trabalho vendendo sucos de tangerina no centro aos fins de semana, mas isso não dá o mínimo para viver, já tenho 52 anos, então, a mulher quer ir morar em Bogotá, mais eu não quero morar no frio de novo. (Relato de Don Ernesto Sanchez, coletado pelo autor em março 2008).

Em San Jose é possível encontrar, ao mesmo tempo, deslocados que aspiram voltar para seus sítios e/ou pessoas que tentam ir para Villavicencio ou Bogotá procurar emprego, por isso. San Jose recebe e expulsa pessoas em uma dinâmica de trânsito permanente. A maioria dos deslocados vive de subsídios dados pelo governo central por meio de um programa parecido com o *Bolsa Família* do governo brasileiro, chamado de “familias en acción”, outros vivem do comércio informal ambulante, vendendo bijuterias e comida; a maioria faz bicos, outros perambulam, simplesmente. Outro fenômeno interessante, que existiu há alguns anos como uma prática muito comum, foi uma modalidade de trabalho itinerante muito semelhante a que acontece com os trabalhadores do café, na qual um proprietário de algum plantio procurava e contratava a mão de obra de forma sazonal, principalmente para a coleta do grão. A vantagem da coca é que, como ela produz o ano inteiro, fornece emprego o ano inteiro, assim, os donos dos plantios contratavam e levavam esta mão de obra dos deslocados de San Jose

para seus diferentes plantios dentro da floresta, principalmente naquelas veredas que ficam mais perto da parte urbana.

Os paramilitares eram os que pegavam a gente bem cedo para nos levar aos plantios em seus carros, trabalhávamos quase todo o dia e nesse mesmo dia pagavam o diário, a coisa funcionava, porém, com as pulverizações que a polícia fazia a qualquer hora acompanhada de metralhadoras. A coisa ficava perigosa, pois não somente passava o avião pulverizando, mas também o helicóptero da polícia “jogando” seus tiros, e deixou de ser rentável para os donos da coca, a gente não podia trabalhar com tranquilidade. (Relato de “El mono”, coletado pelo autor em março de 2008).

Com o incremento das pulverizações aéreas e a perseguição da polícia aos trabalhadores da coca, este tipo de prática passou a ser cada vez mais limitada aos *raspachines* de San Jose del Guaviare, porém a maioria dos deslocados concorda ao falar sobre as dificuldades atuais para fazer este tipo de prática de trabalho itinerante, devido aos fortes controles exercidos por parte do exército e da polícia, já que, às vezes, há toque de recolher ou pedágios nas vias e se proíbe o transporte ou os grupos de mais de 5 pessoas.

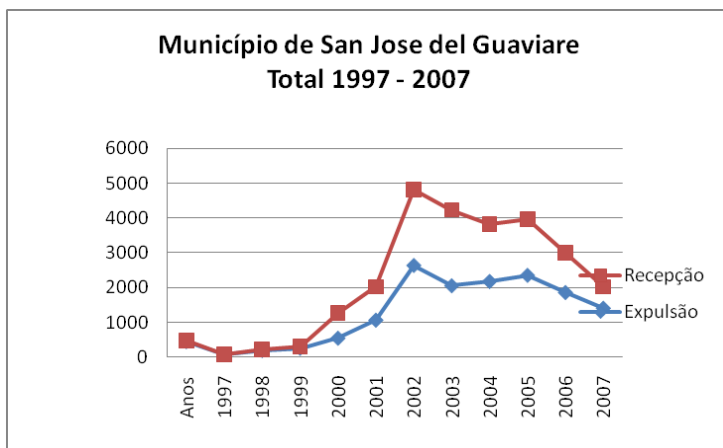


Figura 17: Recepção e expulsão de habitantes (deslocados pela guerra).
Fonte: *Acción social*. (2008)

As zonas rurais de San Jose del Guaviare têm registradas 150 Veredas⁸⁵ organizadas administrativamente em dez centros administrativos: Cachicamo, El Capricho, Charras, Caracol, Tomachipán, Boquerón, San Francisco, Guacamayas, Puerto Arturo e os Cambulos. Nestes centros, compostos por algumas poucas casas de madeira, se concentram algumas lojas que subministram todo tipo de mercadorias, bares e a prestação de serviços sociais básicos, a exemplo do posto de saúde e das escolas. O transporte para as veredas normalmente é feito por terra ou por via fluvial, algumas das rotas ainda dependem do clima, pois na temporada de chuvas muitas ficam em condições intransitáveis. Além destas formas de organização territorial, existem os resguardos e assentamentos indígenas: Panure, Refugio, Barrancón, La fuga, La Maria, Caño Negro, Nukak, Barranco Colorado, Barranco Ceiba, Laguna Arawato, Corocoro e Cahiveras de Nare e as zonas de reserva florestal.

A composição das Veredas, assim como o tamanho das construções rurais que a elas pertencem, depende do cadastro feito na declaração de renda por parte de cada um dos proprietários. Em muitas áreas, as construções se encontram em zonas de reserva florestal e outras em zonas de reserva indígena e por isso não são registradas legalmente na prefeitura, como parte das propriedades, porém, os proprietários, especialmente os grandes, cuidam destes terrenos “aparentemente de ninguém” à espera de uma nova lei de legalização, como já aconteceu anteriormente. À simples vista, a paisagem observada desde as vias de acesso às Veredas é muito semelhante em quase toda a região: grandes extensões de pastos e algumas vacas caminhando a procura da sombra das árvores que restaram após o desmatamento.

As casas no campo que ficam mais perto de San Jose são feitas de tijolo, mas esta arquitetura vai mudando quanto mais se avança para o interior das zonas rurais. As casas vão se transformando em pequenos quartos, com paredes de adobe ou madeira e telhados de zinco, que parecem se derreter com o calor ao meio dia. As casas normalmente são rodeadas de árvores frutíferas, abacates e mangas que servem para alimentação e para fazer sombra, as galinhas e outras aves domesticadas

⁸⁵ Na Colômbia, as divisões administrativas das zonas rurais são chamadas de Veredas, que são compostas por um determinado número de prédios rurais que compartilham um mesmo território e uma mesma via de acesso. As Veredas podem ser compostas por minifúndios ou latifúndios, dependendo do número de habitantes e de sua localização geográfica, podem incluir ou ter algumas instituições descentralizadas da prefeitura. Tradicionalmente, os habitantes das Veredas se organizam entorno da junta de vizinhos.

ficam livres, junto com os cachorros vira-latas atentos para perseguir as motocicletas.

A maioria dos camponeses da Vereda *A Liberdade*⁸⁶, em San Jose, não é natural da região, muitos deles chegaram nos anos de 1980 com a primeira bonança cocalera. Somente dois dos entrevistados são nascidos naquelas terras, mas seus pais foram colonos na década de 1950. Nas regiões rurais, as pessoas cuidam muito do que falam, pois existem os serviços de inteligência do exército para reconhecer os integrantes ou simpatizantes das FARC, gerando-se muito medo e desconfiança para com todos, principalmente com as pessoas de fora. Dependendo da localização das veredas, estas terão um grau de presença ativa do exército e/ou dos paramilitares ou da Sétima Frente das FARC. Na região da pesquisa, realizada em março/abril de 2008, existiam rumores da presença de Ingrid Betancourt⁸⁷ e outros reféns das FARC. As pessoas de alguma forma se preparavam para uma dura entrada militar por parte do exército se isto fosse verdade. Tal fato terminou não acontecendo.

Como a maioria dos camponeses na região, os camponeses entrevistados usavam botas de sete léguas, camisa aberta e um facão no cinto. Nesta região, os camponeses têm que se organizar quase que de forma clandestina para não se converterem em alvo do exército e dos paramilitares, que em várias ocasiões tem tentado expulsá-los da região através de ameaças ou do assassinato de seus familiares, por categorizar a zona como base de apoio logístico da guerrilha.

Nestes anos de trabalho, os camponeses desta região têm conseguido construir suas casas, melhorar seus pastos e até arrumar algumas cabeças de gado. As fazendas dos moradores entrevistados são de 200 e 400 hectares respectivamente, o que é suficiente para as famílias viverem de maneira digna. A Junta de Ação Comunal da Vereda *A Liberdade* foi constituída no início da década de 1990. Ela foi quase uma legalização da estrutura coletiva que os habitantes destas veredas já tinham e nela participavam dois membros das FARC e/ou da UP com direito de uso da palavra, mas não a voto. A legalização da organização foi motivada quando o governo prometeu que apoiaria com dinheiro os camponeses organizados para os programas de substituição de plantios. Porém, os camponeses já tinham 14 anos de organização e nos falaram com orgulho quando lembraram que eles construíram de

⁸⁶ Vereda *A Liberdade* é um apelido dado à segunda região rural que visitei.

⁸⁷ Candidata presidencial retida pelas FARC no ano 2002 e libertada pelo exército no ano 2008.

forma coletiva a via até San Jose, a escola das crianças e até mesmo parte do pequeno posto de saúde.

Julian que sabia de tudo chegou em 1980, era de Ibague, ele tinha trabalhado como mestre de construção. Ele nos ensinou fazer nossas casas de dois pisos - mais aqui não tem casas de dois pisos - e até vacinar o gado. Também a ler e a escrever com livros de política e história, no início ele falou que era do Partido Liberal, mas depois ele era da UP e depois virou comunista. Mas, minha mulher diz que sempre foi comunista, pois ela nunca viu a ele fazer o sinal da cruz. Enfim, ele foi trabalhar depois no Cauca a gente nunca mais soube da vida dele. (Relato de morador, coletado pelo autor em março de 2008).

Os processos de “domesticação” das fazendas que compõem a Vereda foram feitos também coletivamente, assim o desmatamento, os primeiros plantios de mandioca, de plátano⁸⁸, de coca e de arroz foram feitos entre todos. Isso permitiria que nenhum deles ficasse endividado junto aos agiotas, que emprestavam dinheiro e insumos para viver no mato (como aconteceu com pessoas em outras partes da região, que terminaram vendendo ou abandonando a terra por causa das dívidas). Depois que cada um tinha seu pedaço de terra, sobretudo antes das marchas e mobilizações de 1994, as práticas coletivas continuaram no que eles chamavam de “vuelta-de-mano”, que simplesmente era um rodízio na organização do trabalho em cada fazenda:

Nessa época era bem bom, trabalhávamos a segunda aqui, amanhã a gente trabalhava na casa de um, na quarta na casa de outro etc. O trabalho rendia muito e se notava, a gente comia coisas diferentes todos os dias, algumas mulheres cozinhavam melhor que outras (risos), assim também trabalhávamos com os plantios de mandioca e até com o gado, até que chegou a coca, a coca mudou tudo. (Relato de morador, coletado pelo autor em março de 2008).

⁸⁸ Plátano é o nome dado a uma espécie de banana, semelhante à banana da terra, produzida nos climas quentes e consumida verde em sopas ou em fatias fritas, ou madura como acompanhamento em qualquer das três refeições.

A unidade entre as comunidades destes territórios permitiu que esta zona tivesse uma relativa estabilidade entre as pessoas que a habitavam, o que perduraria até hoje, apesar da violência e da pressão existente sobre a região (o que custou a vida de muitos líderes camponeses e colonos, como um dos filhos da terra que, no ano de 1999, foi sequestrado pelos paramilitares, e, no ano 2001, o irmão de um deles foi assassinado, acusado de ser guerrilheiro). Os múltiplos casos de pessoas desaparecidas e assassinadas, familiares e conhecidos não deixa de estremecer, especialmente quando muitos apostavam que esta Vereda seria a próxima Mapiripám⁸⁹.

Na região e na Vereda, nós mesmos tentamos não ter plantios de coca, os que têm como vizinho, os tem longe mesmo daqui. Nós não podemos dar oportunidade para que as forças militares e/ou os paramilitares tenham um pretexto para entrar e nos deslocar para nos tirar a terra. Em San Jose o povo fala que a guerrilha come carne aqui. A guerrilha aprendeu, faz muitos anos, que não se pode converter numa carga a mais para os camponeses, ou os camponeses mesmos lhe dão as costas. Porém, a gente ajuda quando se pode, com um ou dois bois, finalmente eles já ajudaram a gente algumas vezes para iniciar com a boiada. (Relato de morador, coletado pelo autor em março de 2008).

Na Vereda *A Liberdade*, desde fins da década de 1990, foi “política” da Junta de Ação Comunal não depender totalmente dos plantios de coca, especialmente depois da primeira queda dos preços na década de 1980, da qual os camponeses se lembram muito bem, pois até fome passaram: “nessa época meu irmão falava viu, vai ter que comer esses bilhetes da coca”, repetia um dos moradores, lembrando de seu irmão que nunca deixou de ter sua mandioca. Por causa deste tipo de situação, as FARC instauraram a norma de que por cada hectare plantado de coca os camponeses tinham que plantar pelo menos três de comida. Em *A Liberdade* o assunto foi resolvido com a Junta de Ação da Comunidade, fato que os camponeses valorizam com certo agradecimento, pois permitiu um desenvolvimento de setores como a

⁸⁹ Mapiripán é um pequeno povoado do Departamento do Meta, que está localizado sobre o rio Guaviare.

produção de bovinos – que hoje é sua principal atividade econômica –, porém, em outras regiões, onde os camponeses se negavam a plantar, a guerrilha os obrigava ao cumprimento da regra, sob pena de morte àqueles que desobedecessem, e em várias regiões colonos foram fuzilados por isto.

Entre os jovens da Vereda *A Liberdade*, as contradições se expressam basicamente de duas formas: por um lado, estão aqueles que ainda veem na coca uma forma bastante atrativa para viver e que se trasladam para as regiões onde os plantios estão localizados, basicamente motivados pelos altos salários e pela possibilidade de poupar algum dinheiro. Por exemplo, o salário diário pago para os *raspachines*, “El Jornal”, está em torno dos 60.000 pesos colombianos⁹⁰, altamente atraente se comparado com o pagamento em atividades lícitas no campo, que no melhor dos casos chega a 30.000 pesos. As alternativas oferecidas às plantações de coca são: permanecer na Vereda, principalmente nas atividades de produção de gado, o que não gera emprego para todos; ser recrutado pela guerrilha; ou prestar o serviço militar obrigatório no exército colombiano no programa “*soldado de mi pueblo*”. Para as jovens a situação é ainda mais difícil, porque normalmente não são contratadas como *raspachines*; para elas resta a gravidez prematura e o trabalho em casa – no caso da Vereda *A Liberdade* a maioria dos pais tenta enviá-las para fora do Guaviare, principalmente para viver e estudar com seus familiares em Villavicencio ou Bogotá. Nas regiões em conflito, as mulheres se convertem em “tesouro” de guerra para os paramilitares, que têm como política estuprar as mulheres quando entram em uma região de influência guerrilheira. Uma sobrinha de um dos camponeses da região, uma menina de 14 anos, nos falava abertamente e sem medo de sua vontade de ingressar na guerrilha e não nos deixou de produzir tristeza ao pensarmos que esta menina deveria estar planejando estudar ou se divertir em festas.

O gado, fundamentalmente, é vendido pelos próprios camponeses em San Jose e às vezes é levado para ser abatido em Villavicencio, sendo transportado em dois caminhões que eles adquiriram de forma coletiva entre os integrantes da Vereda. Ao regressar, a entrada de comida e demais utensílios na região é dificultada por pedágios que o exército colombiano faz para impedir o transporte de suprimento para a

⁹⁰ Nas regiões rurais da Colômbia, o assalariamento é comumente pago diariamente, chamado de “Jornal”. Em março de 2008, a taxa representativa do mercado do peso frente ao dólar era de 0.00048, um jornal equivalia a 28 dólares estadunidenses.

guerrilha. Deste modo, restringe-se a entrada de várias mercadorias, como gasolina, botas, pilhas, drogas farmacêuticas e comida, estipulando-se um volume determinado máximo de cada mercadoria por pessoa (por exemplo, só é permitido entrar com 10 ou 20 litros de gasolina além do tanque cheio, fato que dificulta muito o transporte de todo tipo na região). Nas zonas produtoras de coca se gera uma situação de inflação bastante particular devido aos diferentes pedágios pelos quais passam muitas mercadorias. A guerrilha, por exemplo, chegou a taxar a entrada da cerveja em muitas regiões, da mesma forma fazem os paramilitares e o exército – desta forma uma cerveja pode até triplicar o preço pago em San Jose.

Os camponeses da Junta de Vizinhos estão organizados para produzir e vender o gado, assim como para fazer vigilância caso ocorra um ataque dos paramilitares ou chegue o exército em operações por terra e/ou ar. Existe um rodízio para cuidar de alguns pontos estratégicos que permitem vigiar as zonas de noite e de dia, e caso aconteça alguma coisa as mulheres e as crianças iniciam a fuga por rotas pré-estabelecidas para dentro do mato. Um camponês entrevistado tinha que vigiar aquela noite e precisava se deitar cedo.

3.2 ANTECEDENTES E INCORPORAÇÃO DA REGIÃO AMAZÔNICA COLOMBIANA PELO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA

A Cordilheira Andina representou uma poderosa barreira, até o século XIX, para a incorporação das *llanuras* orientais da Orinoquia e da floresta amazônica ao restante das atividades econômicas e sociais que haviam sido desenvolvidas no restante do país. Com exceção de algumas expedições religiosas que procuravam submeter as comunidades originárias destas regiões, tanto as planícies da Orinoquia como os solos amazônicos não representaram nenhum interesse econômico para os setores dirigentes da nascente classe empresarial colombiana, pois na época estavam motivados principalmente pela extração de minerais e por alguns plantios comerciais no centro e norte do país. Nas florestas, os poucos colonizadores espontâneos europeus enfrentaram o difícil clima tropical, quente e úmido (presente o ano inteiro), além das dificuldades em organizar, através da Mita e da

Encomienda, mão de obra composta fundamentalmente por habitantes originários seminômades⁹¹ e dispersos em extensas regiões.

Na segunda metade do século XIX, a região amazônica recebeu as primeiras ondas de colonizadores, motivados principalmente pela procura das plantas de Quina (*Stychnos* sp) para extração do alcalóide. De 1870 a 1881, a procura da quinina, a caça aos tigres pela pele “trigrilleo” e a pesca se transformariam nas principais atividades econômicas da região (JARAMILLO, 2009), criando os primeiros assentamentos urbanos. Os rios seriam as entradas até os territórios que eram considerados, em Bogotá, ainda como inóspitos e selvagens.

No século XX, a necessidade de látex extraído da árvore da seringa (*Hevea brasiliensis*), usado na fabricação de diferentes peças da indústria automotiva dos EUA, impulsionou a procura desta matéria-prima nas florestas da Amazônia brasileira, boliviana, colombiana e peruana. Grandes consórcios internacionais de capital estadunidense e inglês foram os pioneiros na entrada em várias regiões, até então pouco ou quase inexploradas⁹², criando os primeiros circuitos comerciais e incorporando definitivamente ao capital uma área de mais 7 milhões de km², o que politicamente permitiu definir pela primeira vez as linhas de fronteiras amazônicas entre os países da região.

Na Colômbia, a exploração da borracha ocorreu por duas rotas principais que atravessaram o território amazônico, as quais permitiriam a fundação e consolidação de várias cidades hoje em dia importantes, como Florencia e San Jose del Guaviare: a primeira partia das florestas dos hoje Departamentos de Caquetá e do sul do Putumayo até o Departamento do Huila e finalmente a Bogotá; a segunda rota se iniciaria nas florestas do Vaupes e do Guaviare, passando pelo

⁹¹ Quando os espanhóis pisaram o território colombiano encontraram diferentes povos originários, entre eles as comunidades pertencentes à família Chibcha, localizadas no centro da Colômbia, que tinham o maior desenvolvimento econômico e social. Organizadas em classes e concentradas em cidades, fundamentavam sua economia na agricultura, o que foi um facilitador para os europeus que, após dominar e esmagar suas autoridades, escravizaram esses povos, transformando-os em mão de obra. No caso das muitas outras comunidades de coletores e nômades que percorriam o país, a captura era mais difícil, sendo que a maioria preferia a morte à captura. Para maiores informações, consultar o livro de Posada *et al.* (1977), *Ensayos Marxistas Sobre La Sociedad Chibcha*.

⁹² Desde 1616, os portugueses iniciaram a exploração da região amazônica constituindo colônias até a maioria dos pontos onde os rios da bacia eram navegáveis, extraíram inúmeras mercadorias como madeira e algumas espécies vegetais e animais, enquanto para os espanhóis a região não teve maior importância. Para fins do século XIX, a procura da borracha motivou a colonização de vários rios tributários do Amazonas, como os rios Purus e Juruá que eram praticamente desabitados, deste processo o Brasil terminaria anexando a região do Acre boliviano (JUNIOR, 1967).

Departamento do Meta, para terminar também na Capital. Devido às dificuldades de navegação na maioria dos rios colombianos⁹³, o transporte das mercadorias era fundamentalmente terrestre, o que acarretou a necessidade de construção de diversas vias em meio da floresta, que se uniam aos caminhos já traçados feitos para o transporte do gado até Villavicencio. Desta maneira, várias das concessões para a exploração de áreas com seringais às empresas estadunidenses se deram simplesmente em troca da construção de infraestrutura e com o objetivo de gerar presença estatal em zonas de fronteira para evitar novos conflitos nas fronteiras como os ocorridos com o Peru⁹⁴. Com a ocupação militar da Malásia por parte do Japão, os EUA voltam novamente seus olhos e braços sobre os seringais da América do Sul e um novo ciclo aconteceria na região.

A companhia estadunidense *Rubber Development Company* ganhou, em 1938, a concessão para explorar látex no Vaupes, se comprometendo com o Governo de Eduardo Santos (1938 - 1942) a construir uma rodovia entre os municípios de Calamar (Guaviare) e a cidade de San Martín (Meta).

Com efeito, a Rubber melhorou a via de acesso entre estas populações e constituiu centros para armazenar a borracha ao longo do rio Ariari, os quais posteriormente seriam unidos por caminhos de terra, também se estabeleceu um grande armazém em San Jose del Guaviare e iniciou a abertura de um caminho entre San Martín e Calamar. Assim, com a combinação de uso entre rios e caminhos de terra, o trânsito da seringa se tornava independente dos ritmos estacionais do clima. Os trabalhos da Rubber foram determinantes. (MOLANO, 2006, p. 283).

⁹³ Segundo o geógrafo Camilo Domínguez, a maior parte dos rios que atravessam a floresta oriental tem problemas para a navegação de grandes e médias embarcações, devido à existência de quedas e obstáculos em seu curso. Os únicos rios totalmente navegáveis são o Putumayo e a pequena parte do Amazonas, que no Brasil é chamado de Solimões.

⁹⁴ Devido à quase inexistente presença do governo de Bogotá, nas fronteiras do sul com o Peru, uma companhia de exploração de seringais peruana, chamada de Casa Arana, avançou desde Iquitos até penetrar no território colombiano à procura da seringa, no ano de 1908. Isto desencadeou diferentes conflitos entre os comerciantes de látex peruanos e colombianos que culminaram em uma guerra em 1930; alguns autores (MOLANO, 1996; JARAMILLO, 1986) calculam que mais de 20.000 nativos foram escravizados somente pela Casa Arana, nos anos em que ela permaneceu no território colombiano.

Até então, San Jose era simplesmente um pequeno conjunto de casas povoadas – principalmente, por descendentes do grupo indígena dos Mitúas na beira do rio Guaviare – fundado por um grupo de missionários católicos pertencentes ao convento dos Llanos de San Martin (Meta), no dia 19 de Março de 1903. Já durante a II Guerra Mundial, a *Rubber* contratou mão de obra camponesa dos Departamentos do Tolima e de Cundinamarca para realizar as diferentes obras de infraestrutura, articulando assentamentos de trabalhadores em San Jose, Calamar e Miraflores, de onde se organizavam e se dirigiam as expedições para extração do látex, principalmente formadas pelos indígenas Guayaberos. Enquanto a matéria-prima era transportada por barco e por avião para Bogotá, centenas de homens iniciavam a primeira parte da construção da rodovia prometida que uniria Calamar, El Retorno e San Jose do Guaviare.

Quando os Estados Unidos venceram o Japão, tomando de novo o controle sobre as plantações de seringa da Malásia, a extração primitiva do látex na região perdeu a rentabilidade, a *Rubber* arrumou suas malas e saiu de Colômbia, em 1946, argumentando ao Governo que seus cálculos iniciais sobre a quantidade e qualidade da borracha presente na região estavam errados e não conseguiriam concluir a rodovia – isso depois de ter explorado por seis anos a mão de obra indígena. Do período em que a *Rubber* ficou no Guaviare restaram: uma estrada de chão entre Calamar e San Jose, o aeroporto e algumas poucas construções, além de uma população indígena dizimada e centenas de trabalhadores desempregados⁹⁵ e na pobreza. Enquanto explodia a guerra civil no centro do país e a violência se espraiava pela cordilheira andina, a paisagem do Guaviare continuava dominada pela grande floresta, pois no período do auge da borracha não se incrementaram pastos e/ou a criação de gado ou plantios de comida, posto que a maioria de insumos e mercadorias para a sustentação dos assentamentos eram trazidos de Bogotá e até dos EUA, pela *Rubber*, nos mesmos aviões que o capital em forma de borracha saía.

No início de 1950, San Jose tinha cerca de 10 casas, além das instalações que a *Rubber* tinha deixado de lembrança. A guerra civil (*La Violencia*) em que se enfrentavam por todo país camponeses, defendendo os interesses das classes dominantes organizadas nos partidos Liberal e Conservador ainda não havia chegado ao rio Guaviare. Entre 1953 e 1960, os povoadores de San Jose, que até então

⁹⁵ Muitos destes trabalhadores regressaram a seus lugares de origem, outros permaneceram sobrevivendo basicamente da caça e da pesca.

tinham vivido relativamente isolados, começaram a receber os primeiros grupos de camponeses que tinham sido expulsos de suas terras através da morte e do terror. Estas pequenas famílias de deslocados se localizariam principalmente nas terras do entorno dos rios Guayabero e Guaviare, sobrevivendo por meio da pesca e dos plantios de mandioca, arroz e plátano. Em 1959, quando o povoado de San Jose já tinha quase 100 casas, em pleno início da Frente Nacional, por lá chegou diretamente da capital um contingente do exército que se estabeleceu nas antigas instalações da *Rubber*. Instituiu-se então o primeiro banco público, chamado de *La Caja Agraria*, e se iniciou a construção da primeira catedral da religião católica.

Na década de 1960, continuou o processo de colonização composto principalmente por famílias ou indivíduos isolados fugindo da violência e da pobreza, porém, mais dois processos de colonização diferentes se configuraram de maneira particular na região do Guaviare. O primeiro foi motivado e organizado diretamente pelo governo colombiano e o segundo, por um movimento organizado de camponeses que fugiam da perseguição do exército que os acusava de serem comunistas. A este último movimento, que atingiria o rio Guayabero e parte do Guaviare, o sociólogo William Ramirez (1981) categorizou de “colonização armada”.

No ano de 1961, foi aprovada pelo Congresso Nacional a Lei 135 de reforma agrária, que explicitou a normatividade e forneceu a base jurídica para a criação de instituições cujo objetivo era reformar a distribuição da propriedade rural nacionalmente, principalmente as caracterizada pelo latifúndio. Desta maneira, foi criado o Instituto Colombiano para a Reforma Agrária (INCORA) encarregado de administrar e executar a) os programas de desapropriação e redistribuição de propriedades improdutivas, b) os programas de colonização e de titulação de terras abandonadas e devolutas, e c) o desenvolvimento de infraestrutura e o fomento a sistemas de crédito com o objetivo de produzir melhorias na produtividade agrícola nacional⁹⁶.

Através do INCORA foi criado um programa nacional de titulação de terras devolutas, chamado de “El retorno del hombre al

⁹⁶ Apesar da lei 135 de 1961, na Colômbia, contemplar a desapropriação das fazendas improdutivas como base para uma reforma agrária, o INCORA basicamente se encarregou da distribuição e titulação de terras devolutas nas regiões do Amazonas e da Orinoquia sem tocar na estrutura tradicional do centro do país. Para maiores informações consultar a dissertação *La concentración de la tierra en Colombia: entre la exclusión social y la violencia*. (CABRERA, 2009).

campo”. Basicamente, este programa motivaria o processo de colonização ao interior dos *Llanos Orientais* e do Guaviare, prometendo terra, insumos e a compra das colheitas produzidas. Centenas de camponeses chegaram de diferentes Departamentos com apoio da Força Aérea Colombiana, assentando-se aos lados da rodovia que a *Rubber* tinha deixado sem concluir entre os povoados de San Jose e Calamar. Na medida em que uma nova família chegava, era dirigida depois do último assentamento que tinha sido entregue, recebia em média uma área de 50 hectares e podia ter acesso a crédito na *Caja Agraria*. Este movimento se repetiria muitas vezes e a selva, que anos atrás parecia indomável, por fim, foi cedendo às mãos dos homens.

No princípio se cultivou milho e o arroz, foram civilizados pedaços de várzeas, foram feitos pequenos portos sobre o rio e se construíram os “ranchos”⁹⁷. No pouco tempo livre que os trabalhos agrícolas tinham, os mais hábeis construíam canoas e todos, sem exceção, pescavam e caçavam para obter o peixe escalado e as peles que eram vendidas em San Jose para comprar a sal, a manteiga, a pólvora e os instrumentos de trabalho. (MOLANO, 1999, p. 56).

Deste modo, o experimento da colonização daria certo, em pouco tempo os colonos virariam camponeses, e da economia de subsistência se passaria à geração de excedentes, os quais como em outras partes do país eram comprados em determinados volumes pelo IDEMA⁹⁸. Mais de 181.000 hectares da reserva florestal foram subtraídos e legalmente foram transformadas em sítios e fazendas, e finalmente tituladas. (POT, 2000). Contudo, uma vez que a quantidade de comida produzida excedia a capacidade de compra desta instituição, o processo foi um fracasso. Nesta época não existia a ponte sobre o rio Guaviare e a rodovia era muito ruim. Foi a primeira decepção dos camponeses e muita da comida coletada foi jogada literalmente no rio.

⁹⁷ A palavra “rancho” na Colômbia se usa para descrever casas feitas com materiais muito simples e elaboradas de forma provisória, semelhantes às barracas só que com o teto feito de folhas.

⁹⁸ IDEMA: *Instituto de Mercadeo Agropecuário*, antigamente chamado de INA *Instituto Nacional de Abastecimiento* INA, instituição pertencente ao Ministério de Agricultura que existiria entre 1976 e 1990.

Em meio a esta crise, apareceram⁹⁹ os primeiros plantios de maconha nas várzeas do rio Guaviare. A planta era bem paga no início, e, como toda coisa que dá certo, o plantio se espalhou pelas várzeas e sítios que antes produziam arroz, mas, os *marimberos*¹⁰⁰ tinham o mesmo problema geográfico dos camponeses, pois não tinham como tirar grandes volumes de maconha por terra. Depois de uns 4 anos os narcotraficantes se deslocaram para o litoral do mar caribe, aos Departamentos da Guajira e do Magdalena, e os plantios de maconha abandonados foram tragados pela selva, outros foram arrancados e jogados de novo no rio Guaviare.

Por volta dos anos de 1977 e 1978, iniciaram as primeiras plantações de “*chagras*”¹⁰¹ com coca proveniente do Peru. A coca de origem colombiana era usada na região entre os indígenas em seus rituais, porém não se pode comparar com o uso cotidiano dos indígenas andinos, principalmente do Peru e da Bolívia, razão pela qual somente existiam algumas poucas plantas nos resguardos para autoconsumo. Porém, todas as plantações de coca peruana desde o início tiveram a clara função de servir de fonte de matéria-prima para a extração do alcalóide, e já no final da década de 1980, repetindo o acontecido com os plantios de maconha, a coca se espalhou quase que pelos mesmos lugares por onde tinha passado sua antecessora. San Jose não tinha mudado muito do que era uma década atrás: com exceção dos primeiros bordéis estabelecidos e das primeiras igrejas evangélicas, a paisagem continuava semelhante, ainda era um pequeno povoado muito tranquilo. A presença das forças de segurança para essa época era quase inexistente. O exército tinha saído da região e o posto de polícia encarregado de erradicar os plantios ilícitos contava com seis membros que se deslocavam de canoa para cobrir um território de mais de 50.000 km². E assim, nesta imensa floresta, não há clareza do primeiro lugar onde foi plantada a coca, alguns moradores afirmam que o primeiro ponto foi o povoado de Caruru¹⁰², no Departamento de Vaupes, se deslocando sucessivamente para Miraflores, Calamar, El Retorno e San Jose. Neste último, os plantios se localizariam sobre o rio Guaviare. A bonança da coca traria vida a estes pequenos povoados em meio da

⁹⁹ Alguns comerciantes levaram as sementes e as deram de presente aos camponeses.

¹⁰⁰ *Marimbero* é o nome dado ao narcotraficante de maconha na Colômbia.

¹⁰¹ A palavra “*Chagra*” é usada na região para os plantios feitos pelos indígenas em meio da floresta.

¹⁰² Nas entrevistas, um morador de 74 anos - um *raspachin* deslocado de Miraflores - (Guaviare), afirmou que, em 1969, já existiam plantios de coca no município de Caruru (Vaupes).

floresta, e a pasta de coca, da clandestinidade absoluta, virou a mercadoria mais popular da região em 1983, passando a ser comercializada como se fosse qualquer outro produto legal, mas com um preço muito maior. Era comum encontrar a pasta de coca em processo de secagem ao sol, sobre um plástico, ao lado do peixe escaldado nas lojas de San Jose. Nesta primeira etapa, os camponeses e colonos plantavam, cuidavam e coletavam a folha em seus próprios sítios. Rapidamente aprenderam a transformar a folha em pasta de coca e uma vez pronta a mercadoria, era vendida e comprada nos mesmos sítios. Os compradores da mercadoria, que localmente são chamados de *chichipatos*, recolhiam em cada uma das Veredas e de sítio em sítio a valiosa mercadoria.

Então a pasta de coca dava condições de competitividade muito grande aos camponeses e colonos, a comercialização se fazia no próprio sítio e o retorno do dinheiro era imediato. A mandioca, milho e arroz, ocupam grandes volumes, ninguém comercializava uma carga de uma tonelada de arroz debaixo do braço, enquanto a coca permitia a rentabilidade, era muito boa e não existia outra mercadoria que gerasse a mesma condição. (Entrevista com um dirigente municipal de San Jose coletado pelo autor em março de 2008).

Uma vez que os *chichipatos* recolhiam nos sítios a mercadoria, esta era levada para os centros dos povoados. Normalmente, lá existiam comerciantes de médio porte, alguns donos de lojas, de restaurantes, etc., que cumpriam com uma dupla função, por um lado, concentravam a pasta de coca dos *chichipatos* e, por outro, organizavam todas as formas de convênios comerciais com os produtores da pasta (camponeses e colonos). Por exemplo, quando chegava um colono novo, ou algum empregado queria se transformar em produtor independente, estes comerciantes, através de empréstimos, lhes abasteciam de insumos necessários para seu estabelecimento em alguma nova zona de colonização – a semente da coca, as ferramentas, a comida e às vezes até o transporte (motor, canoa, animais, etc.) eram fornecidos com a condição de pagamento fixada para a primeira coleta produzida e transformada em pasta de coca.

Desta maneira, muitos colonos individuais ou famílias¹⁰³ que chegavam atraídas pela bonança iniciaram sua diáspora sem um centavo no bolso e endividados tiveram que trabalhar até a primeira e/ou a segunda coleta para pagar, muitas vezes com juros de usura, os empréstimos a seus promotores; muitos também se endividavam novamente para pagar as dívidas e assim sucessivamente. A grande maioria não conseguiria pagar suas dívidas, restando as “opções” de pagar com seus sítios¹⁰⁴ e se deslocar novamente para a periferia de uma nova zona de colonização ou de vender sua mão de obra como *raspachines*. Contudo, alguns poucos conseguiram ter êxito econômico, ou por já contar com algum capital quando iniciaram, conseguindo plantar grandes extensões, ou por poupar ao extremo.

Todos estes processos econômicos têm que contar com uma base jurídica de tipo formal ou informal, seja para proteger a acumulação da riqueza ou para garantir a circulação das mercadorias. Desta forma, o dito popular “quien la debe la paga” se converteu no primeiro e único mandamento. A violência que chegou a San Jose era muito parecida à violência vivida nas minas de ouro ou de esmeraldas em Boyaca¹⁰⁵, por exemplo, onde quando um mineiro encontrava uma pedra fina e de bom tamanho, se falava que se “*enguacava*”¹⁰⁶. Porém, quando saía da mina para ir vender a pedra em Bogotá, se convertia no alvo de todo tipo de ladrões. Da mesma maneira este fenômeno se repetiria nas zonas rurais de San Jose. Quando alguém tinha uma boa coleta de folha, começava a ser procurado para ser roubado e assassinado, e esta prática se espalharia com uma cotidianidade cruel e monótona. Houve casos de trabalhadores que mataram seu patrão, assim como de patrões que mataram seus empregados para não pagar seus salários. Em 1985, faziam-se contratos de trabalho de até um ano e quando chegava o momento do pagamento os patrões que deviam determinada quantidade de dinheiro aos *raspachines*, achavam mais barato lhes matar e, por fim, pagar aos

¹⁰³ Também chegariam prostitutas, bandidos e ladrões atraídos pelos grandes volumes de dinheiro que circulava.

¹⁰⁴ Os colonos que fracassavam pagavam com sua terra, que normalmente era de colonização em zonas de reserva florestal, por esta causa eles não possuíam um título de propriedade. O valor da terra, então, era avaliado pelo promotor “agiota” e dependia da proximidade a San Jose, das melhorias feitas, dos plantios de coca, dos pastos, do gado e até da casa “rancho”.

¹⁰⁵ Boyaca é um departamento da Colômbia ao norte de Bogotá, principal produtor de esmeraldas do mundo.

¹⁰⁶ A palavra guaca, significa “enterro” em língua Taino-caribe. Normalmente, os indígenas enterravam seus familiares com seus pertences em ouro. Devido a isso, para os espanhóis e os mestiços, encontrar uma guaca era como encontrar um tesouro.

paramilitares para fazer este trabalho, pois a mão de obra não faltaria, já que novos colonos chegavam diariamente em procura de *El Dorado* da coca.

Deste modo, San Jose se transformaria em uma cidade violenta e armada. O uso de pistolas e revólveres virou um elemento da vestimenta dos *raspachines*, dos comerciantes e até das prostitutas. Nos fins de semana, nos botecos, a quantidade de mortos por balas se tornou monotonia. O que se vivia em San Jose era uma bonança que literalmente dinamizaria e transformaria todo tipo de negócio já existente e daria fôlego a toda empresa que a imaginação mais “inovadora” pudesse criar.

O comércio foi, naturalmente, o primeiro setor que experimentou um vigoroso salto. As pequenas lojas de bijuterias se transformariam em grandes depósitos de distribuição. Os instrumentos para o processamento da folha – plásticos, tinas, mangueiras, baldes, conheceram preços fabulosos. Os elementos e ferramentas para sobreviver na floresta e para lhe derrubar – machados, drogas farmacêuticas, mosquiteiros, pilhas, anzóis, redes, facões, mosquiteiros, chapéus, motores e alimentos – adquiririam valores que se não fosse pelo que a coca produzia seriam simplesmente inacessíveis. Ao lado das lojas, começaram a prosperar os negócios mais diferentes e mais exóticos para um meio dominado pelo mato: salões de beleza aonde se faziam os mais sofisticados tratamentos e sofisticados cortes: casas de moda e confecção que vendiam a último grito da revista *Vanidades*[...]

Já não se tinham três ou quatro aviões semanais; a frequência viraria diária. SATENA, a empresa do Estado, era insuficiente, se abriram linhas de vôos privadas desde Villavicencio, Bogotá e Medellín. O transporte terrestre também se incrementou, de Granada, Villavicencio e Bogotá chegavam no verão a San Jose de trinta a quarenta ônibus diários. Centenas de caminhões transportando os mais diferentes gêneros de mercadorias e superando os mais formidáveis obstáculos. (MOLANO, 1999, p. 62-63).

No ano de 1981, provenientes da região do Guayabero, entraram os primeiros grupos de guerrilheiros das FARC no Guaviare, se localizando nas regiões rurais de Calamar e Miraflores. A partir deste momento, os grupos guerrilheiros tomariam o controle militar e político da região, estabeleceriam normas de conduta social, regulariam a utilização das armas, normatizariam os negócios da coca e dos insumos através de sua taxação, estabeleceriam o valor dos salários e sua periodização mensal. Estrategicamente, obrigaram o plantio de comida e a produção de gado, proibiram o desmatamento e a caça de algumas espécies animais, assim como a pesca com dinamite. Politicamente, promoveram entre os camponeses a organização de Juntas de Ação Comunal, construíram as escolas e centros de saúde de Calamar e Miraflores; praticamente assumiram as funções de um Estado paralelo.

Enquanto as FARC política e militarmente avançavam para El Retorno e para San Jose del Guaviare, uma queda geral nos preços do quilo de pasta-base em toda a região terminava com a gloriosa bonança de 1983. Uma superprodução da mercadoria, tanto na região como em outras partes da Colômbia, fez despencar a rentabilidade do produto e, desta maneira, uma nova crise econômica se assentou na região.

A crise de superprodução, efeito em boa parte da tolerância calculada do governo, se traduz em emigração. Os colonos novos, quer dizer, chegados ou trazidos pela bonança, sobre tudo aqueles que não pertenciam às clientelas dos narcotraficantes e que eram plantadores independentes, foram os primeiros a abandonar o Guaviare e regressar a seu ponto social e geográfico. Com o aprofundamento da bancarrota os grandes narcotraficantes se retiraram do negócio e seus fiéis, os que ainda estavam vivos, tiveram que fazer o mesmo. Tudo ficou abandonado no campo. Por sua parte o comércio lícito também sofreu as consequências e San Jose entrou tão rapidamente na decadência como tinha sido sua prosperidade. (MOLANO, 1999, p. 72).

Enquanto guerrilheiros e autoridades do Governo nacional assinavam um acordo de paz e a *Unión Patriótica* (UP) procurava se organizar regional e nacionalmente no restante da Colômbia, o conflito entre narcotraficantes e governo se fazia mais difuso e complexo. Em 1984, o Cartel de Medellín assassinou o ministro Jaime Lara Bonilla

(1946-1984) e a resposta do Governo colombiano foi aumentar a repressão sobre os narcotraficantes. A interdição e perseguição dos carregamentos de drogas se intensificaram, o que fez com que a produção de coca no Guaviare se tornasse novamente rentável. Com efeito, os narcotraficantes regressaram, mas encontraram uma nova situação onde as FARC tinham o controle de quase todo o Departamento do Guaviare. A resposta dos barões das drogas teve um caráter duplo, num primeiro momento entenderam que tinham que aceitar as novas condições onde a FARC regulava e taxava todas as operações, mas, em um segundo momento, começaram a organizar seus grupos paramilitares para retomar o controle das regiões produtoras da folha.

Em 1985, entrou em San Jose o grupo paramilitar MAS, com o objetivo de “limpar” a região de comunistas e/ou auxiliares das FARC, assim como retomar o controle sobre as zonas produtoras de pasta de coca. Com o desaparecimento do camponês militante da UP Eduardo Mancera, no mês de março de 1985 (ORTIZ, 2006), se iniciou um novo período de violência política, quando centenas de assassinatos foram realizados e os corpos de “comunistas” tornaram-se fato corriqueiro nas águas do rio Guaviare. Em meio a esta violência morreram prefeitos, deputados, professores e camponeses, sobretudo camponeses com ou sem a complacência das forças militares colombianas.

Com tudo isso, enquanto a guerra se fazia mais crua na cidade, uma mudança “técnica” em andamento transformaria as relações de trabalho nos laboratórios em meio à floresta. O processo técnico da folha até a base de cocaína, que compreendia desde a) a compra dos insumos químicos, b) sua utilização em doses e concentrações com respeito à quantidade de folha coletada, c) a ordem de uso e as normas de segurança de substâncias químicas industriais e d) até a obtenção final do produto, passou do conhecimento absoluto “do químico”¹⁰⁷ para virar parte do conhecimento popular. Diferentes versões sobre esta democratização/popularização são mencionadas, alguns argumentam que foi um camponês experiente que prestou atenção no processo e depois o repetiu com sucesso; outros, que um estudante de Bogotá tinha ensinado aos camponeses de Miraflores e, por fim, que os próprios

¹⁰⁷ O químico era “o homem experiente” para fazer a pasta base, este conhecimento não era manejado pelos camponeses, muitos analfabetos. Os químicos eram personagens muito importantes, eles viajavam de sítio em sítio e de plantio em plantio para vender seus serviços, os produtores e raspachines os esperavam com a folha pronta.

narcotraficantes divulgaram a fórmula para baratear os preços. Desta forma, toda pessoa que plantava os arbustos de coca chegou a entender o processo de produção da folha em sua totalidade. Isto inicialmente melhorou as condições dos camponeses, porque eles mesmos faziam a transformação e podiam comercializar diretamente a mercadoria.

A produção de coca desestimularia todo outro tipo de iniciativa produtiva, posto que nenhuma das atividades tradicionais apresentavam as mesmas condições no que se refere à rentabilidade e à praticidade. Era muito difícil que um camponês deixasse a atividade da coca de lado para produzir, por exemplo, comida ou leite. Nessa época, se começou a falar de desenvolvimento alternativo e começaram a chegar diferentes programas de substituição de plantios, a partir de inúmeras propostas de produção legal, desde plantios de cacau até produção de amido de mandioca, contudo, todas fracassaram. Um camponês qualquer ainda que com o conhecimento técnico para produzir amido da mandioca, não poderia produzir de forma competitiva para pagar os salários que se pagavam aos *raspachines*.

No início da década de 1990, San Jose del Guaviare não tinha investimentos de nenhum tipo, era um território onde o Estado e/ou a empresa privada legal não tinham passado, ou melhor, não tinham deixado nada. A cidade não tinha energia elétrica, não tinha rodovias, sistema de água encanada, rede de esgoto, hospitais e educação.

A indústria da coca resolveu muita coisa, por exemplo, quando alguém ficava doente, a coca gerava o dinheiro para pagar um avião até um bom hospital em Bogotá, muitos filhos de camponeses conseguiram estudar nas universidades e alguns foram até para o exterior. Alguns camponeses que em outras condições não poderiam chegar a ter uma vaca, dedicaram os excedentes ganhos da coca para o estabelecimento de pastos nas terras desmatadas¹⁰⁸, o que fez que o ato de gado na região crescesse consideravelmente. O fato de que os camponeses tentassem se inserir na área da produção de gado, não significava a saída do mundo da coca,

¹⁰⁸ Os solos da região amazônica se caracterizam por seus baixos níveis de matéria orgânica e altos níveis de alumínio, motivo pelo qual apresentam pH baixo e dificuldades para o estabelecimentos da maioria de lavouras convencionais.

simplesmente uma reorganização dos setores produtivos na região, desde que a coca continue dando dinheiro, ela vai continuar sendo plantada. (Entrevista de um dirigente municipal de San Jose, coletado pelo autor, em março de 2008).

Nesta mesma década, os plantios de coca começaram a crescer vertiginosamente na Colômbia e o Guaviare se transformou na região do mundo com maior número de plantios de coca, com aproximadamente 30% da área total. No governo de Ernesto Samper (1994-1998) foi adotada como estratégia nacional para a erradicação dos plantios de coca a pulverização aérea com herbicidas de contato. Desta maneira, o Departamento do Guaviare foi uma das primeiras regiões em que o herbicida Glifosato foi usado de maneira intensiva com o objetivo inicial de terminar com as plantações de coca num período de dois anos¹⁰⁹. O Glifosato, por ser um produto de contato, não-seletivo, atinge toda a vegetação com a qual entra em contato, desta forma destrói igualmente árvores, plantios de coca ou qualquer outro cultivo lícito como os pastos, a mandioca ou o plátano, que normalmente se encontram localizados intercalados com outros plantios. Assim, de uma distância entre 50 e 80 metros sobre o chão, os aviões da polícia jogam doses de 13,5 litros/hectare do herbicida sobre os plantios ocasionando efetivamente a morte dos arbustos, porém, seja pelo vento, pela proximidade das fontes de água, das casas, dos currais das aves ou em alguns casos até pela ação premeditada da polícia, o impacto ambiental desta prática sobre o ecossistema é muito questionado¹¹⁰.

¹⁰⁹ O glifosato começou a ser usado em março de 1994, em San Jose del Guaviare, e as aplicações continuam de forma ininterrupta (11 meses ao ano) durante estes últimos 14 anos e não têm gerado resultado satisfatório em relação à diminuição da quantidade da área plantada.

¹¹⁰ O uso deste tipo de herbicidas é muito questionado por seu impacto sobre os ecossistemas, assim como sobre a saúde humana. Diferentes órgãos ambientais e ONGs se opõem à pulverização, porém, os diferentes governos colombianos em acordo com os EUA continuam pulverizando de forma permanente, amparados por pesquisas feitas por instituições estadunidenses que sustentam que o glifosato não gera problemas na saúde dos seres humanos ou dos animais. Entretanto, um estudo recente sobre peixes, realizado pela Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade Nacional de Colômbia, demonstrou que o glifosato ocasiona efeitos tóxicos do glifosato sobre a enzima acetilcolinesterase presente nos tecidos nervosos de todos os vertebrados. Para maiores informações, ler o artigo publicado em 9 de Março do 2008 no Jornal UNperiodico, p.13.

Todavia, os camponeses e colonos não ficariam como meros expectadores frente às pulverizações aéreas e, em 1994, em diferentes regiões da Colômbia, os camponeses se mobilizaram de forma beligerante. No caso do Guaviare, diferentes Juntas de Ação Comunal rurais dos municípios de Miraflores e de Calamar iniciaram uma mobilização rumo a San Jose pelo caminho que tinha sido construído pela companhia *Rubber* anos atrás. Milhares de camponeses e colonos passaram por El Retorno, onde se juntaram mais camponeses para chegarem, finalmente, ao centro de San Jose, tomando o aeroporto da capital do Departamento, onde se localiza o principal centro de operação da polícia antinarcóticos. Durante um mês, os representantes dos camponeses e do governo negociaram a suspensão das pulverizações, porém o governo estigmatizou novamente a organização camponesa como membros das FARC. Enquanto os camponeses reivindicavam rodovias, reforma agrária, escolas e apoio para verdadeiros planos de substituição de cultivos, o assassinato das lideranças, já tradicional na região, foi transformado em massacres. Em 1997, um grupo de 200 paramilitares das AUC, transportados por aviões do exército Colombiano desde (Turbo) Antioquia, desembarcaram no aeroporto de San Jose del Guaviare. Por terra e por rio, os destacamentos de paramilitares se deslocaram até um pequeno povoado chamado de Mapiripán (Meta) e, entre os dias 15 e 20 de julho, torturaram os moradores, estupraram mulheres e crianças e assassinaram barbaramente 49 camponeses, cuja maioria teve seus membros amputados e jogados no rio, enquanto o exército colombiano cuidava do entorno de Mapiripán. Este ato selvagem consolidou a presença do Bloco Centauros das AUC na região, sob o comando do narcotraficante Miguel Arroyave e desde essa época os paramilitares passaram a controlar uma importante parte do Guaviare¹¹¹, principalmente as zonas urbanas e uma grande parte das regiões rurais.

Desde a época em que Arroyave controlava a região, se fala de mais de 1.000 desaparecidos, do deslocamento de milhares e milhares de

¹¹¹ Os paramilitares já tinham presença na região por meio de pequenos grupos pagos pelos narcotraficantes e produtores de gado, porém, somente na década de 1990 que se organizaram nas AUC, iniciando uma ofensiva nacional contra todos os movimentos armados e não-armados de caráter popular e democráticos. Miguel Arroyave foi assassinado em 2004 por seus próprios homens e substituído por Pedro Oliverio Guerrero Castillo, aliás, “cuchillo”, outro temido narcotraficante.

camponeses, sobre tudo de um caminho rural conhecido como a Ganadera, da constante extorsão de todo tipo de atividade econômica, e de milhares de mortes, que não aparecem nas estatísticas da Medicina Legal, simplesmente porque não chegaram a Medicina Legal, tudo isso tem sido no marco em uma das regiões mais conflituosas do país. (Entrevista com um dirigente municipal de San Jose. coletada pelo autor em março de 2008).

Durante o Governo de Andres Pastrana (1998-2002), iniciou-se um processo de negociação com as FARC na *zona de distensão*, com apoio do Governo dos EUA, chamado de Plano Colômbia. Neste período, o Bloco Centauros, no norte do Guaviare e em parte do sul do Departamento de Meta, estabeleceram sofisticados laboratórios, onde conseguiam transformar a folha de coca em sua totalidade até obter pasta base e, por fim, o cloridrato de cocaína em suas formas mais puras, com excelente qualidade para exportação. Controlaram todo o transporte dos insumos químicos para o processamento da coca, se apropriaram de importantes terras ao longo do rio Guayabero e de importantes fazendas produtoras de gado, controlaram a política da região¹¹², determinaram quem podia e quem não podia participar das eleições, assim como definiram em quem a população deveria votar. No final dos anos de 1990, finalmente chegou energia elétrica e foi construída a ponte que comunica o Guaviare com o Departamento de Meta.

Depois dos atentados às Torres Gêmeas, em Nova Iorque, em 11 de setembro de 2001, a estratégia internacional dos EUA foi chamada de “Guerra ao Terrorismo”. Importantes setores das classes dominantes colombianas chegaram, por fim, à unidade em torno de um candidato a presidente, convertendo o discurso da guerra no carro-chefe de sua

¹¹² Atualmente, o governador do Departamento do Guaviare, Óscar López Cadavid, que já foi eleito por 3 vezes à Câmara de Representantes, é investigado por seus vínculos com o chefe paramilitar Miguel Arroyave e agora com seu sucessor “Cuchillo”. Para maiores informações, consultar o artigo publicado na revista SEMANA “Parapolítica a la llanera”, do dia 24 de março de 2008. O senhor Lopez é um dos maiores latifundiários do Guaviare e do sul do Departamento de Meta e possui vários hectares plantados com palmeira africana no Departamento de Casanare, assim como é o dono de uma parte importante do comércio em San Jose do Guaviare; também é afiliado ao Partido Conservador de Colômbia.

campanha. A mídia converteu a “subversão” no centro de todos os históricos problemas pelos quais passava a Colômbia e se existiu algum desejo sincero de negociação entre o governo e os grupos guerrilheiros, este ficou nas prateleiras do esquecimento.

Quando terminou o governo de Pastrana, o Guaviare já era um dos epicentros do Plano Colômbia. Na parte urbana de San Jose e de El Retorno, os paramilitares tinham conseguido se estabelecer e a presença da polícia e do exército se tornava cada vez maior. A estratégia para ganhar da guerrilha seus territórios continuou, foi intensificada, e se tornou cada vez mais violenta. O deslocamento direto ou indireto de camponeses das zonas rurais por meio da violência sobre o princípio de “tirar a água do peixe” seria efetivado, pretendendo-se, desta forma, debilitar as rotas de trânsito e de abastecimento das FARC.

No ano de 2003, um acordo de desmobilização entre as AUC e o governo de Álvaro Uribe (2002–2010) foi assinado, desta maneira, os diferentes grupos de paramilitares organizados nas AUC deixariam as armas amparados na polêmica Lei de Justiça e Paz. O Bloco Centauros, com presença numa extensa região dos Llanos Orientais e do Guaviare, teve disputas internas e terminou se dividindo¹¹³ em diferentes facções, dentre as quais uma não se desmobilizou e opera militar e politicamente com muita presença na região. Esta última facção passou a se autodenominar Exército Revolucionário Popular Anticomunista de Colômbia (ERPAC), passando a controlar todos os negócios do finado Arroyabe.

No mesmo ano, o Governo iniciou a maior estratégia militar da história de Colômbia feita contra as FARC, conhecida como *Plano Patriota*, a qual deslocou para o Guaviare a denominada *Força Tarefa Conjunta*¹¹⁴, formada por mais de 17.000 soldados, dos quais 12.000 se concentram no batalhão Joaquín París, localizado em San Jose, e o restante no recentemente inaugurado Batalhão Luis Carlos Camacho

¹¹³ No organograma das Autodefesas Unidas de Colômbia (AUC), cada bloco possui um Estado Maior que coordena os diferentes grupos de paramilitares. O bloco Centauros dirigido por Miguel Arroyave possuía três grupos: O grupo localizado em San Martin (Meta), dirigido por Manuel Jesus Pirabán “Pirata”; o segundo grupo operava nos municípios de Medina e Paratebueno (Cundinamarca), dirigido por “El Pollo”; e finalmente o grupo dirigido por “cuchillo” que opera no norte do Departamento do Guaviare. Os dois primeiros grupos se desmobilizaram e o terceiro permanece operando e controla a maior parte do tráfico na região.

¹¹⁴ Força Tarefa Conjunta centraliza militarmente as 3 forças do Exército da Colômbia (força armada, força naval e força aérea) sobre comando unificado.

Leyva, localizado em Calamar. Várias equipes e aviões da polícia nacional das equipes de antinarcóticos e um número não informado de assessores do exército estadunidense colaboram direta ou indiretamente com o Plano Colômbia e com o Plano Patriota nas florestas amazônicas colombianas.

Nos centros urbanos de San Jose, El Retorno e Calamar, o governo de Uribe tem intensificado as estratégias de controle social cívico-militares, dentre as quais se realiza atualmente um censo geral da população, que procura identificar quem, como e onde moram os povoadores do Departamento. Assim sendo, toda pessoa que entra e/ou sai da região deve estar devidamente identificada ante os órgãos do governo, todo aquele que não pode ser identificado estará associado com os grupos das guerrilhas. O governo colombiano também pretende fortalecer ainda mais sua presença sobre o território através das diferentes instituições públicas que abrangem diferentes áreas desde a educação à saúde.

O SENA¹¹⁵ chega com diferentes projetos de formação de cooperativas, por parte do Ministério de Fazenda e Moradia vêm os projetos de desenvolvimento de infraestrutura, o Ministério de Educação chega para os colégios, o da Proteção Social com o plano subsidiado a saúde, o SISBEN¹¹⁶. No total são 14 instituições presentes na cidade. Como município piloto de erradicação da pobreza, a gente tem quatro anos para desenvolver este projeto, iniciamos com 1.200 *famílias em ação*¹¹⁷, por isso se vê as filas de gente e a desordem no Banco Agrário. (Entrevista com Pedro Arenas, prefeito de San Jose, coletada pelo autor em março de 2008).

O mundo observaria ao vivo, em 2008, como no sul do Guaviare (Calamar), as tropas do exército colombiano libertavam, em operativo

¹¹⁵ SENA: Serviço Nacional de Aprendizagem, instituição nacional e pública cujo objetivo principal é a formação de mão-de-obra qualificada.

¹¹⁶ O SISBEM é o sistema de identificação de potenciais beneficiários de programas sociais desenvolvido pelo governo colombiano com o objetivo de sistematizar de uma forma quantitativa os beneficiários dos programas sociais que oferta o Estado.

¹¹⁷ *Famílias em Acción* é um programa do Governo colombiano para incentivar a que não se plantem cultivos ilícitos. Desta forma, algumas famílias identificadas são “beneficiadas” com um salário mínimo, de caráter temporal, na medida em que desistam de plantar coca em suas veredas.

confuso¹¹⁸, 15 reféns que estavam em poder das FARC, entre os quais se encontravam três assessores estadunidenses e a senhora Ingrid Betancourt. Este triunfo do governo de Uribe, junto à morte de Raul Reyes (1948-2008), no Equador, e a morte ou captura de outros importantes chefes guerrilheiros, têm sido os mais importantes golpes dados na história às estruturas das FARC.

De um pequeno morro que atravessamos pela rodovia, que nos levava para a Serrania da *Lindosa*, tivemos a possibilidade de observar na paisagem o batalhão do exército em San Jose. A imagem não deixou de nos lembrar uma cena de algum filme sobre o Vietnã, pois havia 16 helicópteros de guerra organizados sobre um plano aberto junto a centenas de soldados organizados em rigorosos retângulos. O dia estava bonito e era uma sexta-feira santa, por isso todos os soldados e os helicópteros estavam na base. Nas sextas-feiras santas ninguém mata na Colômbia porque é pecado.

3.3 A GEOGRAFIA DA COCA

Em condição de colonos chegaram à floresta amazônica centenas de homens sem nada mais que seus corpos, em procura de uma oportunidade para reproduzir suas vidas e as de suas famílias sobre a terra que lhes tinham sido prometida: “a terra para trabalhar”. Confrontaram-se com um primeiro processo de domesticação daquela estranha e muitas vezes cruel natureza. O processo iniciou pelo desmatamento com machado e facão durante dias e meses, seguido pela queima dos resíduos de raízes de árvores e arbustos para a limpeza do solo, pela demarcação e organização do território com plantios de subsistência (primeiro a mandioca e *platano*, depois alguns frutais e, nas terras mais férteis e que já estavam moles, o arroz). A caça e a pesca dariam o sustento diário. Com o passar do tempo se construíram os currais para porcos, o galinheiro nos lugares altos onde os ovos não podem ser alcançados pelas raposas e demais bichos do mato. Finalmente, com os ganhos de algumas peles de tigre ou uma boa pescaria, se faria a construção de uma casa permanente com teto de zinco e uma cozinha com fogão a lenha, assim, em poucos anos,

¹¹⁸ Enquanto o governo de Uribe mostrava-se operativo em nível nacional e internacional, com um triunfo militar - a “Operação Jaque” -, as FARC argumentaram que o comandante de sua “Frente Primeiro”, conhecido por “Cesar”, se entregou junto com 15 reféns que tinha sob sua responsabilidade em troca de 20 milhões de dólares.

deixariam para trás a vida de colono e viraram camponeses com propriedades ao lado de outros camponeses com propriedade, em uma nova terra ao sul do rio Guaviare.

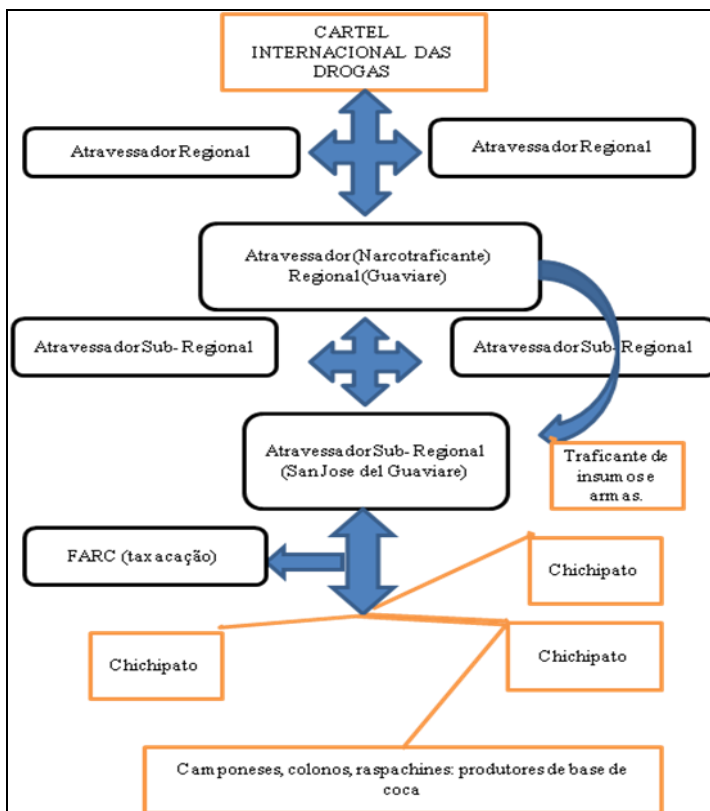
Em 1973, quando as sementes das plantas de coca começaram a se espalhar nos sítios aos redores aos povoados, dos 4 municípios que conformam o Departamento do Guaviare, sua população total não alcançava os 15.000 habitantes, composta principalmente pelos indígenas Guayaberos (que tinham se salvado da época da borracha) e recém estabelecidos camponeses vindos de todas as regiões andinas e interandinas de Colômbia. A coca começou a ser plantada sem muita técnica, em qualquer canto de qualquer sítio, como se fosse um segredo mal guardado que saudou a luz pública quando os preços de um quilo de pasta básica, entre 1979 e 1983, alcançaram as cifras exorbitantes de 1.200.000 pesos¹¹⁹. Os camponeses que tinham cultivos já em produção enriqueceram rapidamente, tanto pela venda da folha e da pasta básica, como pela venda dos estolões, dos insumos e finalmente pela assessoria técnica que vendiam àqueles camponeses que se entusiasmaram pelos lucros obtidos com os plantios de coca. As poucas vacas que existiam bem como as terras se converteram em moeda de troca para os negócios e muitos camponeses venderam ou penhoraram suas propriedades com os narcotraficantes para obter o capital inicial para seus próprios plantios. Desta forma, o processo especulativo causado pela grande quantidade de dinheiro em circulação criou uma grande inflação local e, logicamente, um dinâmico mercado de terras e mercadorias, que terminou em 1984, quando os preços do quilo de coca chegaram a estar abaixo dos 100.000 pesos (ARCILA, 1997). Os camponeses em quebra tiveram que entregar suas terras para pagar suas dívidas, fato que favoreceu a concentração da propriedade rural nas mãos de uma nova classe de camponeses ricos e dos narcotraficantes que operavam desde o centro do país. Assim, a paisagem baseada nos pequenos sítios e unidades familiares camponesas dos primeiros dias da colonização, especialmente das zonas que ficavam mais perto do rio Guayabero, do rio Guaviare e da via de terra construída décadas atrás pela companhia *Rubber*, foram se transformando em grandes latifúndios com plantios de pastos para criação e engorda de gado, que mais do que uma atividade econômica com fins econômicos, serviu como principal forma para lavar os ativos produzidos pelo dinheiro do tráfico.

¹¹⁹ Para 1983 um salário mínimo mensal estava em 9,261 pesos colombianos constantes, um agricultor com a coleta de 5 hectares processando um quilo de base cada 4 meses podia ganhar 1,200,000, era quase como se ganhar a loteria.

A entrada dos cultivos ilícitos no território do Guaviare, neste primeiro período, significou uma mudança radical nas formas pelas quais os homens reproduziam social e biologicamente suas vidas. Por um lado, foi instaurado o assalariamento como relação fundamental entre os narcotraficantes e os *raspachines* e, por outro lado, os pequenos camponeses e colonos como atores que ainda possuíam terra foram levados pela própria dinâmica do negócio a se autoexplorar com o propósito de poupar dinheiro no menor tempo possível e assim tentar transitar para a produção de gado ou sair da região. Nestas condições de ilegalidade, os narcotraficantes possuíam o monopólio sobre a compra da mercadoria e sobre os insumos químicos necessários para o processamento da pasta de coca, fato que lhes permitiram elevar seus lucros o quanto quisessem e a instauração de uma normatividade laboral que legitimavam militarmente pelo controle das armas.

Assim, junto com os velhos e novos colonos, os cultivos de coca se deslocariam das zonas que rodeavam a região urbana de San Jose para se espalhar pelo restante do território que ainda não tinha sido penetrado, chegando a muitas regiões onde as FARC estavam estabelecidas de forma militar e política. Quando acontecem os primeiros encontros entre os guerrilheiros e a economia da coca, a primeira reação desta organização foi tentar proibir os plantios e punir aos camponeses que se envolviam com esta atividade. Entretanto, a dinâmica dos cultivos ilícitos ofertava uma oportunidade única para que estes trabalhadores e camponeses melhorassem suas condições de vida e muitas famílias preferiam sair das zonas guerrilheiras para se deslocar até as regiões onde o plantio era permitido.

Surge, desse modo, uma grande dicotomia no interior desta organização armada: proibir os plantios e correr o risco de perder uma parte importante de sua base política ou iniciar um confronto militar pelo controle da produção e circulação da mercadoria na região. Como a história nos ensina, o debate foi resolvido pela segunda via. Quando os guerrilheiros avançam para o leste beirando o rio Guayabero e o rio Guaviare, encontraram uma região empobrecida e anarquizada sem a presença da lendária e pomposa bonança cocalera de 1980; os narcotraficantes saem e os guerrilheiros chegam para ficar.



Quadro 2: Organograma da produção e circulação da base de cocaína.
Fonte: Autor com base em Arcila (2008).

Uma vez que o grupo guerrilheiro estabeleceu o controle militar, procurou estabelecer uma série de leis que lhe permitiram ascender e ganhar a simpatia entre os moradores, desta maneira estabeleceram os preços da mão de obra, nivelando os salários¹²⁰ para os *raspachines* e proibindo uma série de práticas comuns exercidas por parte dos traficantes, por exemplo, o pagamento mensal ou diário com base de coca e toda prática de endividamento e usura, ou seja, proibia-se a penhora das terras, a especulação com os preços dos insumos (permanganato e ácido sulfúrico), o trabalho infantil e se promovia e/ou se obrigava o estabelecimento de plantios para alimentação, a criação e a

¹²⁰ Nos plantios de coca, os trabalhadores são pagos pelo número de arrobas de folha que coletam por jornada diária.

engorda de gado em todas as famílias com propriedade. E, finalmente, se proibiu, sob pena de fuzilamento, o roubo e o assassinato por problemas pessoais ou econômicos, assim como o consumo de maconha e cocaína. Porém, a medida que mais incomodou os narcotraficantes foi o cobrança de um imposto de 10% no preço dos volumes de pasta de coca comercializados na região.

Este imposto representou para a guerrilha uma mudança radical na quantidade de ingressos econômicos que circulava dentro de sua estrutura, possibilitando o aumento de sua capacidade de recrutamento de homens, seu armamento e sua capacidade de expansão, porém, criou todo um debate sobre a legitimidade deste tipo de financiamento tanto nos setores de esquerda como nos setores conservadores em nível nacional e internacional. (FERRO, 2000). Assim, enquanto para as guerrilhas o controle exercido sobre os plantios de coca e sobre alguns laboratórios significava o controle revolucionário sobre mais um “meio de produção”, para os governos colombiano e estadunidense, representava uma clara e direta ligação com o tráfico internacional de drogas.

Por ser uma atividade ilegal, tanto os plantios como os laboratórios tinham que ser perseguidos e destruídos pela polícia nacional e pelo exército, porém, até a assinatura do Plano Colômbia, a capacidade logística e bélica destas instituições de atingir e destruir os plantios e os laboratórios era ínfima. Neste período, os esforços dos governos dos EUA e da Colômbia aparentemente se concentravam em atingir as poderosas estruturas de organizações como o Cartel Medellín e de Cali, entretanto, seria um fato comum que muitos membros de instituições como a polícia e o exército terminassem ou fazendo parte das estruturas dos cartéis ou simplesmente integrando parte da longa cadeia de subornos e de corrupção que viabilizava e mobilizava a cocaína pelas rodovias e aeroportos do mundo.

Ante os problemas de abastecimento de matéria-prima proveniente do Peru e da Bolívia, na década de 1990, os narcotraficantes se viram na necessidade de incentivar o incremento das áreas plantadas com coca no território colombiano. Para prevenir a experiência com as FARC e com o ELN, os barões do tráfico decidiram avançar para novos territórios, plantando e estabelecendo o controle da produção através de seus grupos paramilitares. Nas regiões estratégicas que tinham perdido para a guerrilha uma década atrás, a ordem dos traficantes foi retomar, através do terror, o controle destes territórios. Assim, iniciou-se na Colômbia um período obscuro, uma confusa mistura e/ou aliança entre Estado, membros das forças públicas, narcotraficantes e/ou grupos

paramilitares que se organizavam para confrontar a “subversão”, iniciando neste país, já esgotado pela violência, outra trágica diáspora de morte e tristeza.

Como militarmente era difícil atingir as guerrilhas, a estratégia desenhada consistia em atingir a população das regiões onde estas tinham algum tipo de presença ou base política. Desta forma, centenas de massacres começaram a ser realizados, acompanhados de um programa sistemático de deslocamento forçado. Dependendo da importância do território, os traficantes chegaram a organizar repovoamentos com as famílias dos paramilitares para garantir sua presença sobre determinadas regiões.

A segunda metade da década de 1990 se caracteriza pela duplicação das áreas plantadas nas regiões já tradicionais e pelo espraiamento do plantio para outros Departamentos colombianos com as condições ecológicas necessárias. Ante esta situação, os governos dos EUA e da Colômbia estabeleceram um programa de erradicação dos arbustos, baseado na pulverização aérea com herbicidas de contato¹²¹. A política antidrogas dos EUA sustenta-se sobre o pressuposto da existência de uma relação direta entre os diferentes atores que participam na produção, distribuição e consumo da cocaína, e, por consequência, as autoridades sustentam que na medida em que os plantios de coca forem destruídos pelas pulverizações aéreas, menos

¹²¹ A estratégia da polícia colombiana, encarregada dos programas de erradicação de plantios ilícitos, tem os seguintes passos: identificação dos plantios por meio de imagens de satélite, desde o ano 2000, verificação da existência dos mesmos por meio de vôos e realização de fotografias aéreas (uma vez identificadas as regiões são programados os vôos dos aviões que pulverizam a coca com glifosato). Antes da pulverização, normalmente um helicóptero armado verifica a segurança da zona para evitar disparos da terra às aeronaves e, uma vez feito o controle militar, um avião pulveriza os plantios em doses de 10 ou 12 litros/hectare e regressa à base antinarcóticos. Em algumas ocasiões, o helicóptero fica por um período mais longo para evitar que os camponeses lavem as matas e tirem o herbicida antes que penetre pelo sistema vascular das plantas. A limpeza da mata (do veneno ou o herbicida) é feita pelos camponeses de duas maneiras: a primeira consiste em “soquear” as plantas, que basicamente é fazer um corte no galo central de maneira que o glifosato não consiga chegar à raiz; esta prática apresenta dificuldades porque o plantio somente entra de novo em produção aos 4 meses depois da soqueada, mas garante que o plantio permaneça. A segunda prática é uma pulverização com uma solução de água com melão e cal, com o objetivo de inibir a atividade do glifosato sobre a folhagem dos arbustos; com esta prática o plantio pode entrar de novo em menos de 1 mês para safra.

matéria-prima existirá para a fabricação da cocaína, gerando uma dupla consequência sobre a mercadoria, um aumento no preço final e perda da qualidade¹²², o que desestimularia seu consumo.

As pulverizações inicialmente atingiram os plantios maiores e mais facilmente identificáveis, que nessa época chegariam a cerca de 50 hectares, porém, uma vez eliminadas as plantações chamadas de industriais, a polícia colombiana se concentraria nos sítios dos camponeses e colonos onde os plantios de coca se misturavam com outros tipos de atividades agropecuárias. No Guaviare, os camponeses tentaram reagir por meio de mobilizações e de protestos solicitando ao governo que lhes fosse permitido plantar uma média de três hectares por família, a exemplo do que acontecia em outras partes de América do Sul, porém, como não existe algum tipo de consumo tradicional ou cultural que justifique este argumento e a maioria é vista como auxiliadora da guerrilha, não existia a menor possibilidade de os governos dos EUA e da Colômbia aceitarem este tipo de negociação.

Assim sendo, os camponeses foram obrigados a se deslocar ainda mais para o interior das florestas, tirando os plantios de suas propriedades e levando os estolões de coca para regiões ainda mais distantes, desmatando pequenos claros à maneira de chagras indígenas e estabelecendo plantios menores (que variam de 0,2 a 0,6 hectares), os quais dificultariam tanto a detecção aérea como a pulverização por parte das autoridades. Para os pequenos produtores, isto representou uma elevação nos custos de produção, por conseguinte, uma diminuição dos lucros obtidos por unidade plantada, pois os preços da mão de obra dos *raspachines* e dos insumos aumentam devido aos deslocamentos que têm que fazer por terra¹²³ até os plantios e os laboratórios.

Com a chegada do novo século, a intensificação do conflito passa a se tornar mais complexa, especialmente durante o atual governo do presidente Uribe. Os guerrilheiros procuram se manter territorialmente, evitando a entrada dos paramilitares e do exército colombiano em territórios estratégicos que representam sua base política, porém a arremetida do exército colombiano através do Plano Patriota é tão grande que territórios sobre os quais eles tinham total controle se

¹²² Qualidade se refere ao grau de pureza, ou ao conteúdo de alcalóide em um gramo de mercadoria.

¹²³ Como os plantios e laboratórios passaram a se localizar em regiões cada vez mais afastadas, os produtores constróem caminhos em meio à floresta, pelos quais somente passam os trabalhadores. Desta maneira o transporte das diferentes mercadorias e insumos é feito através deles.

convertem em zonas de disputa permanente entre os diferentes atores armados.

Militarmente, os grupos guerrilheiros deixaram de ter presença permanente em várias Veredas da região, recuando para as zonas mais isoladas dentro da floresta para salvaguardar suas forças das incursões do exército colombiano, assim sua presença em muitas zonas passou pelo que se poderia denominar de um regresso às velhas práticas do manual de “guerra de guerrilhas”. E em muitas regiões as Frentes da guerrilha diante da dificuldade de controlar fisicamente uma região passaram¹²⁴ de taxar as transações de cocaína a coletar a produção dos camponeses para negociar diretamente com os narcotraficantes, o que em outras palavras significou que assumiram a função de intermediadores entre os camponeses e os narcotraficantes tirando os *chichipatos* fora do negocio. Por sua vez, os paramilitares comandados por “Cuchillo” avançaram na medida do possível retomando os territórios deixados pelas FARC, deslocando seus habitantes, apropriando-se de fazendas e terras estratégicas e finalmente retomando o controle sobre a produção de coca e de cocaína, quase que com o monopólio na região.

¹²⁴ Algumas Frentes das FARC passaram a comprar a base de coca dos camponeses com vales – pagares, se assemelhando a uma espécie de cheque de banco que eram assinados pelo comandante da Frente. Porém, muitas vezes os guerrilheiros não conseguiam pagar suas dívidas, o que desestimulou (em muitas zonas) os plantios de coca e estimulou a preferência dos camponeses em vender aos grupos paramilitares, os quais pagavam de forma pontual.

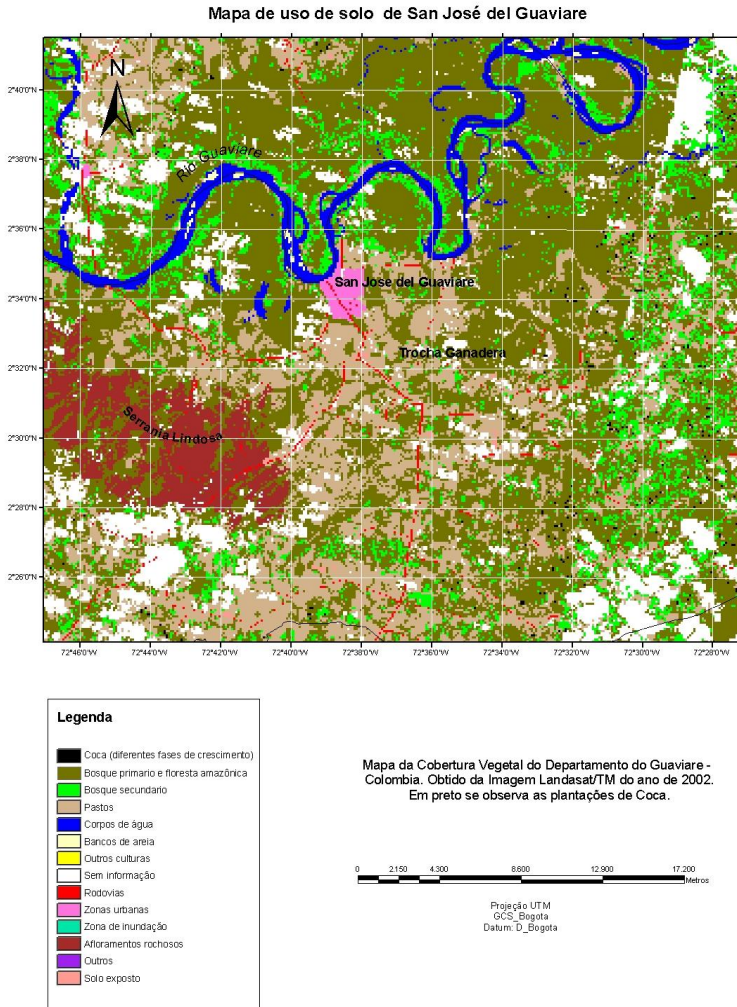


Figura 18: Mapa do uso do solo, San Jose del Guaviare;
Fonte: Autor (2008)

Em meio a este panorama os camponeses resistem a abandonar suas terras e tentam manter suas propriedades livres de coca para não serem mais uma vez perseguidos e deslocados de suas terras,

especialmente nas regiões que historicamente tinham presença das FARC. Embora os camponeses e colonos intentem permanecer economicamente ativos exclusivamente através da produção de gado para carne, ainda um importante número deles permanece vinculado aos plantios de coca, seja como donos ou inclusive trabalhando como *raspachines* nas zonas mais afastadas dos centros urbanos do Guaviare, enquanto a coca continue sendo rentável seguirá sendo plantada e também continuará sendo a única alternativa de emprego na região.

Segundo UNDOC (2008) o número de áreas plantadas com coca no Município de San Jose del Guaviare tem diminuído em 47% se lhes compararmos com a quantidade de área existente no ano 2003, que estava aproximadamente em torno das 6,673 hectares plantadas. Isto significa que ao lado dos deslocados pela guerra e pela violência está se formando um grupo de *ex-raspachines* desempregados nas regiões rurais de San Jose del Guaviare e dos outros 3 Municípios do Departamento. Segundo os próprios habitantes de San Jose, produzir coca já não é a mesma coisa de anos anteriores, hoje os plantios de coca estão sendo deslocados pelos traficantes para outras regiões da Colômbia, onde a situação é muito mais tranquila, ao que parece, ter plantações nas mesmas regiões onde se encontra a guerrilha deixou de ser um bom negócio.

3.4 A GEOGRAFIA DO MEDO

Eram 6 da manhã e o dia acordou quente como sempre, mas sem a tradicional umidade que dá uma sensação de suor permanente na pele de qualquer andino. Eu pernoitava em um dos bairros mais humildes de San Jose, seguramente construído por centenas de deslocados dos mais diferentes pontos do Guaviare. No local há algumas pequenas lojas onde se vende de tudo e há também várias igrejas evangélicas representando suas múltiplas interpretações de Deus; as ruas do bairro não tinham pavimento e a argila vermelha do chão dominava a paisagem. Nas calçadas quase em frente de cada casa existiam árvores, algumas pequenas e outras frondosas, lembrando que em algum momento por ali passou a floresta amazônica. Depois de minha primeira refeição, composta por um cheiroso café preto em água de rapadura e várias fatias fritas de banana da terra, organizamos as coisas necessárias para a viagem que duraria em torno de uma hora e meia de moto para conhecer um plantio de coca e alguns líderes camponeses que ingressaram aos programas do governo para substituição de plantios e de famílias *guardabosques*. Apesar da viagem para conhecer os plantios de coca

estar programada com antecipação, eu não conseguia deixar de lado um sentimento frio de preocupação, que permaneceu por muito tempo como um frio em minha barriga, pois sabia que me dirigia para um dos pontos mais conflituos do Guaviare, com forte presença paramilitar e com entradas espontâneas da guerrilha.



Figura 19: Rodovia San Jose - Calamar

Fonte: Autor (2008).

Foi assim que saímos de San Jose e fomos pela via que vai a Calamar, aquela mesma via que a companhia *Rubber* nunca terminou de construir e que agora está pavimentada e é a principal via por onde se transporta todo tipo de mercadoria e o gado produzido na região, e por onde centenas de soldados saem e entram no batalhão Joaquin Paris, que é praticamente uma das bases estadunidenses no território colombiano. Na metade do caminho, entre os municípios de San Jose e El Retorno, meu colega e eu desviamos por um caminho de terra chamado de “trocha ganadera”, e eu não deixava de pensar que este mesmo caminho foi percorrido nos anos de 1985, 1995 e 1996 por centenas de camponeses organizados se dirigindo a San Jose, protestando contra as incursões da polícia e as pulverizações aéreas com herbicidas, mas, também que, por esta mesma via centenas de camponeses tinham sido assassinados em mais de duas décadas, deixados à beira do caminho como mostra da atuação dos paramilitares que desde os massacres de Mampiripam e Puerto Alvira, em 1997, tinham conseguido aos poucos se estabelecer, expulsando a maioria dos povoadores que eles consideravam comunistas.

Desde que deixamos a rodovia principal, observamos que onde antes existiam propriedades de 50 e 100 hectares, produtos dos programas de colonização, existem, hoje em dia, extensas fazendas com algumas vacas magras que pertencem ao atual governador do Departamento. Finalmente, depois de quase 40 minutos, começamos a encontrar pequenas propriedades rurais que se reconhecem com o olhar pela curta distância entre as casas, quase todas escondidas entre as árvores que as rodeiam. Chegamos, então, a uma nova divisão com dois caminhos, tomamos um deles até chegar ao lugar planejado.

Um pequeno boteco de esquina com uma mesa de sinuca já maltratada pelo tempo, bancos de madeira e mesas de plástico, alguns camponeses tomando cerveja como em qualquer outro dia de feriado. Em poucos minutos chegou o líder dos moradores, se apresentou e me apresentou como engenheiro agrônomo diante dos homens que tomavam cervejas e do dono da loja. Posteriormente, nos dirigiu para sua casa, onde repeti o café da manhã, mais uma bebida de água de rapadura com limão. A casa em que fomos recebidos não tinha nada de diferente comparada com as outras casas da região, a não ser por ficar ao lado de um campo de futebol de terra, com um improvisado cercado, onde estavam reunidos os jovens da Vereda.



Figura 20: Casa de Campones.

Fonte: Autor (2008).

Os meninos jogadores, que tinham idades que oscilavam entre os 13 e 19 anos, trabalhavam como *raspachines* nos plantios que controlam

os paramilitares, enquanto alguns dos homens mais velhos trabalhavam como operários no processamento da folha nos laboratórios. Nos dias de trabalho, a jornada inicia às 3 da manhã, comem alguma coisa em casa e saem para o trabalho com uma marmita e alguns outros implementos para trabalhar na floresta. Os cultivos se encontram localizados há mais de uma hora do local, alguns ficam mais perto, outros mais longe. Os plantios se encontram distribuídos em um vasto território, mas que não supera o raio de 30 quilômetros em torno das moradias, pois dificultaria o deslocamento dos trabalhadores. Os estolões são plantados em diferentes períodos, de 15 em 15 dias para manter a produção de folha o ano inteiro e também para dificultar a identificação dos plantios pela polícia, pois as imagens de satélites não diferenciam um plantio de coca de três meses de um pasto alto, porque a radiação emitida pelos dois é quase idêntica.

O ideal é começar a jornada em torno das 4h30 da manhã, quando os pássaros acordam. Cada *raspachin* se localiza em uma fileira de arbustos pegando as folhas rapidamente com as duas mãos e as depositando em um avental que leva pendurado na cintura. Este, uma vez cheio, retorna-se ao início da fileira onde se enche um saco que tem capacidade para quatro arrobas. E assim, transcorre a jornada de trabalho, que normalmente termina as 10h ou 11h da manhã, dependendo das indicações que o encarregado do plantio tenha e da quantidade de folha que se precise nos laboratórios, mas também pelas temperaturas demasiado altas perto do meio-dia, e pelo alto perigo que um avião do exército ou da polícia possa lhes descobrir e lhes bombardear.

Alguns regressam para casa e outros ajudam a levar a mercadoria para uns pequenos ranchos construídos de forma provisória ao lado dos plantios onde se realiza a primeira parte do processo de transformação. Uma vez obtida a pasta-base, este transporte é muito mais fácil até os laboratórios mais sofisticados onde se faz o processo de obtenção da cocaína.

Enquanto tomávamos a limonada, uma mulher de languidos olhos azuis e cabelos castanhos, seguramente de origem *boyacence*, e aparentemente a mulher do camponês que nos recebeu, narrou com um pouco de alegria por nossa presença como as coisas estavam tranquilas agora no Guaviare.

Antes por aqui morria muita gente, meu cunhado foi acusado de ajudar os paramilitares e servir de informante. Os guerrilheiros entraram e levaram o

menino, uma semana depois ele apareceu morto aqui perto, os guerrilheiros tinham queimado seu corpo e deixaram uma mensagem para que ninguém ajudasse os soldados ou os paras. Mas, no restante as coisas são tranquilas, por aqui tudo é muito bonito, a gente simplesmente quer trabalhar. (Relato de moradora, coletado pelo autor em março de 2008).

Uma vez tomada a limonada, iniciamos imediatamente nosso caminho rumo ao plantio de coca. Alguns dos deslocados, hoje refugiados na cidade, descreviam como nesta Vereda funcionavam há alguns anos atrás uma das melhores organizadas Juntas de Ação Comunal de todo San Jose, que se caracterizou por melhorar de forma cooperada as terras dos colonos, pela compra de tratores e insumos de forma coletiva, pela constituição de associações de seringa e de gado, e até contavam com uma associação de mulheres para prevenir a violência e os abusos comuns nas famílias.

Em 1998, o exército colombiano começou a entrar na região durante o dia, procurando os guerrilheiros e, por coincidência, de noite entravam os paramilitares. Os paramilitares tinham por lei eliminar todos os “comunistas” da região, que basicamente eram camponeses e colonos organizados. Começavam com ameaças e depois assassinavam uma ou duas famílias para gerar medo nas restantes, normalmente a primeira vítima era o homem da casa, depois preferencialmente o filho mais velho e/ou em idade de trabalhar, já que, para eles, com certeza estavam com a cabeça contaminada com ideias comunistas, não importando se tivesse dez ou quinze anos. Assim, centenas de adultos e crianças foram mortas ou desaparecidas pelos “paras”, muitos corpos terminariam em covas comuns, outros nos rios e, outros, singelamente foram queimados para não serem registrados pelo necrotério da prefeitura.



Figura 21: Danos causados pelas pulverizações com glifosato.

Fonte: Autor (2008).

No caminho, foi possível observar o impacto das pulverizações sobre a floresta, terrível espetáculo que demonstra um dos piores crimes realizados contra o território e contra o povo colombiano, não havendo palavras que possam o descrever. Uma vez que o avião passa pulverizando os pequenos plantios de coca, as árvores que os rodeiam são as primeiras que morrem, depois atinge a vegetação secundária e finalmente os arbustos de coca que não passam de um metro de altura. Os animais, assim como as águas, as pessoas e tudo o que está abaixo do mesmo céu fica danificado. Resta aos camponeses pegar a madeira que serve para carvão ou para cercas e queimar o restante do mato transformando todas as extensões a novos pastos.



Figura 22: Caminho aos Plantios

Fonte: Autor (2008).

Entrando por uma pequena trilha, chegamos finalmente a um plantio de não mais de 400 metros quadrados, onde aproximadamente 300 plantas de coca estavam intercaladas com plantas de banana-da-terra e de goiaba. Este plantio já tinha sobrevivido a uma pulverização aérea, porém, os camponeses argumentam que o glifosato estava estragado esse dia, porque praticamente não teve impacto na coca e nas árvores do entorno. Caminhando uns 300 metros a mais na trilha, chegamos ao meio de um plantio de bananas, onde encontramos um pequeno galpão de madeira e telhas de zinco que tem como função armazenar os insumos e a folha de coca, bem como servir para a realização dos procedimentos para transformar a folha em base. Esta região tem laboratórios para o processamento da base em cocaína, sendo a base coletada pelos *chichipatos* e levada para as fazendas dos paramilitares onde se encontram os laboratórios.



Figura 23: Plantio de coca.

Fonte: Autor (2008).



Figura 24: Barraco para processamento da folha.

Fonte: Autor (2008).

Na volta, ninguém falou quase nada e caminhamos em passo rápido, retornando à casa do líder camponês, nos esperava um sancocho¹²⁵ de galinha. Uma vez terminado o almoço, saímos para conhecer os plantios de alguns frutais amazônicos: abacaxi doce, hortaliças orgânicas e maracujá, além de uma pequena produção de gado melhorado, produzido com algumas técnicas¹²⁶, com pastos e cercados elétricos. Esta experiência é bastante irrisória, qualquer pessoa que conheça um pouco de agricultura e de pecuária entenderá que ela se assemelha às mostras de um museu, pois a maiorias das experiências não passam de singelos ensaios para serem mostrados aos supervisores do governo. Desse modo, algumas sementeiras, algumas plantas mal cuidadas e umas quantas vacas com cerca elétrica de energia solar¹²⁷ permanecerão enquanto continuarem os incentivos do governo para a substituição dos plantios.



Figura 25: Plantios de abacaxi ,como parte dos programas de substituição.
Fonte: Autor (2008).

¹²⁵ Sancocho: sopa de galinha com mandioca e banana-da-terra, muito comum na região.

¹²⁶ O modo como se sustentou anteriormente a produção de gado tem uma importante função: serve primariamente como atividade de lavagem de ativos, sendo usada como meio para legitimar e legalizar o uso da terra improdutiva e/ou ilegal por parte dos grandes latifundiários. Por esta razão, não existe interesse em desenvolver rebanhos de forma técnica visando índices de produtividade.

¹²⁷ O curioso é que as pessoas não têm energia elétrica, mas o gado sim.



Figura 26: Produção de gado, como parte dos programas de substituição.
Fonte: Autor (2008).



Figura 27: Trocha Ganadera.
Fonte: Autor (2008).

Depois de um longo dia de caminhada, chegamos novamente àquela loja com mesa de sinuca tomamos algumas cervejas com os camponeses, mas estávamos em uma região com forte influência dos paramilitares era melhor sair rápido desse lugar. Eu dei um adeus com

um jeito frio, sabia que em pouco tempo estaria de novo em San Jose e no dia seguinte em Bogotá, mas eu não sabia o que exatamente estava deixando atrás; naquele exato momento eu só não queria olhar de novo para trás.

3.5 A GEOGRAFIA DA TRISTEZA

A maior parte do território Guaviarense está organizado constitucionalmente por extensas zonas demarcadas, chamadas de reservas florestais, que têm sido os principais alvos dos programas governamentais de colonização, seguidos pelo estabelecimento de camponeses e, finalmente, pela expansão recente do latifúndio. A outra estrutura territorial importante neste Departamento, que apareceu formalmente durante o século XIX¹²⁸, são os denominados *resguardos*¹²⁹ e as reservas indígenas. Em San Jose do Guaviare, as áreas delimitadas como resguardos ocupam mais de 1 milhão de hectares, principalmente distribuídas entre os grupos que pertencem à etnia Guahibos (Sikuani e Guayabero), cuja existência na área é anterior à chegada dos espanhóis, ao grupo Tukanos, trazidos do sul do Vaupes pela escravidão da borracha nos inícios do século XX, e à comunidade Nukák-Macú, tribo identificada na década de 1960, famosa por sua condição nômade.

¹²⁸ A incorporação destas populações ao restante da economia colombiana foi relativamente retardada por vários condicionantes geográficos e culturais das mesmas comunidades que se caracterizavam por sua ampla dispersão e mobilidade numa extensa área de selva, o que dificultou que fossem escravizados pelos espanhóis e depois esmagados pelos brancos e mestiços. Desta forma, somente no final do século XIX, as classes dominantes de Bogotá começam a enxergar a necessidade de marcar presença geopolítica nestas regiões, interesse que foi fortalecido pela possibilidade de extrair matérias-primas como o látex da seringa e outras matérias-primas; assim, a igreja católica desbravaria o caminho, enquanto as primeiras leis racistas eram assinadas nos escritórios da capital. “Nas três últimas décadas do século XIX, foram promulgadas as leis que procuravam beneficiar os indígenas. Entre elas, a lei 11 de 1874, que orientava aos oficiais do governo e da igreja em San Martín – Meta, a conceder benefícios de ferramentas, comida e roupa e uma terra a onde plantar aos índios que se quiseram reduzir à civilização. De igual maneira, estabelecia que aqueles que não se submetessem a esta anistia, tinham que se localizar na floresta, ao sul do rio Guaviare, e proibia ultrapassar estes limites” (SINCHI, 2007).

¹²⁹ Segundo o artigo 329 da Constituição política de Colômbia de 1991, “Os resguardos são propriedade coletiva e não transferível. A delimitação territorial será feita pelo governo nacional com a participação dos representantes das comunidades indígenas. A lei definirá as relações e a coordenação destas entidades com aquelas das quais formem parte”.

Atualmente, se calcula que a população indígena de San Jose seja de cerca de 1.200 habitantes e que se localize em 10 resguardos e um assentamento que quase virou um bairro perto da área urbana. Entre a população indígena sedentária se calcula que 42% são homens maiores de 15 anos, 32% são mulheres maiores de 15 anos e, o restante, 24% são crianças e adolescentes. (PBOT, 2007).

Desde que América é chamada de América, os povos originários têm sido alvo do maior genocídio qualitativo e quantitativo que algum território habitado do mundo já viveu e San José do Guaviare não é uma exceção. Em minha chegada à cidade, foi comum encontrar indígenas mendigando nas ruas e/ou vendendo bijuterias, as crianças e os velhos especialmente condenados pelo desterro ou pela fome, ou pelas duas coisas juntas; os indígenas se juntam aos milhares de deslocados camponeses e aos colonos nos bairros periféricos de San Jose, se convertendo no alvo favorito do obscurantismo das igrejas evangélicas, porque o obscurantismo católico prefere os brancos e mestiços. Não deixa de ser comum escutar relatos dos indígenas de que foram apedrejados quando entraram e pegaram as frutas dos quintais ou pegaram alguma bicicleta na rua sem saber direito para que servia, assim nada mais pedagógico que as pedradas para educar sobre o significado da propriedade privada. Contudo, não existe prática melhor e mais eficiente para destruir as comunidades originárias que o assistencialismo de tipo escravista, cuja prática comum é realizada por famílias “bondosas” que pegam uma criança das comunidades, menina preferivelmente, para ajudar na faxina das casas em troca de roupas, escola e uma oportunidade na vida.

Minha chegada a San José coincidiu com o deslocamento de um grupo de indígenas Guayaberos da reserva de Barrancon. As primeiras informações indicavam que estes tinham sido expulsos da reserva por um grupo armado, assim, em companhia de uma funcionária da prefeitura, tive a oportunidade de viajar até a reserva que ficava perto e de conhecer este grupo de famílias que se assentava no ponto mais próximo possível à cidade, mas ainda dentro da reserva. Neste ponto, a reserva faz fronteira com a base de comunicações do exército colombiano na Vereda Barrancon. Os Guayaberos são, talvez, a etnia indígena mais atingida pelo processo de incorporação do capital, porém, ainda são a maior comunidade nesta região. Entre eles, todavia, é possível encontrar comunidades localizadas a longas distâncias de San Jose, que conservam com maior afinco sua língua e saberes tradicionais, mas, nas reservas indígenas localizadas mais perto das cidades ou dos pontos de colonização, é bem comum encontrar um número

considerável de comunidades desagregadas e esmagadas, incorporadas em diferentes níveis ao restante da economia regional.

Passando pela frente do batalhão entre as torres e as guaritas, atravessando um caminho de terra, chegamos ao ponto indicado, onde as famílias Guayabero se encontravam. À primeira vista se observavam uma dúzia de barracos de madeira ainda em construção, muitas crianças com pouca roupa e quase todas descalças, que ao notar nossa presença se aproximavam com curiosidade, me lembrando a patética cena de alguns filmes sobre a colonização.

A funcionária da prefeitura procurou, entre os adultos, alguns de seus líderes para conhecer os motivos pelos quais eles tinham se deslocado do interior do resguardo para este novo lugar na periferia. Em pouco tempo, um grupo de homens que estava construindo os tetos de alguns barracos nos rodearam falando em seu dialeto com algumas palavras em espanhol. Os motivos dados foram o medo pelos enfrentamentos entre o exército e as FARC dentro do resguardo, assegurando que o comandante da guerrilha tinha dado a ordem de expulsão dos indígenas. Por isto, eles agora estavam se assentando neste novo ponto, desmatando e limpando, usando a madeira para construir suas moradias e tentando plantar mandioca sobre a seca e dura terra.



Figura 28: Indígenas Guayaberos deslocados.

Fonte: Autor (2008).



Figura 29: Indígenas dialogando com os funcionários de Acción Social.

Fonte: Autor (2008).

Em meio à homogênea pobreza da maioria dos indígenas, se observavam ainda algumas tradições como a fabricação de tecidos e de alguns alimentos como a farinha extraída de alguns tipos de mandioca; nos quartos dos barracos, as redes penduradas se misturavam com alguns rádios de pilhas. Em uma das barracas existia uma televisão conectada a uma bateria de carro, em torno da qual se reúnem nas noites para comunitariamente assistir à novela. Entre as inúmeras necessidades destas comunidades, talvez os problemas de saúde das crianças sejam as principais reivindicações dos múltiplos relatos. Segundo informações dadas pela funcionária da prefeitura, os casos de mulheres estupradas por soldados do batalhão são muito comuns e estes não são denunciados. Algumas mulheres indígenas têm relações sexuais com os soldados como uma forma de prostituição por alguns poucos pesos ou até por comida, muitas vezes sem se proteger, razão pela qual a gravidez em menores de 15 anos e as doenças sexualmente transmissíveis são muito comuns.



Figura 30: Preparação da farinha de mandioca.

Fonte: Autor (2008).

Ao terminar nossa visita, a funcionária da prefeitura esclareceu que o motivo destas famílias se mudarem para este novo ponto não era a presença das FARC, pois aquela região se localiza a poucos quilômetros do batalhão do exército, onde a guerrilha já não se encontra. O verdadeiro motivo seria que dessa maneira os indígenas seriam categorizados como “deslocados” e assim podiam ter possibilidade de acessar os programas do governo, que consistem em mercados subsidiados.

No dia seguinte, nos dirigimos a um assentamento da etnia Nukák-Makú, visita que, em especial, despertou minha mais vulgar curiosidade, pois em nível mundial este grupo é famoso por viver em condição seminômade em pleno século XXI, motivo pelo qual nele tem se concentrado diferentes pesquisas de caráter científico. Porém, meu singelo conhecimento sobre o grupo iniciava por ter assistido há alguns anos um documentário feito pela emissora de TV *National Geography*; enfim, minha ignorância era tão grande quanto minha curiosidade. Em nossa chegada aos Guayaberos, novamente se repetiu a triste cena do dia anterior, com a diferença de que nesta ocasião somente fomos recebidos por crianças, pois a maioria dos adultos em bom estado de saúde se encontrava no interior do resguardo.

Diferentemente do grupo anterior, este se compunha por uns trinta membros, quatro adultos, três aparentemente doentes e uma gestante, sendo o restante da população Nukák composta por crianças menores de 12 anos. Na ocasião, vários dos meninos corriam atrás de um pobre papagaio, quase morto, outros brincavam com um boneco de tigre, aquele personagem propagandístico dos sucrilhos da *Kellogg's*.

Calcula-se que a população total dos Nukák-Makú, no início dos anos 1990, ultrapassava os 1.300 membros, dos quais restam somente cerca de 600 se movimentando em um território coberto de selva que abrange mais de 930.000 hectares, de onde os indígenas adquirem os elementos básicos para sua sobrevivência.

Em sua organização sócio-política são distinguidas duas unidades: os grupos domésticos e os grupos locais. Os primeiros estão conformados pelo menos por um matrimônio e podem abranger parentes sozinhos ou viúvos de qualquer dos cônjuges. Estes grupos são unidades de produção e consumo autônomas que vivem em conjunto compartilhando os recursos que cada um consegue, mantendo entre si níveis de reciprocidade que dá estabilidade ao grupo local. Estes últimos grupos funcionam como unidades residenciais cuja população oscila entre 9 e 45 pessoas, e estão conformadas por vários grupos domésticos cujos membros estão aparentados por relações de afinidade e consanguinidade. Cada grupo local tem um território próprio. Até o momento são conhecidos treze grupos locais. (HENAQ, 2007).

Desde a década de 1960, se tem registros de encontros pontuais do povo Nukák com os colonos e camponeses do Guaviare e do Vaupes. O povo Nukák à diferença das outras tribos da região sobrevive caminhando em meio à floresta amazônica, vivendo da caça, das pequenas hortas e da coleta de frutos silvestres, o que necessariamente requer grandes extensões de território. Na medida em que a fronteira agrícola avança dentro dos territórios amazônicos, os encontros com os colonos têm mudado as formas como estes povos tradicionalmente se alimentam, se vestem e, em geral, reproduzem sua existência.

Por exemplo, quando uma criança ficava doente ou algum idoso¹³⁰ não conseguia acompanhar as longas caminhadas em meio à floresta, seu grupo deixava-o perto de alguma fonte de água para que morresse, porém sem sede, de forma a que o grupo em condições sadias para este tipo de vida continuava com seu caminho. Com o encontro com os colonos, diferentes conflitos surgiram. Os Nukák costumavam entrar nas fazendas e nos sítios, pegar os animais ou os frutos plantados e os colonos reagiam, muitas vezes, com violência; as doenças simples de tratar com vacinas, tais como as gripes, passaram a atingir ao povo Nukák, gerando a morte de muitos indivíduos; e, por fim, uma prática bastante comum, foi a preferência dos colonos pelas mulheres Nukák, as quais chegaram a ser quase que caçadas; em algumas Veredas de El retorno e de Calamar são comuns os casais com mulheres desta etnia.



Figura 31: Mulher Nukák

Fonte: Autor (2008).

¹³⁰ Não deixa de ser impressionante que muitos dos considerados idosos não superam os 50 anos de idade, a média de vida dos Nukák é de 40 anos aproximadamente, segundo a funcionária da prefeitura.

Este grupo de crianças e de idosos fazia parte daqueles que antigamente tinham muita possibilidade de serem deixados à beira de algum rio, mas as comunidades Nukák aprenderam a deixar os doentes ou inválidos na periferia de San Jose, de modo que dúzias de crianças e de adultos passam a ser responsabilidade direta da prefeitura ou da perfídia caridade das igrejas evangélicas. Ante a fome e as condições insalubres, muitos simplesmente terminam mendigando ou se prostituindo.



Figura 32: Maria

Fonte: Autor (2008).

Nossa tradutora era Maria, uma menina de olhos negros e profundos, vaidosa mostrando que usava sutiã, sandálias e tinha cabelo cumprido o que a diferenciava das outras adolescentes que ainda permanecem nuas e raspam a cabeça. Com 14 anos, já era mãe de um menino de dois anos, tendo sido engravidada por um colono e cuidada por uma família de San Jose que a adotou junto com seu filho e agora a ajuda nos programas de vacinação e demais atividades da prefeitura que requerem tradutores. Maria ainda não deixa de ser Nukák, apesar do medo de Deus que agora a acompanha, ainda é criança e dava risada da ignorância de minhas perguntas e de meus gestos junto com as outras crianças Nukák. Enquanto falava comigo, olhava para a floresta de seus ancestrais, parecia esperar que eles voltassem, que saíssem do meio da floresta à sua procura e à procura dos que com ela estavam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando relatamos o que sucede na Colômbia em matéria de direitos humanos ou no tocante às causas do conflito, quanto ao narcotráfico ou à bárbara violência dos paramilitares e de membros do Estado colombiano, para muitos é difícil acreditar que esses tipos de coisas ainda aconteçam em pleno século XXI. Quando falamos das ações de subversão e explicitamos nossas posições, estas muitas vezes destroem esse imaginário “dos barbudos românticos descendo das montanhas para salvar o povo indefenso do capital e do imperialismo”, o que gera suspeitas e desilusão a muitos grandes companheiros que conheci neste país. Contudo, neste mesmo sentido, a situação da Colômbia não é muito diferente, pois o povo nas cidades em grande parte ainda está convencido, como em um gigante imaginário coletivo, que a origem de todos os problemas sempre esteve e ainda está na existência da guerrilha. As classes dominantes colombianas estabeleceram o que eles chamam de uma “cruzada patriótica”, que em síntese significa que a solução para Colômbia está na derrota militar da guerrilha e no apaziguamento de todo tipo de organização popular que esteja impedindo a “livre” circulação das mercadorias e/ou atentando contra a propriedade privada. Desta maneira, uma grande dicotomia social foi estabelecida pelas classes dominantes encabeçada pelo atual mandamento “Eu sou o bom pastor; o bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas, quem não está comigo estará contra mim”.

E assim, *de tajo*, as origens da guerra, pobreza, desigualdade, violência, do desemprego, deslocamento forçado ou econômico estão reduzidas à existência de aproximadamente 20.000 homens alçados em armas que compõem os grupos guerrilheiros. Mais de 300.000 homens do exército colombiano, incluindo, além desse contingente, a polícia nacional, os paramilitares, os assessores, mercenários e soldados estadunidenses estão em confronto no país, convencidos de que têm a força suficiente para derrotar as guerrilhas e trazer finalmente a paz do capital. As condições materiais da guerrilha não lhe permitem resistir muito tempo à forte arremetida do Governo, de seus exércitos e do importante papel da mídia, o que mudou a relação de forças na guerra e fez com que a guerrilha fosse obrigada a retroceder até seus ancestrais, refúgios localizados nas selvas de Colômbia ou nas montanhas de várias partes do país. Quando uma região é pacificada na Colômbia, o que também significa ficar sob o poder de uma só organização armada, a natural movimentação do capital renasce, assim como suas contradições fundamentais. Em muitas partes da Colômbia, os camponeses que têm

terra sentem alívio, pois quem gosta da guerra? Sem conflito armado as mercadorias, as batatas, a soja etc., voltam a circular, algo de emprego se gera e temporariamente se poderia levar seus produtos às cidades, de modo que muitos conseguem resolver sua existência. Entretanto, uma vez passado o tempo de bonança ou de acomodação e quando o capital livremente começa a se desenvolver, o tão sonhado emprego, desenvolvimento empresarial, a educação, terra, os serviços de saúde e até a paz, todas essas promessas juntas feitas pelo bom Pastor ainda ficam por serem cumpridas, como falam na Colômbia “será, talvez, em outra vida”.

Muitas perguntas estavam por ser feitas e muitas das existentes não tinham respostas ou, talvez, ninguém queria responder. Desta forma, e/ou por um encontro casual com uma professora brasileira na cidade de Fusagasuga – Cundinamarca, em um congresso de estudantes de agronomia de América Latina, no ano 2006, tivemos conhecimento da existência do IELA e da possibilidade de pesquisar com condições materiais a respeito da Colômbia e América Latina. Assim, iniciamos um singelo projeto que nos trouxe a Florianópolis e à UFSC, à procura “de Marx”, de poder estudar a Marx, do IELA e dos estudos sobre América Latina, de poder fazer um mestrado em Geografia com outras condições materiais diferentes às existentes na Colômbia e, finalmente, de podermos nos fazer perguntas novas e, com sorte, encontrar algumas respostas. Do projeto de pesquisa original resta muito pouco e isso é muito bom; da primeira proposta que simplesmente pretendia demonstrar que as pulverizações eram ineficazes para combater o narcotráfico, terminamos submergindo em um universo teórico apaixonante que é estudar a Marx, Santos, Foster e Aued (este último meu orientador), entre outros grandes pensadores, e confessamos que as leituras da geografia, história e economia abriram ainda mais nosso coração para entender a América Latina até esta terra imensa e verde que é o Brasil.

A parte da pesquisa de campo feita na Colômbia, especificamente em San Jose del Guaviare, foi o resultado de não podermos estudar o Município de Vistahermosa, no Departamento do Meta, pois esta região se encontrava, no momento de minha visita de campo, em meio a fortes confrontos entre o exército e as FARC, entre os paramilitares e as FARC, o que materialmente não permitiu nosso acesso. Assim, decidimos pela região do Guaviare, pois na ocasião estava um pouco mais tranquila e era onde conhecíamos algumas pessoas que poderiam colaborar para que chegássemos a algumas regiões, especialmente as rurais.

Assim, nesta dissertação procuramos apreender as formas pelas quais os homens que habitam a região do Guaviare - Colômbia produzem sua existência biológica e social sobre as condições materiais da produção do presente. Nossa pesquisa partiu do pressuposto básico e empírico de observar como os homens em determinadas relações de produção se produzem e se reproduzem a si mesmos nas práxis diárias que dão vida ao espaço geográfico. Não assumimos o espaço do capital como uma entidade imóvel e eterna, sem início ou fim, caso contrário não entenderíamos o capital como um processo histórico, que em sua própria dinâmica e movimento gera os elementos que lhe reafirmam, os elementos que lhe degeneram e os elementos lhe negam como parte de um mesmo processo dialético. Esses elementos têm se expressado em diferentes níveis e formas desde que a sociedade burguesa começou a tomar conta do mundo, porém, afirmamos que, no momento presente, os elementos da negação, outrora aleatórios, se constituem na principal evidência de nosso tempo objetivada em dois movimentos espaciais diferentes: o primeiro está representado pelos níveis de riqueza material historicamente alcançado e centralizado; e o segundo, nos milhares de homens que são expulsos e rejeitados diariamente do processo de trabalho, passando da condição de fazer parte de um exército de homens de reserva, para se transformar em um contingente de homens expurgados.

Este conglomerado humano desefetivado, que não consegue mais resolver sua vida no espaço mediado pelas relações burguesas, se confronta com uma dupla impossibilidade/dificuldade histórica. Por um lado, sua mão de obra que outrora era uma mercadoria ainda fundamental nos processos de trabalho vira uma desnecessidade nos processos produtivos e se torna ainda mais fútil e insignificante, deslocada e substituída pelo desenvolvimento técnico e tecnológico sob a égide do capital, que se transforma no principal motor da história, a principal força produtiva. Por outro lado, os aspirantes a trabalhadores e pequenos empresários que, pela força do otimismo, ainda procuram se inserir dentro da estrutura da ordem burguesa, dificilmente atingem o nível, respectivamente, de renda e capital mínimo para se manterem dentro e/ou de lado das grandes estruturas centralizadoras do capital.

Desta maneira, nossa pesquisa seria e estaria incompleta se procurássemos singelamente os elementos em que o capital se reafirma degenerativamente, ainda que fosse nosso principal objetivo científico a crítica aos elementos de sua degeneração. Assim, se o espaço mediado pelas relações burguesas já não dá mais conta da vida de um número cada vez maior de seres humanos, os quais não conseguem atingir

sequer a condição de miseráveis (e, no momento presente, como potenciais) mercadorias, afirmamos que estes, por sua parte, não ficam imóveis contemplando a história de suas próprias e alheias desgraças: ou tomam o caminho da mendicidade vitimada ou tomam o caminho da organização e da luta.¹³¹

Os caminhos alternativos, paralelos ou isolados, para os homens reais, as opções de voltar às velhas e/ou utópicas formas de produção estão impossibilitadas através da dinâmica imposta pela base material e pela propriedade privada, as quais, a partir dos territórios onde as forças produtivas estão mais desenvolvidas, vão gradualmente universalizando as formas em que se produz. Assim, os homens do ofício, os homens da manufatura, agora conteúdos nos homens da grande indústria em permanente movimento de auto-superação, na atualidade, são levados pela dinâmica da história e do espaço a negar toda forma da existência material dos homens “individuais” ou “locais”, de modo a explicitar que ninguém mais se produz sozinho, pois a base material, como produto universal da cooperação entre os homens somente pode ser operada da mesma maneira.

Os homens que compõem o exército de desfeitos não têm a esperança de se inserirem dignamente no espaço do capital, sobrando o caminho do confronto com a riqueza e quiçá de se transformar em rachadura do velho e em germe do novo, de ser a gestação dos elementos que advertem materialmente a possibilidade de uma forma superior à estabelecida forma burguesa, de ser possibilidade dos espaços transitórios. Evidentemente isto não é uma previsão do óbito do capital, tampouco responde a uma apreensão determinista que caracteriza o espaço, sua composição e movimento, pela apreensão e abstração de experiências isoladas e locais que na aparência parecem outras formas de produção. Assim, entendemos que todos os territórios, nações e regiões sucumbem à racionalidade do capital, seja pela via da força e/ou da eficiência produtiva, que a geração do espaço mediado pelas relações burguesas vira uma condição comum para todos os homens, ou seja, observamos em qualquer canto da terra a universalidade posta se expressando singularmente.

¹³¹ Desde a ascensão e expansão das formas burguesas de produção no século XVIII os homens têm reagido e lutado em diferentes níveis de consciência e de organização com importantes experiências de tomar o poder político do estado que marcariam a história humana do século XX, ainda que através delas não se conseguissem se livrar do “ethos do mundo do trabalho” sobre as formas burguesas.

Sobre este patamar, a América Latina se expressa como um território incorporado pela dinâmica burguesa, onde os homens constituem seu próprio espaço nas nações e regiões que atualmente a compõem. Neste sentido, o narcotráfico não se apresenta como um desvio, mas como um fenômeno mundial do capital que se expressa singularmente sobre a vida de milhares de homens, seja na produção de maconha no Brasil ou nos cartéis de Sinaloa no México, uma atividade que compreende a produção e a circulação de uma ampla gama de mercadorias dentro das quais se destacam, por seu consumo em nível mundial, a maconha, a cocaína e a heroína. As três são produzidas a partir dos alcalóides extraídos das folhas e flores das espécies *Cannabis sp*, *Erytroxylum sp* e *Papaver sp* respectivamente. Na América Latina são plantadas as três espécies. Países como Paraguai, Brasil e México são importantes produtores de Maconha. Peru e Bolívia são importantes produtores de coca e possuem um significativo consumo nacional, mas também são respectivamente o segundo e terceiro maiores produtores de cocaína.

Vimos que a Colômbia é um caso particular, pois se constitui no principal produtor de cocaína e no segundo produtor de heroína mundialmente, possuindo plantações importantes de maconha para o consumo interno. A cocaína continua sendo o alcalóide mais consumido no mundo, por seus altos preços alcançados nos EUA ou na Europa. A mercadoria é preferencialmente consumida por setores e/ou classes sociais com alta capacidade de compra¹³².

O tráfico de drogas, e em especial o de cocaína, se apresenta como um fenômeno complexo que movimenta direta ou indiretamente incalculáveis quantidades de dinheiro nas esferas produtiva comercial e financeira do capital. Sua condição ilícita, ainda que historicamente temporal, lhe permite se estabelecer como uma das formas de apropriação mais eficientes da mais-valia socialmente produzida no século XXI. Porém, esta apropriação no processo produtivo básico da transformação da folha em cloridrato não é significativa se lhe comparássemos com as apropriações que acontecem na compra dos insumos e na longa cadeia de subornos necessários, que funcionam

¹³² Em contraposição com o que acontece com drogas como a heroína e a morfina, que são consideradas como narcóticas, a cocaína tem a vantagem de ser um estimulante, que segundo os conhecedores, não gera o mesmo nível de dependência das drogas opiáceas, e não gera grandes efeitos depressivos entre seus consumidores. Devido a estas condições o produto penetrou no gosto dos altos círculos sociais dos EUA (ARCILA, 2006).

como tarifas alfandegárias na estimação do preço final, quando a mercadoria chega aos consumidores.

No final da década de 1970, as regiões do Chapare Boliviano, do Valle de Huallanga – Peru –, e do Guaviare – na Colômbia – se caracterizavam por seu relativo isolamento geográfico, onde vastos territórios, que em uma primeira instância serviram de refúgio para centenas de homens que fugiam da miséria, da exclusão ou da guerra, se transformaram em ativos centros econômicos com a chegada do tráfico de drogas. Os camponeses, colonos, migrantes e/ou indígenas que em uma primeira etapa se organizaram de forma cooperada, familiar e/ou tradicional simplesmente para se apropriar do território e sobreviver, passaram, pela via da violência e/ou da eficiência do capital, a estabelecer novas relações sociais entre si: o assalariamento, o aluguel de terras, o pagamento aos capangas e seguranças, aos químicos especializados, aos gastos suntuosos e às prostitutas. Ainda que vivendo por curtos períodos de tempo “bonanças”, desestruturariam as primeiras formas de vida “campequinas” baseadas na auto-subsistência e na cooperação. Assim, o tráfico, nesta primeira instância, serviu como um forte catalisador da incorporação de isolados territórios e elevou o grau de universalização das formas burguesas de produzir o espaço.

Quando os EUA pressionam os governos da América Latina a eliminarem os plantios como parte da estratégia da “guerra contra as drogas”, estes governos literalmente não estão presentes em muitas destas regiões, de forma que ao chegarem pela via militar encontram um complexo leque de relações entre diferentes grupos e organizações politizadas e/ou armadas, algumas com programas partidários voltados para tomar o poder, outras singelamente cuidando dos interesses dos traficantes. Uma temporal e aparente linha fronteira aparece neste primeiro momento; de um lado se estabeleceram os governos da região sobre a influência e pressão direta dos EUA e, de outro, as diferentes organizações politizadas, os narcotraficantes e, logicamente, os camponeses produtores da folha.

No caso da Bolívia, os sindicatos dos antigos mineiros desempregados “adotaram em seu seio as demandas dos colonos cocaleros das regiões do Chapare” (PINTO, 2004, p. 5), o que permitiu a constituição de um processo histórico e revolucionário, que transcendeu a simplória reivindicação de que o governo legalizasse os plantios de coca. Atualmente¹³³, o presidente deste país provém deste processo de

¹³³ Na Bolívia, no Governo de Evo Morales os programas de substituição de plantios atualmente são concertados com as comunidades, a coca está sendo

luta indígena e popular e importantes transformações democráticas na produção e na apropriação da riqueza produzida estão se desenvolvendo.

No Peru, especialmente no Valle de Huallanga, podemos dividir o processo em dois períodos. Um primeiro, caracterizado pelo sangrento conflito vivido nas décadas de 1980 e 1990 entre o Sendero Luminoso e as classes dominantes peruanas encabeçadas pelo governo de Fujimori. E um segundo processo, marcado pela reorganização dos movimentos cocaleros de várias regiões produtoras do Peru como resposta aos programas de erradicação implementados pelo Governo de Toledo (2001-2006) e pelo segundo governo de Garcia (2006-2011).

Nestes dois países, o fato de que a folha de coca seja consumida cotidianamente permitiu que as mobilizações feitas pelos movimentos cocaleros reivindicassem um uso cultural¹³⁴, o que de fato existe, e lhes permitiu diferenciar seus objetivos dos objetivos dos traficantes, os quais se encontravam em declarada guerra contra o governo. Assim, para os cocaleros, a contradição fundamental não foi o uso cultural da folha de coca e sim a de que os plantios representariam, numa primeira etapa, um meio eficiente de garantir sua sobrevivência e, dentro deste processo, o caso das comunidades do Chapare lhes permitiu adquirir maiores níveis organizativos e de politização, ampliando sua “consciência” e se unindo a outros movimentos e organizações sociais em toda a Bolívia. A luta contra a erradicação dos plantios de coca, a luta por moradia, a luta contra a privatização dos recursos naturais e a luta contra a privatização das empresas não são suficientemente compreendidas se singelamente entendidas como lutas nacionais. É importante que sejam concebidas como lutas que recolhem em seu seio um grande contingente de homens em condição de desfeitição frente ao espaço do capital que, nas palavras de Machiavelo (2008) –

industrializada e o objetivo dos líderes cocaleros, parece ser: tirar a base política e econômica dos traficantes. Ainda que este processo não dê certo, tem algo que não volta atrás: estes homens aprenderam a lutar por sua própria reprodução coletivamente, o que quer dizer se fizeram conscientes de seu papel histórico.

¹³⁴ Na Colômbia, o fato de que o consumo tradicional da folha de coca seja quase inexistente, não permitiu a possibilidade do desenvolvimento de movimentos que reivindicaram algum aspecto tradicional que pudesse justificar sua existência, mesmo que seja na aparência, a existência deste tipo de produção. Por exemplo, as experiências vividas entre 1994 e 1996 no sul do país aonde os camponeses produtores se mobilizaram reivindicando ao Estado o fim das pulverizações e um programa para substituição de plantios, a resposta foi uma forte criminalização e o resultado centenas de camponeses assassinados ou deslocados para outras regiões do país.

referindo-se à cidade de El Alto (Bolívia) –, nos servem para ilustrar também o momento vivido no Chapare pelos cocaleros:

Afirmamos que em El Alto se trata de uma luta indígena e de uma luta proletária, luta pela repulsão histórica do capital em relação a estes homens e mulheres.

Num país de desigualdades econômicas tão amplas quanto a Bolívia, o processo de nacionalização dos recursos naturais aparece como eixo central de articulação entre o movimento social alteño e os diferentes movimentos sociais bolivianos (*cocaleros*, MST boliviano, movimento pachakuti entre outros). (MACHIAVELO, 2008, p. 168).

Em nosso caso, a cooperação entre os homens “miseráveis e emigrantes” despertou o “sentido coletivo das massas”, o qual outrora foi apropriado e colocado como universalidade pelo capital, foi transformando-se em negação da própria negação pelas práxis dos cocaleros, primeiro resistindo e cuidando suas próprias vidas, depois avançando levados pela própria dialética da luta. Assim, milhares de homens que como classe cooperavam com outros, passariam a cooperar consigo mesmos, entendendo que a defesa de suas plantações seria uma alternativa real para se reproduzir, ainda que momentaneamente. Porém, também sabendo que isso não seria suficiente, os movimentos cocaleros avançariam junto com outros movimentos rurais e urbanos até conquistar as estruturas do poder executivo e legislativo simbolizadas no Governo de Evo Morales.

Como vimos, a região oriental colombiana comunga com outras regiões da América Latina a forma de inserção dentro dos moldes de produção do mundo burguês. Mas, em especial, se trata dos plantios de coca e da complexa rede de relações que compõem o tráfico de cocaína que se instalaram nestes territórios desenvolvendo as formas pelas quais os homens tradicionalmente se produziam. Numa primeira representação, os camponeses compartilham condições semelhantes para viver, precisavam uns dos outros para os árduos labores necessários para a domesticação da floresta, para fazer as rodovias nas Veredas ou transportar grandes cargas de peixe para serem vendidas, precisavam da cooperação dos vizinhos e dos amigos que moravam mais perto. Nos sítios de cada família, o êxito econômico dependia da força e da habilidade de cada camponês e do número de braços que compunha sua

família, o que – como na maioria dos casos – era insuficiente e implicava que o trabalho fosse compensado pela troca de trabalho com outras famílias, de sítio em sítio e diariamente. Desta forma, os índices demográficos eram muito baixos, não existiam escolas, hospitais ou rodovias, os homens destas regiões se reproduziam biologicamente com eficiência, mas sua reprodução social era extremamente limitada.

Com o advento do narcotráfico e das grandes somas de dinheiro, a relativa igualdade entre os camponeses e moradores do Guaviare começaria a se desfazer, pois as bonanças coqueiras atrairiam milhares de homens expulsos atrás de oportunidade para viver, constituindo uma nova encenação que transformaria as formas em que os povoadores do Guaviare viviam. Os homens da caça, da pesca e dos plantios de subsistência foram substituídos pelos homens do lucro e do salário. Desta maneira, alguns dos habitantes tradicionais, aproveitando a bonança e/ou por esperteza para os negócios, por poupar ao excesso e/ou por estar diretamente relacionados com os traficantes, conseguiriam acumular capital em grandes quantidades e ascender socialmente em pouco tempo, se transformando nos novos homens do lucro. Do outro lado, os homens do salário estariam representados pelos coletores de folha, *raspachines*, pelos capangas e comerciantes, pelas prostitutas e pelos imigrantes de todas as partes do país que chagariam à procura de emprego.

As primeiras relações entre os camponeses e a guerrilha, baseados na familiaridade de um mesmo processo histórico e em uma unidade de classe, mudariam na medida em que o narcotráfico estabelecesse novas relações sociais e resolvesse de maneira eficiente sua subsistência. Para os emergentes comerciantes e latifundiários que se beneficiavam da economia da coca, a guerrilha representaria, em um primeiro momento, um aliado capaz de controlar os abusos da polícia e dos grandes narcotraficantes, assim como controlar todas as atividades econômicas e trazer a ordem jurídica para a região. Porém, com o passar do tempo, a guerrilha se converteria em incômodo vizinho para o livre desenvolvimento de suas atividades. Para os camponeses, a simpatia se manteria na medida em que a guerrilha fosse capaz de regular as atividades salariais e as formas de pagamento por parte dos donos de plantios, laboratórios e comerciantes. O controle militar evitava a existência de uma violência anárquica e permitia uma livre mobilidade das mercadorias na região – na década de 1980, a guerrilha promoveria a organização das juntas rurais de vizinhos em muitas Veredas e conseguiria, através da coalizão partidária da UP, ganhar, via eleições, sete das nove vagas ao Conselho Departamental.

Estas primeiras mudanças demonstrariam que à medida que o capital mediar com mais força a constituição do espaço, novas configurações espaciais se explicitariam entre os homens do Guaviare, e aquelas primeiras diferenças de interesses entre as classes emergentes regionais, os grandes narcotraficantes e as tradicionais classes dominantes colombianas iriam se desmanchando no ar, alcançando maiores graus de unidade e conexão, a guerrilha se transformaria em uma desnecessidade para os “homens do lucro” (os novos e os tradicionais), e assim, as bases de uma configuração complexa do espaço, hoje existente, se conformaria em meio ao aguçamento do conflito armado colombiano.

Os negociantes de coca se confrontam com as guerrilhas por que elas representam uma limitação de seu poder local e de sua acumulação de capital. Neste sentido os primeiros podem chegar a certas formas de cooperação e alianças tácitas com o Estado, posto que a subversão é o inimigo declarado. Mas ao mesmo tempo, o Estado lhes declarou fora da lei, e então podem formar frentes comuns com as guerrilhas para burlar a vigilância do governo. (MOLANO, 1996, p. 134).

Com o aumento das áreas plantadas com coca e sua dispersão por vários Departamentos da Colômbia, os narcotraficantes diversificariam suas fontes de matéria-prima em nível nacional, o que regionalmente afetaria as taxas de lucro e a dinâmica própria dos negócios nas regiões tradicionais produtoras de coca da Colômbia. Com a entrada e consolidação do exército colombiano e das estruturas paramilitares no Guaviare, tanto aquelas pertencentes às AUC como às suas derivações, os narcotraficantes assumiriam sua posição de classe dirigente e passariam a reorganizar a produção de cocaína nos territórios liberados de guerrilha e de seus “simpatizantes”. Desta forma, qualquer tipo de organização social ou movimento camponês passaria a ser considerado alvo do conflito: em mais de 10 anos de presença paramilitar, as organizações formais foram esmagadas e as organizações ainda existentes lutam por se manter clandestinamente para não perderem suas terras e as vidas de seus homens.

Para o governo colombiano, a entrada do exército no Guaviare está baseada e legitimada pela defesa das instituições “democraticamente” constituídas. Através dos diferentes planos

militares pretende-se eliminar as fontes de financiamento da guerrilha provenientes do tráfico de drogas sob a premissa de que isto lhes conduziria diretamente a uma derrota militar ou a um processo de claudicação. Contudo, para os grandes traficantes tanto faz se as mercadorias provêm de territórios das FARC ou de territórios onde seus empregados diretos (“os paramilitares”) se assentam; enquanto a mercadoria continuar fluindo nas quantidades e qualidades necessárias para abastecer e ampliar o mercado da cocaína no mundo, o processo de retroalimentação do financiamento é uma derivação natural.

A configuração do espaço no Guaviare não pode se explicitar sem se entender o papel da guerra em seus diferentes componentes. Para o Estado colombiano, representante das classes dominantes, é urgente reconquistar estes territórios, consolidando o controle sobre as formas burguesas legais e/ou ilegais de reprodução. No espaço do Guaviare, a negação se explicitaria nos processos de centralização dos meios de produção, como a terra e o comércio, sob domínio de um pequeno grupo de famílias que simbolizam uma espécie de burguesia emergente produtora dos dinheiros do narcotráfico, a qual, em clara aliança com as tradicionais classes dominantes colombianas, procuraria limpar qualquer organização que pretenda impedir seu livre desenvolvimento e consolidação. De outro lado, restam os milhares de homens, camponeses e indígenas, que estariam sendo literalmente expulsos dos vínculos sociais burgueses existentes até então, conformando – junto aos já existentes nas cidades, mas sob a mesma condição – um gigantesco exército de homens desfeituados.

A guerra colombiana se apresentaria, sob a presente análise, como o resultado de um complexo número de coalisões que teriam por base uma série de profundas contradições entre as classes sociais historicamente existentes neste país. Assim, o narcotráfico aparece para as classes dominantes colombianas como um “mal necessário”, pois ainda que “eticamente incômodo” lhes permite uma permanente reconfiguração do espaço do capital sem que seu poder sobre os meios de produção seja atingido. O paramilitarismo, o narcotráfico e suas diferentes denominações conformaram uma classe burguesa emergente que, em aliança com as classes dominantes tradicionais, se instalou no seio do Estado Colombiano e tem conseguido avançar sobre as organizações “incômodas” armadas e não-armadas que lhes representam impedimentos para a livre mobilidade de seus capitais. Por outra parte, para as guerrilhas é difícil se desfazer dos laços existentes para com o narcotráfico, primeiro, porque representa uma importante entrada econômica para o financiamento de seus exércitos e, segundo, porque

estrategicamente os territórios que eles não controlam são territórios que serão controlados pelos narcotraficantes e paramilitares, com os quais em muitas regiões se encontram em franca guerra.

Na Colômbia e no Guaviare, os elementos materiais presentes e visíveis da transição estão objetivados em centenas de homens que em seus cotidianos, clandestinos e coletivos processos de luta não desistem da procura de novos caminhos e da criação de novas formas de produção, na constituição de um novo espaço com recuos e avanços no meio da guerra. Milhares de intentos e experiências têm sido criados, fazem parte da história do povo, algumas permanecem se salvaguardando em silêncio e muitas outras foram destruídas. As gerações do presente encontram condições de vida cada vez mais insuportáveis e novas agitações revolucionárias surgem de forma cotidiana em diferentes partes da Colômbia e do mundo, mas, ainda parece não ser suficientes para gerar uma explosão geral que permita subverter as bases do todo existente.

Na Vereda, a liberdade aparece como um fugaz e afastado vento de resistência dos homens que se organizam sobre outros princípios, ainda que dentro da racionalidade burguesa, e que, em meio à guerra, parece que a história resiste a morrer, ainda podendo ser rescrita, como naquela singela metáfora da toupeira que vai trabalhando às vezes sem ser vista, esperando o momento indicado de saltar e mostrar a cabeça, os homens de La Libertad, assim como centenas de colombianos, trabalham com paciência para construir tempos melhores. Nos tempos presentes os homens estão no purgatório, não conseguem mais viver da forma velha, mas ainda não encontraram os caminhos para outras formas, por isso a transitoriedade é seu espaço atual.

REFERÊNCIAS

ALAPE, Arturo. **La paz, la violencia** – testigos de excepción. Bogotá: Planeta, 1985.

ALAPE, Arturo. **Manuel Marulanda, “Tirofijo”, Colombia 40 Años de lucha Guerrillera**. Paris: Ediciones sociales, 1965.

ARCILA, Oscar. **Informe económico de prefactibilidad para la constitución de una zona de reserva campesina (ZRC) en el Departamento de Guaviare**. Borrador, 2006.

ARRIGUI, Giovanni; SILVER Beverly. **Caos e Governabilidade**. No Moderno Sistema Mundial. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

AUED, I.M. Capital e emancipação humana: o ser social. AUED, B. W. (Org.). **Educação para o (des)emprego**. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 109 -132.

AUED, I.M. Marxismo e Geografia. In: **O ensino da geografia no novo milênio**. Chapecó: Argos, 2002.

_____. **Alienação, divisão do trabalho e manufatura em Karl Marx**: ou de como libertar o trabalhador do trabalho. Tese (Pós-doutorado em Sociologia) –Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Araraquara, 2004.

_____. **Alienação, maquinaria e grande indústria moderna em Karl Marx**: ou de como o homem se liberta do trabalhador. Tese (Pós-doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Araraquara, 2005a.

_____. **Transcendência (*aufhebung*), alienação, manufatura e maquinaria em Karl Marx**: ou de como o homem supera sua desumanização e faz-se homem plenamente desenvolvido. Tese (Pós-doutorado em Sociologia) –Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Araraquara, 2005b.

AUED, I.M; ALBUQUERQUE, E.S. O método da desconstituição do capital e a geografia. In: **Terra Livre**. Volume 1, N°.24. São Paulo: Ilt. Histórico, 2005, pp.43-60.

BAGLEY, Bruce. Drug Trafficking, Political Violence And U.S. Policy In Colombia In The 1990s. **Mama Cacao**. Miami, 19 janeiro 2001.

Disponível em:

http://www.mamacoca.org/junio2001/bagley_drugs_and_violence_en.htm. Acesso em: 20 junho 2009.

BELLONE, Amy E. The Cocaine Commodity Chain and Development Paths in Peru and Bolivia. In: KORZENIWIC, Roberto Patrício; SMITH, Willian (Orgs.) **Latin America in the World-Economy**. United States of America:Greenwood Publishing Group, 1996.

BINLFA. Bureau for International Narcotics and Law Enforcement Affairs United. States, Department of State. **International Narcotics Control Strategy Report**. Vol I, 2009. Disponível em <<http://www.state.gov/documents/organization/120054.pdf>>. Acesso em: 24 setembro 2009.

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e Capital monopolista no século XX**. 3ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1987.

BRIGGS, Asa. **The Age Of Improvement 1783 – 1867**. London: Longman, 1979.

CABIESES, H. **Coca-Cocaína: Diferencias Andinas. Medio Ambiente, Cultivos ilícitos y Desarrollo Alternativo** MEMORIAS, Ministerio del Medio Ambiente, 2000.

CABRERA, Linda. **La Concentración De La Tierra En Colombia:** entre la exclusión social y la violencia. Dissertação (Mestrado em Direito), Facultad de *Derecho*, Ciencias Políticas y Sociales, Universidad Nacional de Colombia, 2009.

CACERES, E; *et al*. Coca chewing for exercise: hormonal and metabolic responses of nonhabitual chewers. **Journal of Applied Physiology**, v. 81, n.5, p. 1901-1907, nov 1996. Disponível em: <<http://jap.physiology.org/cgi/content/abstract/81/5/1901> >. Acesso em: 25 agosto 2008

CALVO, Hernando. **El Terrorismo de Estado en Colombia**. Caracas: Editorial el perro y la rana, 2007.

CASTANO, Elmer; *et al.* Análisis Económico del cultivo de la coca. *Erythroxylum coca*, en Colombia. **Revista Ideas Ambientales**, Manizales, n., p.380-391, 2005.

CASTRO, Fidel. **La Paz en Colombia**. Havana: Editora Política, 2008.

CHOLEY, André – Observações sobre alguns pontos de vista geográficos. IBGE, **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 179, março-abril, 1964, p.39-145.

CINEP. **Noche y Niebla, deuda con la humanidad. Paramilitarismo de Estado en Colombia 1988-2003**. Bogotá: CINEP, 2004.

COGGIOLA, O. O comércio de drogas hoje. **Revista O Olho da História**, Salvador, n.4, 2006. Disponível em: <<http://www.oohodahistoria.ufba.br/sumario4.html>>. Acesso em: 19 junho 2008.

CORREA, L. **Região e Organização Espacial**. São Paulo: Editora Ática S.A. Série Princípios, 1986.

DEFENSORIA DEL PUEBLO. **Los cultivos Ilícitos, Política Mundial y realidad en Colombia**. Bogotá, 2000.

DÍAZ, A; SANCHEZ, F. **Geografía de los cultivos ilícitos y conflicto armado en Colombia**. CEDE, Universidad de los Andes: Bogotá, 2004. Disponível em: <<http://economia.uniandes.edu.co/es/content/download/1974/11454/file/D2004-18.pdf>>. Acesso em: 27 novembro 2008.

DÍETZ, E. **Coca Ilegal la Encrucijada Boliviana**, GTZ Bolivia. Medio Ambiente, Cultivos ilícitos y Desarrollo Alternativo MEMORIAS, Ministerio del Medio Ambiente, 2000.

DRUG ENFORCEMENT ADMINISTRATION (DEA), Disponível em: <www.dea.org.us>.

ECHAZÚ, Jorge. **El militarismo boliviano, la anti-historia de Bolivia**. La Paz:Liberación, 1988.

ENGELS, Friedrich. Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico. In **Textos 1- Karl Marx e Friedrich Engels**, São Paulo: Edições Sociais Ltda, 1977.

ENGELS, Friedrich. **Dialética da Natureza**. Rio de Janeiro: Editora Leitura, 1969.

FANDIÑO, Santiago. Los cultivos ilegalizados. Elementos para una revisión bibliográfica. In: **La academia y el sector rural 2**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2004.

FERES JR, João. **A história do conceito de *Latin America* nos Estados Unidos**. Bauru: EDUSC/ANPOCS, 2004, 317p.

FERREIRA, Andre. **Elementos para a crítica do espaço transitório – de 1940 a 2010: análise da reprodução de “Comunistas” e “Sem Terras” no Brasil**. Qualificação de Tese do Curso Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFSC, 2008.

FORERO, Juan. Colombia's Coca Survives U.S plan to uproot. **The New York Times**, Nova York, 19 agosto 2006. Disponível em <<http://www.nytimes.com/2006/08/19/world/americas/19coca.html> >. Acesso em: 15 maio 2008.

FOSTER, John. **Marx's Ecology, Materialism and Nature**. New York: Monthly Review Press, 2000.

GALEANO Eduardo, **Las Venas Abiertas de America Latina**. 11ed. Argentina: Siglo XXI, 1975.

GARCIA LINERA, Alvaro. Los Movimientos Indígenas en Bolivia. In: EZCARZA, F.; GUTIÉRREZ, R (Orgs.). **Movimiento indígena en América Latina: resistencia y proyecto alternativo**. Bolívia: Gobierno Federal/Casa Juan Pablos, BUAP, UNAM y UACM, 2006.

GERMER, C. Economia solidaria: uma critica marxista. In: **Revista Outubro**. São Paulo: Alameda, n.14, p.193-214, 2006.

GONZÁLES *et al.* **Conflictos regionales, Amazonia y Orinoquia.** Bogotá: Iepri/Fescol, 1988.

GRADE, Marlene . **Fórum do Maciço do Morro da Cruz e AGRECO como Espaço Transitório:** Germinando a espacialização de relações solidárias em Santa Catarina. Tese (doutorado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

GRADE, Marlene; AUED, Idaletto M. **Economia Solidária: um caminho para a superação da sociedade capitalista?** Disponível em: <http://www.sep.org.br/artigo/11_GRADE.pdf>. Acesso em: 20 novembro 23009.

GUZMAN, German; FALS, Orlando; UMAÑA Eduardo. **La Violencia en Colombia.** Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 1962.

HARVEY, David. **Espaços de Esperança.** São Paulo: Loyola, 2004.

HEILBRONER, Robert. **A história do Pensamento Econômico.** São Paulo: Nova Cultural, 1996.

HUNT, E.K. **Historia do Pensamento Econômico.** Rio de Janeiro: Editora Campus, 1982.

JARAMILLO, J; MORA, L; CUBIDES, F. **Colonización, coca y Guerrilla.** Bogotá: Alianza Editorial, 1989.

JIFE, Junta Internacional de Fiscalización de Estupefacientes. Informe anual 2008. Disponível em <http://www.unodc.org/pdf/brazil/JIFE/SPANISH.pdf>. Acesso em: 13 abril 2009.

JIMENEZ, Luis. El campo en Colombia: crisis y alternativas de solución. In: **América Latina:** cidade campo e turismo. São Paulo: CLACSO, 2006.

KALMANOVITS, S. La economía del narcotráfico en Colombia. In: Revista **Economía Colombiana**, Bogotá, n. 226-227, p.18-29, fev-mar, 1990.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LENIN, Vladimir. ¿Qué hacer?. **Obras completas**, volume 6. Moscou: Editorial Progreso, 1981.

LEVY, Johana. Coca da Tradição ao Narcotráfico. In: **Le Monde Diplomatique Brasil**. São Paulo, Ano 1, N. 10, maio 2008.

LINS, H. **Geometrias do Embate Social na Bolívia do Século XXI**. Florianópolis. Disponível em: <www.cse.ufsc.br/gecon/textos.htm>. Acesso em 25 março 2009.

MACCHIAVELLO, F. **O espaço transitório na cidade do Alto - Bolívia**. 108f. Dissertação (Mestrado Geografia). Curso de pós-graduação em Geografia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

MACHADO, Absalón. Políticas Agrarias Durante el Gobierno Samper 1994-1998. In **La academia y el sector rural 5**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2004.

MARIÁTEGUI; José C. **Peruanicemos al Perú**. Lima: Amauta, 1970.

MARX, Karl. **Miséria da Filosofia**. Porto, Publicações Escorpião, 1976.

_____. **O Capital: Crítica da Economia Política. Volume I, Livro Primeiro, O Processo de Produção do Capital, Tomo 1**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

_____. **O Capital: Crítica da Economia Política. Volumes I, Livro Primeiro, O Processo de Produção do Capital, Tomo 2**. (Capítulos XIII a XXV) São Paulo: Abril Cultural, 1984.

_____. **Para a crítica da economia política: salário, preço e lucro: o rendimento e suas fontes: a economia vulgar**. São Paulo: Nova Cultura, 1986.

_____. **O Capital: Crítica da Economia Política.** Livro terceiro, O Processo Global da Produção Capitalista, Volume VI, 4 ed. São Paulo: DIFEL, 1985.

_____. **Elementos Fundamentales para la Crítica de la Economía política:** borrador 1857 -1858. Volumen I. México D.F : Siglo Veintiuno, 1989.

_____. **Manuscritos econômico –filosóficos.** São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O Manifesto Comunista.** São Paulo: Martin Claret, 2001.

_____. **A Ideologia Alemã.** Crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas 1845-1846. São Paulo: Editora Boitempo, 2007.

MEDINA, Carlos. **Autodefensas, paramilitares y narcotráfico en Colombia:** origen, desarrollo y consolidación. El caso "Puerto Boyacá". Bogotá: Documentos Periodísticos, 1990.

MEJÍA U., Juan Esteban. ¿Es eficiente el plan Colombia para la Erradicación de los cultivos ilícitos? **Revista Semana.** Bogota, 7 junho 2007. Disponível em <http://www.semana.com/noticias-on-line/eficiente-plan-colombia-para-erradicacion-cultivos-ilicitos/104233.aspx>. Acesso em 16 janeiro do 2008.

MENDOZA, Alberto. **Colombia:** Estado Regional, ordenamiento territorial. Bogotá: Editora Guadalupe, 2000.

MOLANO, Alfredo. **Selva Adentro.** Una Historia Oral de La Colonización del Guaviare. Bogotá: Ancora Editores, 1999.

MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. **Terra-Pátria.** Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Ed. Sulina, 1995.

MULLER, Miguel Matias. **COOPAVA:** a construção do espaço transitório no interior do MST no município de Piratini/RS. Programa de

Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, 2005. (Memorial de Qualificação).

MUSSO, Eduardo. La experiencia Peruana Frente al Problema de las Drogas. In: **Cultivos Ilícitos de Colombia**. Bogotá: Universidad de los Andes, 2000.

NADELMANN, E. Drogas es una guerra que se puede ganar. **Perspectiva** - Revista Latinoamericana de Política Economía y Sociedad. Bogotá, n. 15, dez 2007.

ORTIZ, Iván. **Genocidio político contra la Unión Patriótica**: Nuevas miradas para nuevas lecturas. Bogotá: Universidad Nacional De Colombia, 2006.

PAINTER, James. **Bolivia and coca, a study in dependency**. United the States of America: United Nations University. 1994.

PANDINI, Adelita. **Produção do frango colonial QVALE em Rio do Oeste (SC)**: um espaço avançado da acumulação capitalista. Dissertação (Mestrado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

PBOT, **Plan Básico de Ordenamiento Territorial**. Municipio de San Jose del Guaviare, 2000. Disponível em: <<http://www.guaviare.gov.co>>. Acesso em 08 maio 2009.

PDM, **Plan de Desarrollo Municipal 2008 – 2011, transformación con equidad**, Pedro Jose Arenas, Alcalde. Disponível em: <<http://www.guaviare.gov.co/index.shtml>>. Acesso em 08 maio 2009.

PDM, **Plan de Desarrollo Municipal 2005 – 2008, el San José que queremos**. Marcel Gustavo Torres, Alcalde. Disponível em: <<http://www.guaviare.gov.co/index.shtml>>. Acesso em 08 maio 2009.

POSADA, Francisco; ROSSO, Jose; SANTIS, Sergio. **Ensayos Marxistas Sobre La Sociedad Chibcha y las comunidades de aldea en América precolombina**. Bogotá: Ediciones los comuneros, 1977.

PRADO JUNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1967.

RAMIREZ, Ana. Desplazamiento interno en Colombia, producción académica, política y publica, na coletânea. In: **La academia y el sector rural 2**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2004.

RAMÍREZ, Maria. **Entre el estado y la guerrilla**: identidad y ciudadanía en el movimiento de los campesinos cocaleros del Putumayo. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología e Historia, Colciencias, 2001.

RAMIREZ, William. **La Guerrilla Rural**: ¿una via hacia la colonizacion armada? Bogota: CLACSO, 1981.

REVISTA SEMANA. ¿Para qué ha servido el Plan Colombia? **Revista Semana**. Bogota, 28 maio 2009. Disponível em <<http://www.semana.com/noticias-narcotrafico/para-ha-servido-plan-colombia/124452.aspx>>. Acesso em: 22 maio do 2009.

RIBEIRO, Ana. Sociologia do Narcotráfico na America Latina e a Questão camponesa. In **Narcotráfico e Violência no Campo**. Rio de Janeiro: 2000.

ROCHA, Ricardo; VIVAS, Alejandro. Crecimiento regional en Colombia: ¿Persiste la desigualdad? In **Revista de Economía del Rosario**, vol. 1, n.1, p. 67-108, jan. 1998.

RODAS, Hugo, **Modelo Político-Empresarial de la Cocaína en Bolivia**. La Paz: Plural, 1996.

ROJAS, Jorge; ROMERO, Marco. **Esta Guerra no es Nuestra**. Niños y desplazamiento forzado en Colombia. UNICEF Colombia; CODHES:Bogotá, 2000, 72p. Disponível em: <<http://www.unicef.org.co/conocimiento/guerra.htm>>. Acesso em: 19 outubro 2009.

SANTOS, Milton. **Sociedade e espaço**: a formação social como teoria e como método. In Espaço e Sociedade. Petrópolis: Ed. Vozes, 1979.

_____. **Pensando o Espaço do Homem**. São Paulo: Hucitec, 1982.

_____. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, 1986.

_____. 1992: a redescoberta da Natureza. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 6, n. 14, p.95-106, abril 1992.

_____. **O Espaço Dividido**. São Paulo: Edusp, 2004.

_____. **A Natureza do Espaço**. São Paulo: Edusp, 2006.

THOUMY, Francisco E. **El Imperio de la Droga: Narcotráfico, economía y sociedad en Los Andes**. Bogotá: Editorial Planeta Colombiana SA, 2002.

TIRADO, Álvaro. **Nueva Historia de Colombia**. II Historia Política 1946-1986. Bogotá: Planeta, 1989.

UNDOC. Naciones Unidas Oficina Contra la Droga y el Crimen. **Bolivia: monitoreo de los cultivos de coca**. Junio (2007a). Disponível em: <www.unodc.org/pdf/research/icmp/bolivia_2006_sp_web.pdf>. Acesso em: 13 agosto 2008.

UNDOC. United Nations Office on Drugs and Crime, Annual **Coca Cultivation Survey 2001**, illicit Crop Monitoring System Colombia – SIMCI. Disponível em: <www.unodc.org/pdf/publications/report_2002-03-31_1.pdf>. Acesso em: 13 agosto 2008.

UNDOC. United Nations Office on Drugs and Crime. **Annual Coca Cultivation in the Andean Region a survey of Bolivia, Colombia, Ecuador and Peru**. 2007. Disponível em: <http://www.unodc.org/pdf/andean/Andean_report_2007.pdf>. Acesso em: 28 março 2009.

UNDOC. United Nations Office on Drugs and Crime. **Annual Report 2009**. Disponível em: <http://www.unodc.org/unodc/en/about-unodc/annual-report>>. Acesso em: 16 novembro 2009

UNITED NATIONS. **Informe Anual Del Alto Comisionado De Las Naciones Unidas Para Los Derechos Humanos E Informes De La Oficina Del Alto Comisionado Y Del Secretario General**. Bogota, 2009. Disponível em <http://www.hchr.org.co/documentoseinformes/informes/altocomisionado/Informe2008_esp.pdf>. Acesso em: 19 abril 2009.

VARGAS, R; **Drogas, poder y región en Colombia**. Bogotá: CINEP, 1994.

VILLAVECES, Santiago. Focalizando a fluidez: as vias transversais do narcotráfico na Colômbia. In **Narcotráfico e Violência no Campo**. Rio de Janeiro: 2000.

WOOD, Ellen. **Democracia Contra Capitalismo**. A renovação do Materialismo Histórico. São Paulo: Boitempo, 1995.

ZINN, Howard. **La otra historia de los Estados Unidos**. Havana: Ciencias Sociales, 2006.